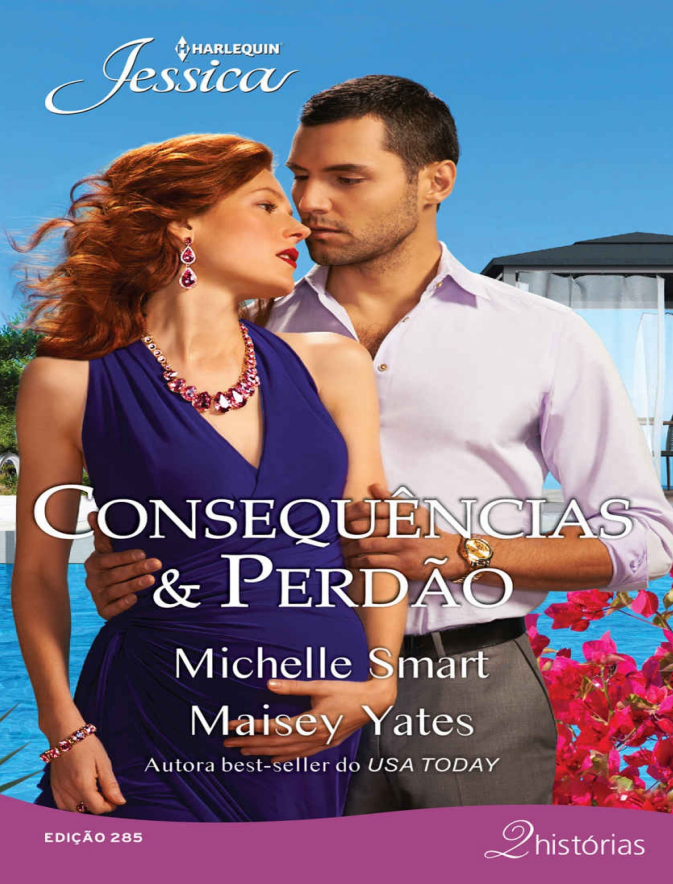


A romantic couple is featured in a tropical setting. The woman, with long, wavy red hair, is wearing a dark blue, sleeveless, V-neck dress and a matching necklace and bracelet. She is looking up at the man. The man, with short dark hair and a light beard, is wearing a light purple button-down shirt and grey trousers. He is looking down at the woman. They are standing in front of a blue swimming pool and a white building with a dark roof. Pink flowers are visible in the bottom right corner.

HARLEQUIN
Jessica

CONSEQUÊNCIAS & PERDÃO

Michelle Smart

Maisey Yates

Autora best-seller do *USA TODAY*



“Você possui uma nova mensagem...”

Catalina nunca tinha saído da linha, até ser arrebatada por uma proposta irresistível: uma noite cheia de paixão com o bilionário francês Nathaniel Giroud. Ela só não sabia que quebrar as regras iria mudar sua vida para sempre. Agora, escondida nas montanhas dos Pirineus, Catalina está determinada a proteger a pequena vida que cresce dentro de si do tormento de uma infância cheia de ordens e rigidez, como a sua própria. Mesmo que para isso ela tenha que desafiar o marido a quem deseja tão desesperadamente!

NOVE MESES PARA O PERDÃO

Maisey Yates

“Eu sou o novo dono da sua empresa.”

Ódio é tudo que Elle St. James consegue sentir quando olha para o homem que um dia considerou seu irmão. Apollo Savas está determinado a destruir as empresas da família St. James, mas ela terá a última palavra no assunto! Elle está determinada a parar Apollo, mas ele sempre foi sua maior fantasia e fraqueza. Um momento de desejo roubado irá obrigá-los a lidar com um futuro inesperado: Elle e Apollo estarão para sempre ligados pelo bebê que ela espera. Agora, será que nove meses podem ser o suficiente para que eles superem o passado e se entreguem ao amor?



Querida leitora,

Uma noite é tudo que basta para engravidar, mas quando nos entregamos a uma noite de desejo sem limites, é impossível pensar no que virá depois!

Mas quando aquela linha certa aparece no teste de gravidez, não é difícil perceber que uma noite de paixão vai ter consequências durante a vida toda.

Só resta uma dúvida: como contar para um homem que você acabou de conhecer que vocês irão partilhar mais do que uma cama?

Leia sobre como Catalina e Elle lidarão com essa notícia nas histórias *Consequências do Desejo* e *Nove Meses para o Perdão* e divirta-se!

Boa leitura!
Equipe Editorial Harlequin Books

Michelle Smart
Maisey Yates

CONSEQUÊNCIAS & PERDÃO

Tradução
Maria Vianna
Tina TJ Gouveia



2017

SUMÁRIO

Consequências do desejo

Nove meses para o perdão

Michelle Smart

CONSEQUÊNCIAS DO DESEJO

Tradução
Maria Vianna

CAPÍTULO 1

— VOCÊ ACERTOU ao desmanchar o noivado – murmurou Nathaniel Giroud, olhando para a pista de dança onde o príncipe Helios e sua esposa rodopiavam harmoniosamente. – Helios não iria fazê-la feliz.

A princesa Catalina Fernandez bebeu calmamente um gole de champanhe. Sua mão tremia levemente.

– Como pode ter certeza?

– Não havia química. – Ele fez uma pausa antes de completar: – Não como a que existe entre nós.

Ela se inclinou para frente e empurrou a cadeira para longe da mesa, deixando um rastro de perfume suave e estimulante .

– Nós não vamos discutir sobre isso. O que você está sugerindo é impossível.

Antes que ela se levantasse, ele a segurou pela mão.

– Por quê?

– Você sabe por quê. – Ela puxou a mão e o encarou. – Eu estou me guardando para o meu marido. Minha pureza será um presente para ele.

– Um presente? – A ideia era tão ridícula que ele quase riu, mas o assunto não tinha graça. Nathaniel pensou no irmão de Catalina, herdeiro do trono de Monte Cleure, que, com a concordância do pai, tinha casos por toda a Europa, entregando-se aos prazeres proibidos à irmã apenas por ela ter nascido mulher.

Por mais que a imprensa oficial tivesse enfeitado a notícia, Catalina fora chutada por Helios, e agora corriam boatos de que ela fora prometida em casamento a um velho duque sueco. Nathaniel não sentia escrúpulos em seduzi-la. Catalina o queria. Ele sabia. E ela também sabia.

– Então, você não passa de uma propriedade? – Ele viu que ela ficou confusa. – É isso que está dizendo? Que não é dona do seu próprio corpo? Que não passa de um receptáculo para a próxima geração?

– Não é assim. Sou uma princesa. A minha vida é essa. Foi para isso que eu nasci.

– Você também é uma mulher.

Ele se inclinou e roçou o braço no dela, querendo convencê-la.

A princesa Catalina era um espécime raro de mulher. Além de ter classe e dignidade, era extremamente bonita. Portava-se com serenidade. Olhar para ela era como ver um quadro ganhar vida. Alta, com cabelo negro e olhos cor de chocolate derretido, ela possuía a pele clara e imaculada como alabastro. Naquele dia, usava um vestido cor de pêssego que ia até os joelhos e realçava seus seios e sua cintura fina, sem exibir um centímetro a mais do que o necessário de carne. O cabelo preso em um coque no topo da cabeça colaborava para lembrar a sofisticação dos anos 1960. Era um estilo que só ela poderia usar.

Parecia não ter defeitos.

Mas, claro que todos têm defeitos, e ele ansiava por descobrir os dela.

Como o pai dela, rei de Monte Cleure, ignorara acintosamente o casamento de Helios, e seu irmão desaparecera de vista com a última namorada, Nathaniel sabia que aquela seria a sua última chance com Catalina.

– Sua primeira vez deveria ser especial. Deveria ser com um homem que a valorizasse, não com algum aristocrata frio que estivesse cumprindo um dever.

– Eu sou uma aristocrata – falou ela, com a voz tão trêmula quanto o tremor que ele percebia em seu corpo.

– Ah, mas você é diferente. Por baixo da aparência fria, seu sangue ferve como lava.

Ao ver que o duque sueco se aproximava da mesa, Nathaniel levantou bruscamente.

– O seu pretenso noivo está vindo para cá. Desconfio que vai tirá-la para dançar.

Ela olhou na direção do duque.

– Ele não é meu noivo. – Catalina suspirou. – Não ainda.

– Então, não há nada que a impeça de dançar comigo. – Nathaniel estendeu a mão para ela.

Catalina engoliu em seco.

– O meu irmão me disse para ficar longe de você.

Ele apostava que sim.

– Você sempre faz o que o seu irmão manda?

– Faço.

– E você sempre *quer* fazer o que é mandado?

Ela sacudiu a cabeça quase imperceptivelmente. O duque estava a alguns passos de distância. De repente, ela segurou a mão que Nathaniel lhe estendia e se levantou graciosamente.

– Uma dança.

– Se você insiste – falou ele, inclinando a cabeça.

– Tem que ser apenas uma. Eu preciso zelar pela minha reputação. Há espiões em todos os lugares.

Para ele, bastava uma dança. Sem lhe dar tempo para mudar de ideia, Nathaniel levou-a para a pista de dança e deixou o duque olhando para as costas dos dois e coçando a cabeça calva.

Assim que encontrou um espaço, Nathaniel segurou a mão dela, puxou-a e passou o outro braço por sua cintura, apoiando a mão em suas costas nuas. Sua pele era macia e sedosa.

Catalina se encaixava perfeitamente em seus braços.

Os saltos lhe davam mais altura, e ela podia apoiar a cabeça perfeitamente na curva do pescoço dele, e seus sentidos se aguçavam ao sentir o perfume do cabelo dela.

Ele apertou-a contra o corpo, de modo que ela pudesse sentir as batidas aceleradas do seu coração.

– Relaxe – disse ele, acariciando-lhe as costas. – Eu não mordo.

Bem que eu queria que mordesse...

Durante seu breve namoro e ainda mais breve noivado com Helios, eles tinham dançado juntos várias vezes. Mas Catalina nunca se sentira daquele jeito. Seu coração batia tão forte que parecia querer sair do peito.

O calor que se instalara em sua parte mais íntima sob o olhar ardente e constante de Nathaniel se espalhara pelo seu corpo, despertando um desejo que a eletrizava e apavorava na mesma proporção.

Ela presenciara uma cena de desejo aos 15 anos, quando não passava de uma adolescente impressionável. E a beleza daquele momento contrabalançara com o terror de ver *quem* estivera presa nas garras do desejo, despertando algo dentro dela. Uma ânsia, um querer...

Quem dera ela tivesse sentido isso por Helios... Mas não havia química entre os dois. E entre ela e o duque havia ainda menos.

Sua pele vibrava sob o toque de Nathaniel. Ela sentia cada saliência da sua mão, cada ponta de seus dedos. Aquela ânsia, aquele querer... Ela estava sentindo.

Mas, logo, a dança acabou.

Catalina respirou fundo e tentou se afastar, mas ele a segurou.

– Eu vou passar a noite na mesma ala do palácio que você – sussurrou ele, junto ao seu ouvido.

– O quê...? – Ela mal conseguia respirar ou falar. – Como você sabe em que ala eu estou?

– Eu me dei o trabalho de saber. – Ele respirou profundamente, e ela sabia que ele absorvia seu perfume avidamente.

Ele se afastou, ainda segurando a mão dela e encarando-a.

Aos 35 anos, Nathaniel tinha o rosto marcado por rugas e sulcos, um corpo firme e esbelto, típico de quem apreciava a vida ao ar livre. Seu nariz era forte e saliente, seus olhos verdes sempre brilhavam divertidamente e sua boca generosa sorria constantemente, provocando uma covinha na bochecha esquerda. E, coroando isso tudo, havia o cabelo castanho, que se recusava a ficar no lugar.

Ele possuía um magnetismo que ela sentira desde o momento em que o conhecera, há muitos anos.

Ele fora o único homem com quem ela já pensara em...

– Eu vou até o seu quarto durante a madrugada. – Ele lhe beijou os dedos. – Como sei que a sua dama de companhia ocupa o quarto ao lado, não vou bater na porta. Você decidirá o nosso destino. Se não abrir a porta, volto para o meu quarto e você pode fingir que eu nunca estive lá. Mas, antes de decidir, pergunte a si mesma quando foi a última vez que você fez algo por si mesma, e não por dever. Você é uma princesa, Catalina, mas esta noite, posso ensiná-la a também ser uma mulher.

Dito isso, ele soltou a mão dela, cumprimentou-a e se retirou.

TRÊS SEMANAS depois

O bastão com um traço rosado parecia debochar da princesa Catalina Fernandez.

Feliz Natal, Catalina. Eis aqui o seu presente.

Toda o equilíbrio que ela levava 25 anos cultivando desapareceu. Ela só sentia o terror consumindo-a de dentro para fora.

Dois abençoados minutos em que Nathaniel entrara em seu corpo sem proteção antes de se afastar e colocar um preservativo. Dois minutos de loucura.

O que ela faria?

A náusea voltou e ela vomitou, mas seu estômago já estava tão vazio que ela só expelia bile.

Catalina escovou os dentes pela terceira vez, mas ainda sentia um gosto amargo na boca. Enxugou o rosto, se olhou no espelho e tentou sorrir. Dentro de seis horas se juntaria à família para a festa de Natal. Tios, tias, primos, os que trabalhavam ou não no palácio. Todos estariam presentes.

Uma batida na porta do quarto fez com que ela recuperasse o controle. Marion, sua prima e principal dama de companhia, que lhe trouxera o café no qual ela não tocara, estava voltando para preparar seu banho.

Catalina não poderia confiar nela. Marion tinha um ar traiçoeiro que nunca a agradara. Quando chegara a hora de escolher suas damas de companhia, Marion lhe fora imposta. Em um palácio cheio de empregados, aqueles que atendiam a família sempre eram parentes, e a mãe de Marion era irmã de seu pai.

Catalina contou até cinco, se recompôs e voltou para o quarto. Não daria nenhum sinal de que algo estava errado.

– Entre – disse ela, sentando-se diante da penteadeira.

Mas quem entrou não foi Marion, e sim seu irmão, Dominic. E não havia nada de alegre em sua expressão.

– Então, é verdade – disse ele suavemente, fechando a porta. – Você está grávida.

Se ela não estivesse sentada, teria caído. Mal fazia meia hora que o teste dera positivo. Ela sabia que não poderia manter segredo por muito tempo, mas esperava ter alguns dias.

Catalina apertou os lábios e concordou com a cabeça. Não adiantava mentir ou perguntar como ele soubera. O conceito de privacidade não se aplicava às mulheres da Casa dos Fernandez. Não podendo confiar em Marion, ela fora forçada a pedir a Aliana, sua prima em segundo grau e também dama de companhia, que fosse comprar um teste de gravidez. Com 18 anos recém-completados, Aliana prometera segredo e saíra a pretexto de fazer compras de última hora para o Natal.

Mas no palácio era difícil manter segredo por muito tempo, porque o rei e seu herdeiro mantinham uma rede de espões que lhes passavam informações potencialmente vantajosas.

Ela mantivera sua preciosa aventura em segredo porque não a revelara a ninguém.

Dominic analisou-a com ar crítico e, inesperadamente, deu-lhe uma forte bofetada.

– Feliz Natal.

Catalina não reagiu e nem tocou o rosto que ardia. Qualquer reação teria dado a ele exatamente o que queria.

Dominic adorava fazê-la chorar e se alimentava disso. Ela não chorava diante dele há 7 anos, desde o enterro da mãe.

De repente, Catalina desejou desesperadamente que sua mãe estivesse ali, para poder se abraçar a ela e ouvir suas palavras de conforto. Como sentia falta da sua voz doce e de seu sorriso carinhoso!

Chegou a desejar que Isabella estivesse presente, mas sua irmã mais nova fugira do Natal com os Fernandez e fora passar as festas com a família do marido.

– Quem é o pai?

Catalina comprimiu os lábios.

– Uma Imaculada Conceição? Que conveniente... – Dominic retorceu a boca em um sorriso odioso. – Nathaniel Giroud?

Apesar de não querer, ao ouvir o nome dele, ela não conseguiu evitar um estremecimento.

– É ele. – A cólera estampada no rosto de Dominic fez com que ela se preparasse para outro ataque.

Mas Dominic se inclinou e se aproximou tanto que ela pôde sentir seu hálito rançoso.

– Sua vadia barata.

Catalina não reagiu. Reagir só pioraria as coisas. E ela nem se encolheu ao sentir a saliva de Dominic atingir seu rosto.

– Já não bastava que, apesar do comunicado que publicamos, todos soubessem que Helios trocou você, uma princesa de sangue azul, por uma plebeia? Você ainda teve que abrir as pernas para aquele pedaço de lixo...? – falou ele grosseiramente. – Sabia que Johann pretendia pedi-la em casamento ao nosso pai? Mais uma esperança arruinada.

Catalina sentiu o fel subir à garganta, quase sufocando-a.

– Você está arruinada, sabia? Agora você é artigo de segunda mão e Johann não vai querê-la.

Catalina não conseguia respirar.

– Giroud também não vai querê-la. Ele dormiu com você para me provocar. Para ele, você foi apenas uma jogada e uma transa fácil. Eu lhe disse para ficar longe dele e, agora, você vai ser castigada. – O rosto de Dominic estava contorcido de raiva. – Papai vai querer falar com você. Ele vai resolver o que será feito e quais serão as consequências.

Ele fez menção de sair, mas parou, se voltou e lhe deu uma bofetada no outro lado do rosto.

– Isso é por ter me desobedecido quando a mandei ficar longe de Nathaniel Giroud.

Dominic ajeitou a gravata e deixou o quarto.

Sozinha, Catalina fechou os olhos e respirou profundamente. Os gritos continuavam a soar em sua cabeça.

Ela colocou a mão sobre a barriga e se forçou a olhar para o espelho. Nos dois lados do seu rosto se viam as marcas vermelhas dos dedos de Dominic.

Ela tentou disfarçá-las aplicando um pouco de base, antes que Marion aparecesse.

Respire, Catalina, respire.

Quando Nathaniel saía do seu quarto naquela manhã, há três semanas, ela sentira uma estranha tristeza ao ver a porta se fechar. Desde então, não tivera mais notícias dele. E nem esperara ter. Os dois sabiam que seria apenas uma noite.

Mas ela estivera atraída por ele durante anos.

Amigo dos príncipes Kalliakis, Nathaniel frequentava os mesmos eventos que ela, que sempre fora atraída por sua personalidade carismática. Toda vez que seus olhares se encontravam, ela sentia um frio na barriga, e toda vez que se cumprimentavam com dois beijinhos no rosto, ela se arrepiava. Mas nunca ousara pensar no que isso queria dizer. Os dois faziam parte do mesmo círculo social, mas não eram amigos. Uma princesa da Casa dos Fernandez não podia ter amigos homens.

Até o casamento de Helios, quando Nathaniel resolvera agir como seu anjo da guarda durante o que deveria ter sido a festa do *seu* casamento, os dois não tinham trocado nada além de gentilezas.

Ele era extremamente reservado, e ela só sabia que ele perdera os pais muito cedo, em um acidente, que fora criado por um tio e que frequentara o mesmo internato que Dominic e os príncipes Kalliakis. Sabia que ele possuía uma cadeia de hotéis, empreendimentos imobiliários e o sofisticado e exclusivo Clube Giroud, e que ele se fizera sozinho. Antes de completar 30 anos, Nathaniel se tomara um dos homens mais ricos da França. Sociável e charmoso, ele era reconhecidamente mulherengo e festeiro, e aproveitava ao máximo o estilo de vida proporcionado por sua fortuna.

Mas, naquele dia, ele lhe mostrara um outro lado. Percebera a sua vulnerabilidade e resolvera ajudá-la a enfrentar o casamento. E, se a sua intenção fora levá-la para a cama, Catalina não se importara. Também o queria. Por uma vez na vida, ela mandara a cautela para o inferno e assumira um lado seu que sempre reprimira.

Ainda que não fosse uma princesa e ele um plebeu odiado por seu irmão, ela nunca teria esperado mais do que uma noite com Nathaniel, porque ele era avesso a compromissos.

Mas não conseguira tirá-lo da cabeça. Toda vez que fechava os olhos, ela o via. Sentia o seu gosto, sua pele sob os dedos e, na reclusão do seu quarto, revivia a noite que haviam passado juntos.

Catalina presumira que voltaria a vê-lo em algum evento, que iriam se cumprimentar com dois beijinhos, mas que, talvez, ele demorasse a mão sobre seu braço, como se lembrasse daquela noite. E presumira que guardaria o segredo dos dois para sempre.

Ela sempre soubera que sua virgindade era sagrada, que deveria ser preservada para a noite de núpcias. E, durante 25 anos, aceitara esse fato.

Era uma princesa. Tinha uma vida de riqueza e privilégios. Representava a Casa dos Fernandez e deveria se casar com alguém que fortalecesse os costumes sociais e o poder da família. Sempre se comportara com decoro e, até então, jamais falhara. Nunca se queixara por seu irmão ter liberdade para fazer o que quisesse e por ele e seu pai serem tolerantes com o comportamento rebelde de sua irmã Isabella.

Dominic jamais levantara um dedo contra Isabella.

Catalina jamais fizera algo que não fosse em benefício da Casa dos Fernandez. Nem uma vez.

E então, fizera.

Renunciara ao seu dever por uma noite proibida, e pelo resto da vida, seria punida por aquele momento de loucura. Só não sabia qual seria o seu castigo.

NATHANIEL DETESTAVA a época de Natal. Toda aquela boa vontade falsa, o espírito comercial, a proximidade forçada dos chamados entes amados.

Mais que tudo, a época o lembrava de que, há 28 anos, perdera as três pessoas a quem mais amava. Nas manhãs de Natal, quando tradicionalmente se abriam os presentes, deixando os papéis espalhados, ele sentia a sua perda tão intensamente quanto sentira na primeira manhã em que despertara sem aquelas pessoas.

Naquele ano, ele escolhera a sua casa em Monte Cleure para passar as festas. Além de seus mais recentes empreendimentos estarem ali, durante o inverno, a temperatura era mais amena pelo fato de Monte Cleure estar localizado ao sul da França, perto da fronteira com a Espanha, não existindo possibilidade de nevar.

Há 28 anos ele evitava a neve.

O único sinal de festividade em seu apartamento era uma garrafa vazia de uísque no chão, ao lado do sofá onde ele percebeu que dormira ao ser bruscamente acordado, na manhã seguinte ao dia de Natal, pelo som estridente do interfone.

Nathaniel sentou e segurou a cabeça que latejava, amaldiçoando-se por não ter ido para a cama. Se não tivesse dado folga aos empregados para que eles passassem as festas com suas famílias, um deles iria atender.

Ele levantou e atendeu o interfone.

– Sim? – resmungou ele. Avisara ao porteiro que não queria ser perturbado até o dia seguinte, quando a agitação do Natal já teria passado.

– Senhor Giroud, Sua Alteza, o príncipe Dominic da Casa dos Fernandez, deseja vê-lo.

– O que ele quer?

– Não cabe a mim perguntar – sussurrou o porteiro. Nathaniel podia ser proprietário do edifício, mas o príncipe era o herdeiro do trono do país.

– Deixe-o subir.

Enquanto esperava, Nathaniel foi até a cozinha e bebeu quase meio litro de água. A visita de Dominic não anunciava nada de bom.

Quando ele abriu a porta, Dominic entrou intempestivamente, acompanhado por um guarda-costas.

– O que posso fazer por você, Dominic? – Nathaniel deliberadamente não usou o seu título, deu-lhe as costas e se dirigiu à sala. – Veio festejar o Natal comigo? – Como não houve resposta, ele prosseguiu: – Posso lhe oferecer uma bebida?

– Pela sua aparência e cheiro, você já bebeu demais – resmungou Dominic agressivamente. Parecia um gorila querendo provar sua superioridade.

Se a cabeça não lhe doesse tanto, Nathaniel teria achado graça.

– Se eu soubesse que você viria, teria tomado um banho. Então, uma bebida?

– A minha visita não é social.

– Não achei que fosse. Mas creio que até a mais maçante conversa sobre negócios pode ser adoçada por uma xícara de café. – E faria bem à sua dor de cabeça.

– Eu também não vim falar sobre negócios.

– Então, por que não me diz o que é tão urgente para você vir à minha casa sem avisar?

– Sua casa?

– Comprada e paga. A escritura do edifício Ravensberg está com o meu advogado, se você quiser vê-la...? – Nathaniel não pagava aluguel desde que o proprietário do apartamento onde morava, quando tinha 17 anos, se recusara a consertar o sistema de aquecimento durante um inverno particularmente frio.

Ele gostava de comandar seu destino, de não depender de ninguém. Todas as suas propriedades comerciais e pessoais, e tinha tantas que perdera a conta, lhe pertenciam exclusivamente. Não devia um centavo a alguém ou a bancos. Ninguém poderia lhe tirar o que tinha. Podia contar com tijolos e cimento: eram materiais permanentes em um mundo frágil, cheio de horrores.

– Escrituras só têm valor se você possui a terra em que a propriedade foi construída. Veja a obra que você está construindo no meu país, por exemplo.

– Claro – concordou Nathaniel amavelmente. Sabia como Dominic ficara furioso pelo fato do pai tê-lo ignorado e concedido todas as permissões necessárias para a construção.

– Mas você deveria usar outro exemplo para provar seu argumento. Eu sempre compro o terreno onde vou construir.

Nathaniel estava construindo um complexo de hotel e edifício comercial que seria o maior ponto de referência de Monte Cleure. Era o seu projeto mais arrojado, imponente e bonito. A revista *Architect Monthly* o classificara como potencial candidato à “Construção da Década”.

Ele já investira cem milhões de euros na obra e esperava gastar outro tanto até o fim do projeto.

– Por que não paramos de dar voltas e você me diz o motivo para estar aqui, para que eu possa voltar para a cama?

– A minha irmã.

– Qual delas? – Nathaniel perguntou com indiferença, apesar de sua cabeça imediatamente começar a funcionar.

Dominic inflou como um balão e seu olhar se tornou maldoso e ameaçador.

– Catalina.

Nathaniel tentou se manter impassível.

Não contara a ninguém sobre a sua noite com a princesa. Nem por um instante achava que Catalina tivesse dito alguma coisa, porque ela tinha uma imagem virginal a proteger. Desde o momento em que o deixara entrar em seu quarto, ela enfatizara que aquilo era algo que nunca deveria ser mencionado.

Fora uma aventura de uma noite perfeita, em que não houvera o perigo de que, no dia seguinte, a mulher insinuasse que poderiam se encontrar novamente.

Ele saíra do quarto de Catalina ao raiar do dia, e os dois sabiam que o beijo de despedida seria o último. A noite fora incrível, mas nunca iria se repetir.

Dominic deveria estar tentando pescar algo. Seus espões provavelmente tinham lhe dito que Catalina dançara com ele no casamento de Helios.

Nathaniel não a vira mais. Catalina não comparecera à coroação de Helios e Amy na semana anterior. Ele investigara discretamente e ficara sabendo que ela tivera um mal-estar estomacal...

Um arrepio gelado subiu pelas costas de Nathaniel.

Ele sentou, se encostou no sofá e respirou fundo.

– O que tem ela?

Os olhos de Dominic brilharam maldosamente.

– Ela está grávida.

CAPÍTULO 2

O CORAÇÃO DE Nathaniel falhou.

Sua cabeça girava, e ele levou um tempo para conseguir falar.

– Catalina está grávida?

Ele se lembrou imediatamente dos minutos gloriosos em que desprezara anos de cuidado e entrara em seu corpo sem preservativo.

O que estivera *pensando*?

Podia ser brincadeira. Uma armadilha. Dominic jamais escondera que o odiava. Desde os tempos de escola, a inimizade entre os dois fora uma constante.

– Sim, maldito playboy. A minha irmã *virgem* está grávida e você é o pai.

A maneira como Dominic enfatizou a palavra *virgem* fez com que Nathaniel tivesse vontade de socá-lo. Mas ele afundou no sofá, apoiou um tornozelo sobre a outra perna e cruzou os braços, sabendo que sua postura irritaria mais Dominic do que qualquer reação violenta.

– O que o faz pensar que eu sou o pai?

– Ela admitiu. Pediu a uma das damas de companhia que comprasse um teste de gravidez. Uma outra, mais leal à Casa dos Fernandez, desconfiou, encontrou a embalagem escondida nos aposentos de Catalina e imediatamente me avisou.

Todos os xingamentos que Nathaniel aprendera em várias línguas lhe passaram pela cabeça.

– Catalina fez o teste ontem de manhã. Nosso médico particular também fez um exame e deu positivo. Feliz Natal. A minha irmã está grávida e você é o pai.

– Onde está ela? – Ele não acreditaria em nada que Dominic dissesse, muito menos quando se tratava de algo tão importante. – Quero vê-la.

- Ela está no palácio. Como pode imaginar, a notícia quase arruinou o nosso Natal.
- Pobrezinhos.
- Eu e papai discutimos o assunto longamente. Catalina continuará a fazer parte da Casa dos Fernandez, mas para isso, precisamos reparar essa situação. Você deve se casar e ficar com ela por algum tempo para legitimar a criança.

Nathaniel riu.

Estaria tendo um pesadelo induzido pelo álcool?

- Ah, eu estou falando muito sério – disse Dominic, sentando-se e esticando as pernas. – Você se casará com ela, ou a escritura do terreno do seu empreendimento será anulada e o palácio tomará posse da construção. O mesmo acontecerá com o Edifício Ravensberg.

- Você está me ameaçando?

Dominic hesitou, claramente irritado com a calma de Nathaniel.

- Eu só estou esclarecendo as coisas. Posso expulsá-lo de Monte Cleure com um simples estalar de dedos.

- Tenho certeza de que pode.

- A estupidez de algumas pessoas me espanta.

Nathaniel sacudiu a cabeça tristemente.

- E pensar que alguém iria ameaçar confiscar terras legalmente adquiridas e suspender um empreendimento que iria incrementar a economia de Monte Cleure... Por que alguém faria esse tipo de ameaça? Se soubessem que terras legalmente adquiridas podem ser confiscadas por capricho de um tirano, quem iria querer investir aqui?

Dominic ficou muito vermelho.

- Nada me daria mais prazer do que confiscar suas terras, expulsá-lo do país e mandar as consequências para o inferno. Em pouco tempo, iríamos nos recuperar de qualquer prejuízo financeiro. Mas o meu pai não vai admitir a existência de um bastardo na Casa dos Fernandez. Catalina já envergonhou a família o suficiente, sem...

- Como? Rompendo o noivado com Helios? – Nathaniel perguntou com sarcasmo. – Ela deveria ter se casado com ele, sabendo que ele amava outra?

- Nós dois sabemos que Helios terminou o noivado. Se Catalina tivesse cumprido o seu dever e lhe despertado interesse, nunca teria sido trocada por uma plebeia e, hoje, seria Rainha de Aгон.

Nathaniel se conteve para não dar um soco na cara de Dominic.

- A sua irmã passou a vida inteira cumprindo deveres.

– E evidente que não, ou não estaríamos tendo esta conversa. – Dominic se endireitou na cadeira. – Não foi apenas Helios. Papai tinha encontrado outro pretendente para ela.

– O duque sueco? – Nathaniel reparou que Dominic não gostara de ele ter tido acesso a essa informação.

– Sim, outra excelente perspectiva arruinada. Por mim, Catalina seria renegada, mas o meu pai acha que ela ainda é valiosa para a família e quer lhe dar uma chance de se redimir. É aí que você entra. Ou você se casa com ela, ou ela *será* renegada. Será expulsa do palácio, sem um tostão para sustentá-la.

Nathaniel deu de ombros.

– Faça isso. Eu vou sustentá-la e ao bebê.

A maldade de Dominic se mostrou tão claramente que quase faiscava.

– Como? Catalina não poderá sair do país. Seu passaporte será confiscado. Ela não poderá abrir conta em banco algum. Não terá dinheiro e nem onde morar, e você será deportado e impedido de voltar a Monte Cleure. Se colocar os pés no país, a sua prisão será imediatamente decretada.

– Você faria isso com a *sua* irmã? – Nathaniel pensou em sua própria irmã, que morrera no acidente, junto com os pais. Se estivesse viva, ela teria 33 anos. Ele não se lembrava dela claramente, mas se lembrava da intensidade do relacionamento entre os dois. E ficava enojado por Dominic ser tão cruel com seu próprio sangue.

De repente, ele se sentiu culpado.

A culpa era sua. Deveria ter deixado Catalina em paz. Aproveitara-se da sua vulnerabilidade durante o casamento em que ela deveria ter sido a noiva. Poderia tê-la deixado sozinha, mas a possibilidade de levar a única mulher que ele considerava inatingível para a cama fora irresistível. E mesmo saber que ela era virgem não conseguira detê-lo.

Mas ele não previra *aquela* consequência.

E Catalina...

Ela deveria estar apavorada.

Ninguém pode saber. Fora o que ela sussurrara ao deixá-lo entrar em seu quarto, apontando para a porta do quarto vizinho onde dormia a sua dama de companhia.

Fora como um jogo. Um jogo com resultados imprevisíveis.

– Você esquece quem manda nesse país. Isso não é uma democracia. A palavra do meu pai é lei. Não há para quem apelar.

– Você está adorando isso tudo, não está? – Nathaniel se agarrou ao resto de calma que lhe restava. – Está se vingando por causa de Jenna.

- Nada tem a ver com Jenna.
- Espero que não. Aconteceu há quase 20 anos.
- E daqui a vinte anos eu ainda vou odiá-lo por isso. Jenna era *minha*.
- O que posso dizer? – Nathaniel deu de ombros. – Ela se jogou em cima de mim.

A escola secundária feminina vizinha fora convidada para a festa de Natal no internato em que eles estudavam. Os hormônios haviam explodido.

Quando Dominic irrompera no quarto, ele e Jenna estavam seminus. O chefe do dormitório interrompera a briga entre os dois rapazes e os levava à presença do diretor. Dominic fora mandado para a cama e Nathaniel, cuja família não tinha títulos, poder ou dinheiro, fora expulso da escola.

Fora mandado para a França, de volta à casa dos tios.

Aquela noite de agitação e de hormônios descontrolados dera início a uma cadeia de eventos que ainda afetava a vida de Nathaniel. E era inadmissível que aquele incidente ainda tivesse potencial para destruir a vida de Catalina.

– Você sempre foi um odioso bastar... – Dominic se lembrou de que o guarda-costas estava encostado no canto da sala e ficou vermelho como um tomate. – Não se trata de Jenna ou da minha irmã. Trata-se da Casa dos Fernandez.

– Da qual Catalina é um membro leal.

– Não com um filho bastardo no ventre. A não ser que você se case com ela e legitime a gravidez, ela não será *nada*. Não terá valor algum.

Nathaniel pensou depressa. A exigência de que ele se casasse com Catalina era do rei, pai de Dominic. Ele não podia arriscar a segurança de Catalina e do serzinho que ela carregava no ventre. Se ela gestava seu filho...

– Diga-me quais são seus planos para ela – pediu Nathaniel.

– Você e ela ficarão casados por tempo suficiente para a criança nascer e ser legitimada. Talvez um ano. Depois disso, irão se divorciar, e Catalina se mostrará arrependida por ter se casado com um cafajeste inútil. O casamento não apenas dará legitimidade à criança, mas também irá restaurar a dignidade de Catalina e permitir que procuremos um marido adequado para ela.

– Vocês insistem em casá-la por conveniência? – Nathaniel não acreditava que eles pudessem chegar a tanto. – Para vocês, ela não passa de um objeto.

Dominic ficou irritado.

– Ela aceita isso e reconhece o seu lugar, sua posição.

Nathaniel trincou os dentes.

– Se eu concordar, quero ter todos os direitos sobre a criança.

– Você está esquecendo quem manda aqui.

Nathaniel se inclinou e encarou Dominic com firmeza.

– Posso sair daqui, embarcar no meu jato e desaparecer. Você e o seu segurança não têm como me impedir.

Dominic engoliu em seco e Nathaniel conteve um sorriso de satisfação. Com todo o seu ar de superioridade e a sua crueldade, o príncipe era mole como gelatina. Um pouco mais baixo que ele, Dominic era gordo, flácido e provavelmente pesaria 120 kg antes de chegar aos 40 anos. Seu guarda-costas era forte e musculoso, mas não deveria estar acostumado a que o atacassem.

– Se Catalina concordar com as suas exigências, eu me caso com ela, contanto que meus direitos de pai sejam garantidos e que você entenda que eu não vou passar nem uma noite sob o teto do palácio.

Se ela estava grávida, e não tinha por que pensar que Dominic estivesse mentindo, porque era algo muito fantástico para ser inventado por um neandertal, ele seria pai.

Dominic fez uma careta.

– Nisso, concordamos. Você acha que iríamos querer um homem como você no Palácio Real de Monte Cleure? Enquanto estiverem casados, Catalina irá morar com você. Considere isso um castigo para os dois.

Sabendo que, se ficasse mais um minuto com Dominic, iria socá-lo, Nathaniel levantou.

– Diga ao seu pai que esta noite irei ao palácio para conversarmos... Pensando melhor... – Ele tirou o celular do bolso. – Eu vou dizer a ele pessoalmente. Agora, se me dá licença, vou cair na cama. Vocês podem sair sozinhos, por favor.

Com isso, ele se dirigiu a seus aposentos, sorrindo ironicamente ao ouvir a porta bater violentamente.

O sorriso durou apenas alguns segundos.

O latejar na cabeça se tornara terrível.

SENTADA NA sala de estar particular da família, Catalina tamborilava os dedos sobre o braço da cadeira e olhava para as paredes, sem vê-las. Fazia mais de duas horas que estava ali, como seu pai ordenara.

Apesar de menos violenta que a reação do irmão, a cólera do pai a assustara. Depois de 25 anos de comportamento impecável, a filha perfeita desmanchara o noivado que ele levara décadas planejando. E então, quando ele lhe arranjava outro marido conveniente, ela engravidara de um plebeu notoriamente mulherengo. Suas desculpas pela vergonha

que causara à família tinham caído em ouvidos moucos. Duvidava que o pai fosse perdoá-la.

– Você terá que se casar com ele – dissera o rei friamente. – É o único modo de amenizarmos o escândalo de você ter engravidado como uma mulher vulgar. E você não irá recusar. Vai se casar com aquele pedaço de lixo e legitimar o bastardo que está gestando.

Ela ficara ali, suportando o abuso, recusando-se a demonstrar qualquer emoção, mas, por dentro, gritava.

Seu filho não era um bastardo. Era uma criança inocente.

E Nathaniel podia ser um mulherengo, mas não era um pedaço de lixo. Fizera fortuna trabalhando, não herdara seu dinheiro por uma contingência de nascimento.

Os festejos de Natal tinham prosseguido conforme o planejado, mas a atmosfera fora venenosa. Catalina sabia que todo o palácio conhecia a sua situação. Provavelmente, graças a Marion, que lhe lançara olhares de compaixão durante todo o jantar, como se não tivesse sido ela quem contara a seu irmão.

Catalina esperara que uma noite de sono tivesse acalmado o pai, mas sua esperança se dissolvera quando ele mandara Lauren, sua secretária particular, avisá-la de que ela iria jantar com Marion na sala de estar e ficar ali até segunda ordem.

Dominic envenenara o pai contra ela. O fato de ele ter levado 25 anos para atingir seu objetivo não lhe servia de consolo.

Marion abandonara seu posto durante vinte minutos e voltara para avisá-la de que Nathaniel havia chegado e que estava conversando com seu pai.

Isso fora há uma hora.

A onda inicial de excitação que ela sentira já se dissolvera. Seus nervos estavam tensos e o tempo demorava tanto a passar que foi um alívio ver Dominic entrar na sala.

– Deixe-nos a sós – disse ele a Marion.

Catalina sabia que a prima ficaria rondando a porta, na esperança de escutar algo que pudesse espalhar pelo palácio.

– Ele concordou em se casar com você – disse Dominic, parando diante dela com os braços cruzados, sem disfarçar sua fúria.

Catalina sabia que, por ele, ela teria sido renegada vergonhosamente. Se ela tivesse engravidado de outro homem, as coisas seriam diferentes. Dominic a odiava, mas Nathaniel era sua nêtese.

– Vocês se casarão em duas semanas. Enquanto conversamos, os detalhes estão sendo resolvidos.

Ela não respondeu. Seu envolvimento e seu consentimento eram irrelevantes. Seu consentimento era raramente pedido. Mas ainda assim...

Pela primeira vez, em dois dias, ela respirou livremente. Não tivera certeza da concordância de Nathaniel. Ele era um lobo solitário avesso a relacionamentos, não um homem que se deixasse intimidar até mesmo por um rei. Que ele tivesse assumido a responsabilidade e concordado em se casar com ela...

Catalina se arrepiou de excitação e seu coração bateu mais forte.

Iria se casar com Nathaniel.

Nem em seus sonhos mais loucos imaginara isso. Ele fazia parte do seu círculo, mas era um plebeu recebido com gentileza e mantido a distância. Sempre fora considerado muito abaixo do que a família esperava dela.

Ela fora educada para fisgar um dos príncipes Kalliakis, homens que se igualavam a ela em posição social. E nunca ousara admitir que Nathaniel era o único homem por quem já se sentira fisicamente atraída.

Fazer amor com ele superara tudo que ela imaginara.

Só de pensar em seu toque, o sangue dela aquecia, e entrava em ebulição quando ela imaginava como seria dormir com ele novamente.

– Os advogados estão a caminho – disse Dominic, olhando para o relógio.

– Para quê?

– Para redigir o contrato.

Ah, sim, o contrato.

– Como conseguiu convencê-lo a concordar? – Ela não conseguiu disfarçar a esperança de que Nathaniel tivesse concordado sem ser coagido e, mais, de que ele tivesse insistido que o casamento fosse de verdade.

Dominic deu o mesmo sorriso cruel que dera ao lhe contar que seu cãozinho de estimação morrera.

– Ah, a bela Catalina está esperando um casamento cheio de nuvens cor-de-rosa. Odeio desiludi-la, mas Giroud tomou essa decisão pensando nos negócios. Eu disse a ele que, se ele não concordasse, seria expulso de Monte Cleure e seus negócios seriam confiscados.

Ela ficou gelada.

– Então, você precisou chantageá-lo.

– Você achou que ele iria *querer* se casar com você? – Dominic riu. – Ele só concordou depois de ter certeza de que o casamento só iria durar um ano.

Antes que ele pudesse continuar, um secretário apareceu na porta e informou que Nathaniel acabara de falar com o rei e que viria encontrá-los.

Dominic dirigiu um sorriso vingativo para a irmã.

– Ele não quer casar com você, bela Catalina. Ele não se importa que, logo depois do divórcio, você se case novamente. Não está interessado no filho de vocês. Você deve ver esse casamento como um acordo de negócios. A sua parte do trato é preservar a honra da Casa dos Fernandez.

Catalina o encarou demoradamente e, depois, inclinou a cabeça.

– Vou me lembrar disso.

– Ótimo. Esta é a sua chance de se redimir. – Dominic olhou para a porta. Catalina sentiu um baque no coração ao ver Nathaniel entrando na sala como se estivesse acostumado a circular pelos aposentos particulares do palácio.

– Que lugar agradável – falou ele debochadamente.

Se suas emoções não fossem tão contraditórias, ela teria rido da irreverência.

Nathaniel não olhou para ela. Concentrou-se em Dominic.

– Deixe-nos a sós.

Se não tivesse sido treinada para não demonstrar emoções desde que nascera, ela teria rido histericamente. A única pessoa que ela já vira dando ordens ao irmão tinha sido o pai, que certamente não usava aquele tom indolente, quase de desdém.

Dominic ficou vermelho. Muito vermelho. Catalina pensou que ele iria soltar fumaça pelas orelhas.

– Eu quero falar com a sua irmã a sós – completou Nathaniel. – Não podemos falar livremente sem ter privacidade.

– Você tem cinco minutos.

– Dez.

Para surpresa de Catalina, Dominic comprimiu os lábios e saiu intempestivamente da sala.

Ela se agarrou aos braços da cadeira, tentou aparentar serenidade e manteve o olhar vago de que sempre se servira com proveito.

Olhos verdes fitaram os dela. Nathaniel sentou na poltrona do lado oposto. Sua irreverência deixara a sala junto com Dominic. Tudo que ela via em seus olhos era uma fria contemplação, que dava a impressão de que ele estava com uma tremenda ressaca.

– Então, é verdade. Você está grávida. – Sem saber, ele repetira o que Dominic dissera a ela no dia anterior.

Teria sido realmente no dia anterior? Tinham sido os dias mais longos da sua vida, e ainda não tinham acabado.

– Dá para perceber?

Ele sorriu.

– Você tem algo de diferente. Se eu não soubesse que está grávida, acharia que você está se sentindo mal. *Está?*

– Não propriamente. Só sinto um pouco de enjoo.

– Foi por isso que não foi à coroação de Helios e Amy?

– Pensei que estava com gastrite.

– Para quando é o bebê?

– O médico acha que é para fim de agosto. O ultrassom vai dizer com mais certeza.

– E você está feliz por se casar comigo?

– A minha felicidade é irrelevante – falou Catalina friamente. – Além disso, será apenas por um ano.

– E você concorda com os planos do seu pai, de casá-la novamente assim que nos divorciarmos?

– Concordo com o que for melhor para a minha família e para a Casa dos Fernandez.

Nathaniel observou-a atentamente, procurando alguma rachadura em sua armadura elegante. Não encontrou. A mulher apaixonada que saíra da sua concha por uma gloriosa noite desaparecera. A princesa que ele conhecera a distância, por tantos anos, recolocara sua máscara. Aquela mulher fora educada para cumprir seu dever e acreditava piamente nisso.

Ela mantinha em segredo o que sentia pessoalmente a respeito da gravidez e da situação.

Se ele não se lembrasse tão vividamente da noite em que tinham criado aquela confusão, acharia que ela era uma boneca de porcelana. Mas sabia que ela era muito mais que aquela fachada. Ele beijara sua parte mais íntima e sentira seus tremores. Ainda sentia seus dedos sobre a cabeça.

Nathaniel afastou as lembranças.

Se era assim que ela queria, tudo bem. Aquela situação estava além do controle dos dois. Encarar as coisas com objetividade era a melhor maneira de proceder.

Ele apoiou os cotovelos nos joelhos e se inclinou para frente. Catalina vestia uma calça branca e uma blusa de seda rosa-pálido, e estava sentada muito reta, com as pernas graciosamente cruzadas. Seu cabelo negro estava preso em um coque na nuca. Na última vez em que ele a vira, ele estava solto, caindo até a cintura, e ele enfiara o rosto nele...

Ao longo do dia e depois de passado o choque inicial, Nathaniel concluiu que, sem considerar as ameaças de Dominic, o mais correto seria se casar com Catalina. Isso lhe daria todos os direitos sobre o filho. O encontro com o rei confirmara que sua decisão estivera certa.

O rei era um homem imponente cuja única preocupação era a reputação da Casa dos Fernandez e cujo único interesse era limitar os danos daquela situação. Nathaniel podia ter mais dinheiro do que conseguia gastar, mas o rei governava um país. Mesmo com todos os recursos de que Nathaniel poderia dispor, as chances de ele ganhar a custódia do filho sem se casar seriam praticamente nulas. Casar com Catalina garantiria seus direitos legais sobre o filho.

– Quando nos separarmos, deixarei claro que você foi irrepreensível. – Isso ele podia fazer por ela. – Farei tudo que estiver ao meu alcance para que a sua reputação não seja prejudicada. Podemos encenar uma separação que desperte a simpatia de todos por você.

– É muita gentileza sua. – Ela deu um sorriso tenso. – Mas e quanto à sua reputação?

– A minha reputação pessoal já é péssima. Eu não sou uma princesa. Nosso casamento será breve e indolor. – Não tão breve quanto ele gostaria.

Desde os 7 anos, Nathaniel sabia que tinha de se cuidar sozinho. Uma década mais tarde, ele fora rejeitado por seu único parente e, a partir daí, vivera por conta própria. E gostava disso. Não precisava se preocupar com as suscetibilidades de ninguém ou com os efeitos que suas ações teriam sobre outra pessoa.

Gostava de ser solteiro e nunca ficava com uma mulher por tempo suficiente para formar laços emocionais.

Seu casamento com Catalina seria uma parceria de negócios. Ele não deixaria que fosse algo além disso.

– Sinto muito que você esteja sendo forçado a fazer isso – disse ela.

– Nós dois estamos – falou ele, dando de ombros.

– Eu estarei cumprindo o meu dever, mas sei que Dominic ameaçou expulsá-lo do país e confiscar seus bens, se você não concordasse. Isso é muito diferente.

– Seu irmão deixou sua posição muito clara, assim como eu deixei a minha. – Enquanto falava, Nathaniel observava-a atentamente. A julgar por seu comportamento, nada sugeria que ela soubesse que seu pai e seu irmão tinham ameaçado renegá-la e ao bebê. Ele resolveu que era melhor que ela não soubesse. Era uma ameaça muito cruel para ter vindo do seu próprio sangue e que, já que iriam se casar, nunca seria concretizada. Ela e o bebê estariam a salvo.

Ela esboçou um sorriso, mas o seu ar triste negava qualquer alegria.

– O meu irmão leva o seu papel de herdeiro e de protetor da Casa dos Fernandez muito a sério.

Nathaniel pigarreou e engoliu uma resposta áspera. Fossem quais fossem seus sentimentos por Dominic, ele era irmão dela, e Catalina deveria ser leal a ele.

– Voltando ao assunto, gostaria de ter certeza de que você concorda com todas as exigências do seu pai.

– Sim, concordo.

– Então, está feito. – Nathaniel levantou. – Preciso ir embora.

Ela o encarou com seus incríveis olhos de chocolate.

– Tão cedo?

Ele não gostou do tom de decepção da voz dela.

– Eu tenho outro compromisso.

Dominic entrou na sala.

– Você já teve os seus dez minutos.

Nathaniel reparou que Catalina se fechava e apertava os lábios sutilmente, e se lembrou da maldade que vira no rosto de Dominic, quando ele ameaçara deixá-la sem teto e sem nenhum tostão. Dominic era a pessoa que menos merecia o título de príncipe.

– Esta é a minha *deixa* para ir embora. – Nathaniel não queria ficar nem mais um minuto no palácio. Aquela sala era tão confortável quanto qualquer outra em que ele estivera e lindamente decorada com móveis antigos e quadros com séculos de idade. Mas nada tinha de acolhedora, nem mesmo a enorme árvore de Natal no canto. Como o resto do palácio de pedras, era fria.

– Papai vai dar uma festa para vocês dois no sábado – disse Dominic. – O meu pessoal entrou em contato com a revista *La Belle*...

Nathaniel o interrompeu.

– Diga ao seu pai que fique à vontade para dar a festa, mas eu não estarei aqui e *não* vou falar com revista alguma.

– Ele já...

– Vou ser bem claro: não farei parte do circo da Casa dos Fernandez. Vou casar com sua irmã para legitimar nosso filho e formalizar meus direitos, mas é aí que as minhas obrigações acabam. Eu não quero um título ou algo de semelhante da sua família. – Nathaniel se voltou para Catalina, que parecia ter congelado na cadeira. – Nós nos vemos no casamento.

CAPÍTULO 3

— **T**ENTE NOVAMENTE. – Catalina enterrou as unhas nas palmas da mão, único sinal da sua agitação. – Pergunte se ele está livre na quinta-feira.

Ela pedira a Aliana para telefonar para Nathaniel e marcar um jantar para quarta-feira. Ele recusara educadamente, alegando ter um compromisso.

Aliana entrou no escritório vizinho, deixando Catalina com Marion, que a observava com indisfarçável curiosidade.

– Gostaria que você pegasse um dos carros, fosse até a loja de Madame Marcelle e me trouxesse uma seleção de rendas. – Catalina não disse para quê. Só queria se ver livre da prima.

– Posso telefonar e pedir que nos mandem.

– Não. Prefiro que vá pessoalmente. Você conhece o meu gosto e sei que vai escolher sabiamente – disse ela, inflando o ego de Marion.

Marion foi incapaz de recusar, mas se demorou procurando a bolsa que estava ao pé da sua cadeira.

Assim que ela saiu, Catalina suspirou e fechou os olhos. O comportamento de Marion, espionando-a abertamente, lançando-lhe olhares furtivos, tinha se tornado insuportável. Ou ela atingira o limite da sua paciência? Estaria sendo afetada pelos hormônios da gravidez? Era uma luta manter a serenidade que sempre tivera.

Aliana reapareceu.

– Ele também tem um compromisso na quinta-feira.

– E provavelmente na sexta e no sábado – resmungou Catalina, pensando rápido. Precisara de coragem para pedir o telefone de Nathaniel ao pai, mas ele lhe fornecera. E não olhara para ela. Seu pai não a encarava desde que chamara seu filho de bastardo.

Fazia cinco dias que o mundo deles implodira. Desde que Nathaniel visitara o palácio e concordara com o casamento, o silêncio se instaurara.

Ela passara os dias tentando clarear a cabeça. Esquecera suas tolas ideias românticas e os poucos momentos em que vislumbrara a possibilidade de um futuro feliz.

Nem sabia de onde tinham vindo aquelas ideias. Não esperava o amor e nem o queria. O amor era um feitiço e tinha o poder de destruir quem o sentia. Um casamento baseado no respeito mútuo era o máximo que ela sempre esperara, apesar de raramente se permitir ter esperanças.

Nathaniel era um mulherengo. O casamento dos dois acabaria antes de começar, e ela voltaria a se casar. No momento, tudo que lhe importava era o bem-estar da criança que carregava. Precisava protegê-la, mas tudo que sentia era a sensação de perigo.

Catalina respirou fundo e esticou as costas. Telefonaria para ele pessoalmente. Ele que arranjasse desculpas para não a ver.

Mas, antes de se dirigir ao escritório, ela precisou correr até o banheiro e devolver o café da manhã.

O CELULAR DE Nathaniel vibrou sobre a mesa, e ele se amaldiçoou por não o ter desligado. Era o mesmo número que o chamara há dez minutos, e ele atendeu.

– Diga à princesa que eu não estou disponível até o dia do casamento. Se ela não gostar, pode...

– É Catalina.

A surpresa de ouvir a voz dela e o seu tom gélido fez com que Nathaniel ficasse momentaneamente paralisado.

– Você está aí?

Ele a imaginou sentada à mesa redonda de mármore da sala de estar, com as pernas cruzadas, as costas retas e controlada como sempre.

– Sim, eu estou aqui. O que posso fazer por você?

– Preciso vê-lo.

– Como eu disse à sua dama de companhia, não tenho tempo livre até o dia do nosso casamento.

– Tenho certeza de que você poderá arranjar algum.

– É importante?

– Nathaniel, nós vamos ter um filho juntos.

– Eu sei. É por isso que vou me casar com você.

Ela ficou calada por um instante.

– Nosso casamento pode ser temporário, mas nosso filho é para sempre. A não ser que Dominic tenha dito a verdade quando afirmou que você não estava interessado na criança.

Nathaniel suspirou. Não o surpreendia que Dominic tivesse mentido.

– Ele deve ter se confundido. Eu quero ter papel ativo na vida do meu filho.

– Então, faça a gentileza de se encontrar comigo.

Algo na voz dela o fez hesitar.

– Se eu concordar, quero que seja em um lugar neutro, não no palácio. – Se ele nunca mais colocasse os pés no palácio, poderia morrer feliz.

– Eu ia sugerir a mesma coisa – disse ela, aliviada. – Você gosta de ópera?

– Não.

– Ótimo. A minha família tem um camarote no Teatro Real de Monte Cleure. Esta semana haverá uma apresentação de *La Boèhème*. O camarote estará livre na sexta-feira e podemos usá-lo.

– Acabei de lhe dizer que eu não gosto de ópera.

– Então, enquanto conversamos, você não vai se distrair com o canto.

Dispensar a assistente de Catalina fora mais fácil do que dispensá-la pessoalmente. Seria melhor se ela estivesse fazendo exigências histericamente, mas a sua calma o levava a se sentir tolo por ter se recusado anteriormente.

Nathaniel sabia que, quanto menos interagissem como casal, melhor seria para os dois. Principalmente para ela.

– Então, tudo bem. Sexta-feira – concordou ele, antes de desligar, esfregar a nuca e fechar os olhos.

O GERENTE DO teatro recebeu-a pessoalmente e a fez entrar por uma porta lateral, subir a escada atapetada de vermelho e entrar no camarote da Casa dos Fernandez antes que o público pudesse notar sua presença.

Eles tinham combinado se encontrar à 20h, e ela estava quinze minutos adiantada.

Para passar o tempo e tentar se acalmar, Catalina sentou em um canto e abriu o programa. Chegara à parte que descrevia as carreiras dos artistas secundários, quando Nathaniel entrou no camarote, extremamente bonito no smoking preto com uma gravata-borboleta, segurando uma garrafa de uísque.

Ele chegara exatamente na hora.

Catalina sentiu o coração bater mais forte, levantou e lhe estendeu a mão. Ele beijou a mão dela por cima da luva.

- Você parece estar bem. – Ele recuou e analisou-a.
- Obrigada.
- Nada de enjoo?
- Não neste momento. Ele vem e vai.

Ele esboçou um sorriso.

- Deve ser desagradável.
- Disseram que isso é normal.

Abaixo deles, o teatro ia enchendo e o murmúrio das conversas se espalhava pelo ar. O camarote real fora planejado para dar total privacidade, com um balcão arredondado que permitia aos ocupantes ampla visão do palco, enquanto os protegia de olhares curiosos.

- Quanto tempo isso leva? – Nathaniel perguntou, enquanto eles se sentavam.
- Umás três horas, incluindo os intervalos.

Ele fez uma careta.

- Você já a assistiu?

- Ah, sim. É uma história bonita e perfeita para a época de Natal. – Catalina ergueu a sobrancelha e tentou controlar o nervosismo por ele não esconder que preferiria estar em outro lugar. – Ainda que você não goste de ópera, tenho certeza de que pode aguentar a minha companhia por três horas. Afinal, você pareceu gostar dela no casamento de Helios e Amy. Ou isso acabou depois que você dormiu comigo?

Nathaniel passou a mão sobre a cabeça do mesmo jeito que fizera antes de beijá-la pela última vez.

- Neste momento, a única coisa que me desagrada é passar três horas ouvindo os lamentos lancinantes que chamam de canto. Não posso prometer que vou ficar até o final.

- Então, você não nega que não tem interesse na minha companhia. – Ela manteve a voz calma, mas se sentia humilhada.

Eles sabiam que teriam apenas uma noite. Sem compromissos, sem arrependimentos. Mas ela imaginara que iria guardar aquele segredo em seu coração pelo resto da vida e tivera a esperança de que ele fizesse o mesmo.

Ela pensara... esperara... que ele visse a possibilidade de voltarem a dormir juntos como um lado positivo do casamento.

Superestimara a capacidade de ele ultrapassar seu próprio tédio.

- Você é uma mulher linda e interessante. Duvido que exista um homem que não quisesse estar em sua companhia.

– Mas você não é um deles.

Nathaniel finalmente se permitiu olhar realmente para ela. Era nesses momentos que a educação aristocrática de Catalina se tornava transparente. Ela falava abertamente, sem arrogância, mas com segurança. Era evidente que costumava receber respostas às suas perguntas diretas. Sempre estava bonita, mas, naquela noite, estava estonteante, com um longo vestido preto tomara que caia e luvas que iam até os cotovelos. Seu cabelo formava cachos presos em um coque, com mechas soltas em volta do seu rosto de porcelana.

– Pensar com a parte de baixo do meu corpo, e não com a cabeça, foi o que nos colocou nessa confusão. Por que não me diz o que está querendo?

Uma série de emoções passou pelo rosto dela, mas ela continuou a encará-lo.

Ele precisaria estar morto da cintura para baixo para não a desejar. Dificilmente houvera um momento, desde que ele saíra do quarto dela no palácio de Agon, em que não tivesse pensado nela.

Quando fizera amor com ela, naquela noite, ela era virgem. Ele fora devagar e a estimulara gentilmente. Mesmo com prazo limitado, enquanto estivessem casados teriam muito tempo para conhecer os desejos um do outro. Só de se imaginar lhe tirando aquele vestido e descobrindo suas fantasias secretas...

Ele não faria isso.

Catalina era uma princesa, e isso transparecia em seus gestos e palavras. Ele nunca deveria tê-la seduzido.

Engravidara-a e quase provocara um rompimento na família. Isso era prova de que ele não prestava. Não se permitiria causar maiores danos.

– Sugeri que nos encontrássemos aqui para podermos conversar mais livremente – disse ela.

– Você acha que no palácio isso não é possível?

– Eu sei que não. Lá não se pode dar um telefonema sem que ele seja gravado. O meu pai e Dominic têm espiões em todos os lugares.

– O que você não quer que eles ouçam?

Antes que ela respondesse, as luzes do teatro diminuíram, a orquestra começou a tocar, as cortinas levantaram e a apresentação começou.

Catalina respondeu e Nathaniel precisou se aproximar para ouvi-la acima do barulho, sentindo seu perfume irresistível.

Fora originalmente o seu perfume que lhe chamara a atenção.

Quando se conheceram, há alguns anos, durante uma festa na França, ele ficara intrigado com a sua escolha de perfume ao lhe dar os tradicionais dois beijinhos. Ela era o

modelo da princesa, sempre vestida impecavelmente, graciosa, elegante. Ele esperara um perfume floral, algo jovem e inocente. Mas ela usava um perfume sensual que evocava longas noites quentes e manhãs luminosas.

Ele fizera amor com ela sabendo que ela era virgem. E, novamente, ela confundira suas expectativas. Ele esperara que ela se mostrasse tímida, mas ela fora o oposto.

A mulher reservada, sentada elegantemente ao seu lado, tinha um fogo que o abrasara. A não ser que ele quisesse que os dois se queimassem, não deveria mais tocá-la.

– Eu estou preocupada com a sua segurança.

– Do que você está falando?

– O meu irmão tem um ódio patológico por você.

– Eu sei disso. Ele jamais gostou de mim. Creia, o sentimento é mútuo, mas eu nunca iria querer machucá-lo. – Nathaniel fez uma careta. – Desculpe, isso é mentira. Houve ocasiões em que eu teria gostado de lhe dar uma surra.

Ela contraiu os lábios, escondeu-os com a mão e pigarreou.

– Desculpe perguntar, mas o que aconteceu entre vocês na escola? Dominic nunca deu detalhes, mas eu me lembro de que ainda era criança quando ele veio passar um Natal em casa e contou que você tinha sido expulso.

– Nós brigamos por causa de uma garota. Durante a festa de Natal da escola, ele me pegou na cama com a namorada dele.

Catalina riu.

– Você dormiu com a namorada dele?

– Eu não diria que dormi, mas já estávamos despidos.

– Você sabia que ela era namorada dele?

– Sabia.

– E a escolheu deliberadamente?

– Não. Nós dois estávamos bêbados e ela deu em cima de mim. – Nathaniel não olhava para ela por não querer ver a censura em seu rosto.

– Dominic disse que você dormiu comigo para provocá-lo. É verdade?

– Não. – Ele sacudiu a cabeça enfaticamente. – Admito que você ser irmã dele aumentou a tentação, mas, independentemente disso, eu queria você.

Ela ficou olhando para ele em silêncio, com a expressão impassível.

– O seu irmão me odeia desde que tínhamos 8 anos. Eu não sei o motivo, mas acredite que o sentimento é mútuo. Tivemos a nossa cota de brigas durante os anos de escola, mas, apesar do que você possa pensar sobre mim, eu nunca iria conquistá-la para atingi-lo. Dormi com você porque há anos a desejava e tive uma oportunidade.

– Agradeço pela sua franqueza, apesar de a verdade ser brutal.

– Eu fui sincero com você desde o começo.

Ela ficou concentrada, como se avaliasse se deveria dizer o que pensava.

– O meu pai mandou Dominic para o mesmo internato em que os príncipes Kalliakis estudavam, com o objetivo de estreitar a amizade entre eles e os laços entre nossos países.

– O seu irmão sabia disso?

– Claro. – Ela riu baixinho. – Acho que foi por isso que ele não gostou de você. Eles aceitaram um plebeu como amigo, como se fosse um deles. Dominic tinha sangue real e era tratado por eles da mesma maneira que você. Você deveria saber seu lugar e não ser mais popular do que ele. Roubar a namorada dele não o levou a gostar mais de você. E agora que ele sabe que... – Ela pigarreou e desviou o olhar. – Que você e eu...

– Ficamos juntos?

– Dominic e eu nunca fomos próximos. Some a isso o ódio que ele sente por você... Ele seria mais tolerante se eu tivesse engravidado do demônio. Se ele ocupasse o trono, teria me banido imediatamente.

Nathaniel massageou as têmporas. Ele jamais lhe diria que tinha razão, mas era muito pior do que ela pensava. Se ele tivesse se recusado a casar com ela, ela *teria sido* banida, e a ordem teria vindo diretamente do pai.

– Admito que Dominic me odeia há anos, mas não entendo por que você acha que ele seja um perigo para mim. Concordei com o casamento. Vou legitimar nosso filho. E, depois, vou deixá-la livre para se casar com alguém à sua altura. Ele terá tudo que deseja.

– Eu sei que você o considera um palhaço, mas acho que subestima o quanto ele pode ser perigoso. Ele é mais do que capaz de ferir alguém.

Algo na voz dela fez com que Nathaniel a observasse atentamente. Ao longo dos anos, ele ouvira rumores de que Dominic era violento com as namoradas. Seria verdade? Ele se lembrou de que Catalina se encolhera quando o irmão entrara na sala do palácio.

– Ele já a machucou?

– Que pergunta... – falou ela, tentando soar natural.

– Isso não é resposta.

Ela inclinou a cabeça de lado e olhou para o palco.

– Todos os irmãos brigam. Posso estar imaginando coisas, mas, aos olhos de Dominic, você o humilhou. Ele é um homem com quem não se deve mexer.

– Eu também sou. Creia, se o seu irmão tentar fazer algo contra mim ou contra os meus negócios, ele vai se arrepender.

A cortina fechou ao final do primeiro ato e os aplausos ecoaram no teatro.

Nathaniel aproveitou para engolir o último gole de uísque e levantou.

– Há mais alguma coisa sobre a qual você queira conversar?

– Você vai embora?

– Eu lhe disse: não gosto de ópera. – Era parte da verdade. A verdade completa é que o camarote parecia diminuir a cada segundo. O perfume de Catalina penetrava seus poros, perturbando seus sentidos.

Ela ficou corada.

– Nós vamos nos casar na semana que vem. Não deveríamos conversar sobre o nosso casamento e suas implicações?

– Nosso casamento não implica nada além de manter você e o bebê em segurança até o fim da gestação. Garanto que todas as suas necessidades serão atendidas. Agora, posso lhe dar uma carona para casa? Ou você prefere ficar e assistir ao resto da apresentação?

– Agradeço a gentileza – falou ela com ironia. – Mas vou ficar.

– Como quiser. – Nathaniel inclinou a cabeça. – Obrigado por ter compartilhado suas preocupações comigo. Sei que você acredita firmemente que deve lealdade à Casa dos Fernandez. Não deve ter sido fácil falar sobre o seu irmão.

Ela deveria ter precisado de muita coragem. Era inegável que Dominic era um valentão. Quantas vezes teria usado sua língua viperina contra ela? O fato de ela ter engravidado de um inimigo deveria ter duplicado a sua maldade.

Apesar de ele não gostar de abrir mão da sua liberdade, o fato de Catalina ir morar com ele a afastaria do palácio e do irmão.

Catalina fitou-o com os olhos cor de chocolate sem expressão.

– Eu sei que vai se casar comigo porque foi chantageado, mas você é o pai do meu filho. Pelo bem dessa criança, eu também lhe devo lealdade.

– Então, seus sentimentos por mim...? – Ele deixou as palavras no ar.

A atração que ela sentira por ele ainda existia ou se esgotara depois daquela noite? Se fosse outra mulher, seria fácil saber, mas Catalina era uma princesa treinada para esconder suas emoções.

O que ela faria, se ele passasse os dedos ao longo do seu pescoço e segurasse um de seus seios? A privacidade fornecida pelo camarote permitiria que ele fizesse amor com ela, sem que ninguém visse...

Agora, Nathaniel entendia por que tinham lhe dado três damas de companhia. Catalina era uma mulher naturalmente sensual. Ele precisava sair do teatro antes que cometesse uma loucura, como seduzi-la de novo...

– Não existem. – Ela se calou e voltou os olhos para o palco vazio. – Dirija com cuidado.

Catalina só voltou a respirar quando ouviu a porta do camarote se fechando.

Nathaniel não poderia ter deixado mais claro que se casar com ela equivalia a cair em um poço cheio de cobras.

Deveria guardar para si qualquer sonho que tivesse. Se aprendera alguma coisa na vida, fora a esconder suas emoções. Não estava apaixonada por ele, mas não podia mentir para si mesma e fingir que não sentia alguma coisa. Como poderia fingir quando a saída dele lhe causara um vazio? Ainda podia sentir seu perfume cítrico e almiscarado.

Independentemente do que acontecesse, ela não deixaria que o que sentia por ele fosse mais além. Testemunhara pessoalmente a tristeza e a devastação do amor não correspondido e, desde os 18 anos, sabia que isso era algo que não queria para ela.

Seguiria a ordem do irmão e trataria aquele casamento como um acordo de negócios.

CAPÍTULO 4

DURANTE A noite, o clima ameno das últimas semanas se transformara em uma chuva torrencial. Mesmo Monte Cleure, famoso por seu sol constante, precisava passar pelo inverno.

Mas a chuva não contivera as manifestações de felicidade. Olhando pela janela do seu quarto, pelo binóculo, Catalina se comoveu ao ver as pessoas embaixo de seus guarda-chuvas, se juntando diante do palácio.

Era por isso que ela estava se casando. Sem a boa vontade e a aquiescência daquelas pessoas, sua família não teria nada. Seu pai governava, mas, como acontecia com todas as monarquias atuais, sua liderança não era tão sólida como no passado. Se o povo se revoltasse, ele nada poderia fazer para reverter a situação.

Para que a Casa dos Hernandez sobrevivesse, ela precisava proporcionar paz e prosperidade a seu povo. Precisava ser amada. Estar acima de qualquer censura. O comportamento reprovável de Dominic era tolerado com sorrisos irônicos porque sua imagem pública não refletia seu comportamento a portas fechadas. Quando ele, por fim, se casasse, o país inteiro iria celebrar. Ela esperava que isso demorasse porque não conseguia pensar em como ele trataria a esposa.

Mas não podia pensar nisso agora. Dentro de três horas, estaria casada com Nathaniel, e naquela noite, se mudaria para o seu apartamento.

A ideia de morar com ele deveria apavorá-la, mas o frio que sentia na barriga era de excitação. Estariam casados e dividiriam o mesmo leito...

Catalina odiou se sentir excitada. Durante o encontro na ópera, ele deixara o seu desinteresse evidente e o provara, indo embora no primeiro intervalo. Desde então, não tinham mais se visto.

Alguém bateu na porta e Marion, que evidentemente perambulava pelo quarto, foi abrir.

Ao contrário do que Catalina esperava, não eram as outras damas de companhia que viriam prepará-la, mas Lauren, secretária de seu pai, acompanhada por quatro assistentes.

– Desculpe perturbá-la, Alteza, mas precisamos fazer o inventário das joias que estão em seu poder.

– Para quê? – Catalina perguntou, desejando que Marion não estivesse ali.

– Desconheço os motivos. Presumo que tenha a ver com a sua mudança. – A compaixão estava evidente nos olhos de Lauren. – Se quiser falar com seu pai, ele está em seus aposentos. Mas tenho ordens e devo cumpri-las em duas horas. Também preciso fazer o inventário das suas roupas.

– Eu vou me casar daqui a três horas...

– Isso precisa ser feito agora. O seu pai vai resolver o que deve ficar no palácio. Ele designou uma equipe para embalar suas coisas durante a cerimônia.

– Marion, ligue para o meu pai – ordenou Catalina secamente.

Primeiro, fora o comunicado oficial, sem prévio aviso, de que todas as suas obrigações reais e benefícios financeiros estavam suspensos “por tempo indeterminado”. E, agora, isso?

Qual seria seu próximo castigo? O pai a obrigaria a se despir e fazer a caminhada da vergonha, como seus ancestrais faziam na era medieval?

O único ponto positivo da situação era que Marion parecia não saber de nada.

Mas, ou seu pai realmente não estava disponível, ou não queria falar com ela. Marion informou que ele dissera que pretendia vê-la na hora de levá-la ao altar.

Atordoada e sem saber o significado do que estava acontecendo, Catalina tentou se mostrar calma. Naquele momento, não havia nada a fazer.

Fizera realmente algo tão infame? Isabella tinha se casado com um plebeu e recebera a bênção de seu pai. Mas, apesar de ser plebeu, o marido de Isabella não tinha a péssima reputação de Nathaniel.

Isabella sempre tivera o pai e Dominic na palma de sua mão.

Catalina pensou que sempre fora a filha boa e obediente, mas que bastara um erro para ser rejeitada.

Ou melhor, dois. Seu pai a culpava pelo rompimento do noivado com Helios. A filha que ele criara para se casar com um dos príncipes Kalliakis deixara-os escapar por entre os dedos, estragando o “Grande Casamento” que ele planejava para ela desde o dia do seu nascimento.

Isabella tivera a sorte de se apaixonar por Sebastien antes que um dos Kalliakis se casasse. O pai abençoara a filha preferida, presumindo arrogantemente que a mais velha físgaria um peixe maior.

Por mais calma que parecesse, enquanto suas damas a maquiavam e penteavam, Catalina rangia os dentes ao ver Lauren e seus ajudantes fazendo o inventário de cada coisa que possuía. Um deles chegou a registrar os brincos que ela estava usando.

Nada lhe parecia seguro. Saía da ópera angustiada, e sua angústia aumentava à medida em que os dias se passavam. Iria se casar com Nathaniel pelo bem da família. Sempre colocara o dever acima de seus sentimentos e aceitara que as coisas eram daquele jeito. Mas, pela primeira vez, queria se rebelar. A serenidade com que enfrentara a vida se dissolvera e borbulhava como lava em suas veias.

Saber que Nathaniel se casaria com ela para proteger seus investimentos... levava as borbulhas ao frenesi. Era exatamente o oposto do que ela sentira durante o noivado com Helios, que se casaria com ela por seu sangue azul e para ter um herdeiro. Depois de se divorciar de Nathaniel, quem casasse com ela também iria querer um herdeiro.

Ser vista como uma reprodutora de sangue azul não lhe dava tanta raiva quanto a ideia de se casar com Nathaniel.

Casar com Nathaniel...

Ela nunca sentira tantas emoções exaltadas.

Nunca sentira tanto *medo*.

Também temia o futuro. Como o homem com quem seria forçada a se casar, depois do divórcio, iria tratar seu filho? Como iria tratá-la?

– Aposto que você gostaria que sua mãe estivesse aqui – observou Marion com falsa simpatia, antes de as damas saírem do quarto, recebendo um olhar de censura de Aliana.

Catalina olhou para ela pelo espelho e, sem sentir, crispou as mãos em torno de um pedaço do vestido cor de marfim, amassando-o.

Fizera de tudo para não pensar na mãe, naquele dia. Marion teria sido mais piedosa se tivesse enfiado uma faca em suas costas.

– Obrigada por me lembrar do que estou sentindo falta. O apoio que você me deu hoje foi inestimável.

Enquanto Marion franzia a testa, sem saber se recebera um elogio ou uma repreensão, Catalina segurou a mão de Aliana e se levantou.

Se sua mãe estivesse viva, teria sido ela a lhe dar apoio. Sua mãe fora a única pessoa com quem ela nunca usara uma máscara.

Catalina pestanejou para conter as lágrimas e tocou a barriga.

Se sua mãe estivesse viva, a situação seria a mesma. Sua mãe sempre priorizara a Casa dos Fernandez e colocara o dever acima do desejo e do amor. Ela também deveria erguer a cabeça e cumprir seu dever.

Mas, se sua mãe ainda estivesse viva, ela poderia segurar sua mão enquanto o cumpria.

APESAR DO casamento ser simples e íntimo, havia cerca de cem convidados espremidos na capela do palácio de Monte Cleure. Nathaniel tinha certeza de que se Catalina estivesse se casando com um aristocrata, a cerimônia seria celebrada na famosa catedral do país, na presença da realeza e de estadistas estrangeiros. A comemoração duraria um fim de semana e não se limitaria a um banquete.

Para todos, o casamento deveria ser motivo de orgulho. Para Catalina, era apenas mais um castigo.

Ele precisava admitir que o rei fizera o que era correto. Um casamento como aquele mostraria seu apoio à filha, mas também sua desaprovação ao genro. Quando o casamento fosse dissolvido, depois de um ano, o rei seria visto como um pai sábio e amoroso, que colocara a felicidade da filha acima de suas restrições.

Nathaniel imaginou o que o rei faria se ele se recusasse a se divorciar de Catalina. O que Dominic faria? Imaginar a fúria apoplética dos dois o distraiu por alguns segundos, antes de ele desistir da ideia.

Não importava o que sentia pela Casa dos Fernandez. A vida de Catalina estava em jogo e ela concordara com os planos da família para ela. Ele estragara a vida dela, sem tê-la destruído totalmente, e já destruíra mais vidas do que gostaria de carregar na consciência.

Sua missão era cuidar de Catalina durante a gravidez e protegê-la e ao filho. Nada mais. E, se a lembrança de fazer amor com ela não se apagasse, ele teria que conviver com ela.

Ficara satisfeito ao ver a multidão em volta do palácio. Ao menos, o povo a amava. E deveria. Catalina era uma ótima embaixadora do país e brindava o mundo com sua delicadeza etérea e com a maneira graciosa com que tratava as pessoas.

Apesar de reconhecer a maioria dos convidados, ele conhecia muito poucos pessoalmente. Isso lhe convinha. Quem iria querer fazer votos falsos diante de pessoas que realmente lhe importassem? Não ele.

Não que houvesse alguém que realmente lhe importasse.

Nathaniel tentou imaginar a criança que estava se formando no ventre de Catalina. Seu filho. Uma vida frágil que iria necessitar do seu amor e da sua proteção. Os votos que

iria pronunciar lhe permitiriam fazer isso.

Ao fundo da capela, um fotógrafo montava um tripé. A revista *La Belle* publicaria uma edição especial dedicada ao casamento. Ele deixara claro que sua participação se limitaria às fotos oficiais.

– Agora não vai demorar – murmurou Sebastien Duchamp, ao lado dele.

Especialista em segurança, Sebastien era casado com a irmã caçula de Catalina e seria seu padrinho. O rei insistira que ele tivesse um e, como ele obtivera várias vitórias no acordo, fizera esta concessão. Sebastien lhe parecera uma boa escolha porque, sendo da família, conhecia os motivos do casamento.

Nathaniel olhou para Dominic, viu a maldade em seu rosto e se lembrou da preocupação de Catalina. Apesar de ter fingido ignorar a ameaça, ele achara prudente aumentar a cautela. No dia seguinte à ópera, contratara Sebastien para checar a segurança de seu apartamento e de seus escritórios, e ele dissera que estava tudo em ordem.

Não havia nada que Nathaniel detestasse mais do que ver homens crescidos desfilando com um bando de guarda-costas. Era um símbolo de status. Era como ter um sinal na testa dizendo: “Homem rico. Venha me pegar”. Mas, com Catalina se mudando para sua casa e o pai dela se recusando a deixar que ela levasse seus antigos guarda-costas, ele acabara contratando quatro dos homens de Sebastien e um segurança extra para o edifício.

Podia não ser bom o suficiente para a filha do rei, mas seu dinheiro era bom o suficiente para protegê-la.

Nathaniel olhou para o relógio.

Faltavam dois minutos. Com sorte, dentro de uma hora, tudo estaria acabado.

Apesar de tradicionalmente as noivas se atrasarem, ele apostava que Catalina chegaria na hora exata.

Um homem alto com uma careca reluzente entrou e se sentou em um banco do fundo da capela. Nathaniel mordeu a boca para não rir. O homem teria polido a cabeça? Uma mulher vestida de cor-de-rosa entrou apressadamente atrás dele e se sentou. Usava um chapéu grande o suficiente para incomodar a senhora sentada à sua frente.

Naquele instante, Catalina chegou.

Os convidados se levantaram e se voltaram para ver a noiva.

Assim que ela entrou, de braços dados com o pai, Nathaniel sentiu um nó se formar na garganta, e toda a sua leveza, o seu cinismo e a sua indiferença desapareceram.

Durante o tempo que ele estivera na capela, a chuva se tornara um temporal e o vento ondulava a cauda do vestido de Catalina e fazia com que o tecido se colasse ao seu corpo.

Um véu lhe cobria o rosto, mas, enquanto ela caminhava lentamente em sua direção, parecia uma estátua ambulante. Sua linguagem corporal não sugeria nenhuma emoção. A única pessoa menos animada que ela era o rei.

Quando Catalina parou ao lado dele, o rei recuou um passo, sem se dignar a olhar para ele.

Com uma tensão que não sentia há anos, Nathaniel ergueu o véu que cobria o rosto de Catalina e ela não foi rápida o suficiente para esconder a verdade que ele viu em seus olhos.

Catalina estava *furiosa*.

Mas ela piscou, e a fúria desapareceu, deixando seu rosto como uma bela máscara de porcelana.

Quando chegou a vez de ela fazer os votos, sua voz soou monocórdia.

CATALINA EMPURROU a comida no prato, sem apetite. Já estavam na sobremesa, e ela não se lembrava de quais tinham sido os outros pratos. Não podia culpar o enjoo porque, ironicamente, pela primeira vez em semanas, não se sentira nauseada. Seu estômago estava muito vazio para sentir alguma coisa.

A festa estava acontecendo na menor das salas oficiais do palácio. Ela estava surpresa por seu pai e seu irmão não terem escolhido uma das estufas.

Não tivera chance de falar com o pai sobre o inventário. Ele esperara até o último minuto para se juntar a ela na entrada da capela, e as portas tinham sido abertas antes que ela pudesse abrir a boca.

O comportamento do pai durante o casamento de Isabella fora bem diferente. Ele fora buscá-la pessoalmente em seus aposentos e a acompanhara na carruagem que a levaria até a catedral, com o rosto brilhando de orgulho...

Até Isabella, geralmente absorvida em si mesma, e que chegara em cima da hora, ficara revoltada com a maneira como ela estava sendo tratada e lhe segurara a mão durante o trajeto até a capela.

Isabella era sortuda. Apaixonara-se por um plebeu, e seu casamento fora abençoado pelo pai e pelo irmão.

O coração de Catalina se apertava ao ver como Isabela e Sebastien se adoravam. Era o amor verdadeiro em toda a sua glória. Geralmente, os casamentos da Casa dos Fernandez

eram arranjados e tratados como negócios. O casamento de seus pais não fora diferente. O casamento dela com Helios teria sido semelhante.

Ver um casamento de verdade era...

Era algo que nunca aconteceria com ela, e Catalina desejava não ter visto porque presenciara algo que jamais iria ter.

O afeto entre Isabella e Sebastien só acentuava o contraste entre ela e Nathaniel. Durante o jantar, a conversa entre os dois se limitara a ser polida.

Ela não esperara manifestações de afeto, mas ele agira como se fosse um jantar comum e ela, uma pessoa normal. Não havia nada em seus olhos, quando ele olhava para ela. Nem mesmo a chama que sempre existira no passado.

O beijo com que tinham selado seus votos fora apenas um roçar de lábios. Tivera menos significado que um beijo de “boa noite” de um parente.

A dor que ela sentia no coração aumentava a cada segundo. Era ridículo. Ela conhecia o jogo.

– Quem são os seus convidados? – perguntou ela, curiosa.

– Ninguém.

– Por quê?

– Porque isso é uma farsa.

– Sim. – Ela tomou um gole de suco, desejando que fosse vinho. – Mas pensei que sua família estaria aqui para apoiá-lo. – Os pais dele haviam morrido, mas todos não tinham algum parente?

– Somos poucos. – Nathaniel sorriu, comeu um pedaço de *mille-feuille* e limpou as migalhas de massa caídas no queixo com o dedo. Seu tom dizia que ele não desejava ter aquela conversa.

– Você os convidou?

– Não. – Ele olhou para o doce em que ela não tocara. – Você precisa comer alguma coisa.

– Não estou com fome. – Como poderia comer, sendo observada por centenas de olhos? Sua gravidez não fora publicamente confirmada e nem seria por alguns meses, mas todos que estavam ali sabiam ou desconfiavam.

Mas não importava.

Em poucas horas, ela estaria se mudando do único lar que conhecera para a casa de um homem que a via como uma inconveniência.

Para eles, não haveria final feliz.

QUANDO A festa acabou, a tempestade serenara.

Nathaniel sugeriu que eles saíssem, pouco antes das 23h, Catalina sorriu e se levantou, sem nenhum comentário.

Ela se comportara perfeitamente durante a recepção. Sua falta de apetite fora o único sinal de que algo não estava bem. Seus olhos que continham a mesma emoção dos de uma boneca. A única emoção que ele vira fora a fúria, quando levantara o seu véu.

Era impossível saber em que ela estava pensando.

– Não vamos esperar pelas minhas malas? – perguntou ela, quando o motorista ligou o motor.

– Elas foram mandadas para o meu apartamento.

Ela assentiu e olhou pela janela.

– Alguma preocupação, Catalina? – perguntou ele, depois de alguns minutos de silêncio.

Ela respirou fundo.

– Hoje, o meu pai mandou uma equipe fazer o inventário das minhas coisas.

– Quando você diz *coisas*, está falando de quê?

– De tudo. Minhas roupas, minhas joias, meus livros... Tudo. Estou preocupada porque o inventário foi feito exatamente quando eu me preparava para o casamento. Estou preocupada com o modo como ele vai usá-lo.

– O que você acha que ele vai fazer com o inventário? – Nathaniel se lembrou de que Dominic ameaçara deixá-la sem um tostão e sem ter onde morar.

– Não sei. É isso que me amedronta. Foi uma espécie de aviso. Uma demonstração de poder. Eu não sei. – Ela inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. – Mais um castigo pela situação em que eu coloquei todos nós.

Nathaniel crispou os punhos.

Estava furioso pelo rei ter deixado que Dominic o influenciasse tanto. Compreendia que o rei não o considerasse bom o bastante para a filha. Com a sua reputação, não poderia culpá-lo. Mas tratá-la daquela maneira era imperdoável.

Dinâmicas familiares eram sempre estranhas e complicadas, mas ela estava sendo tratada cruelmente por alguém de seu próprio sangue.

E, então, Nathaniel se lembrou do que *ele* fizera com alguém de seu próprio sangue. Fora imperdoável, e nenhum arrependimento poderia mudar isso.

– Estou certo de que você não tem com que se preocupar – mentiu ele descaradamente. Quando se tratava do pai ou do irmão dela, ele esperava sempre o pior.

Catalina respirou fundo, erguendo os gloriosos seios. O desejo que ele passara o dia reprimindo de repente se manifestou, atingindo-o de uma maneira que nem a mais poderosa força de vontade poderia controlar.

Nathaniel reviveu o momento em que ela estivera deitada sob ele, nua, e ele ouvira as batidas do seu coração.

Tentara se afastar, com relutância porque não queria soltá-la – para pegar um preservativo. Ela o segurara pelo pulso.

– Você sempre usa proteção? – sussurrara ela.

– Sempre.

Ela passara a mão em seu rosto.

– Se esta é a única chance que eu vou ter de fazer amor com alguém que desejo, quero que a experiência seja completa. Quero sentir você dentro de mim, sem nada.

Ele fitara os magníficos olhos nos quais qualquer homem iria querer mergulhar e percebera que ela falava sério. Sentira que queria fazer a mesma coisa.

– Por favor. – Ela pedira tão baixinho que ele precisara se esforçar para ouvir. – Só por um instante.

Ele já tivera várias amantes. Algumas tomavam pílulas e outras usavam outras formas contraceptivas e lhe diziam que poderia dispensar o preservativo. Mas ele insistia em usá-lo.

Com Catalina...

Ele entrara em seu corpo sem proteção, devagar, usando toda a sua experiência e força de vontade para não se deixar levar antes de se afastar e colocar o preservativo.

De repente, lhe ocorreu que, agora que estavam casados e que aquele momento de loucura resultara em gravidez, ele poderia fazer amor com ela como quisesse e sentir *todas* as sensações.

Nathaniel ficou furioso por deixar que sua cabeça tomasse direções que não deveria.

O objetivo do casamento era garantir seus direitos sobre o filho, defender Catalina da vingança da família e preservar seu enorme investimento no país. Nunca seria mais do que isso.

O silêncio perdurou até o motorista estacionar o carro na garagem do subsolo do edifício, ao lado de um elevador privativo controlado por um segurança.

Nathaniel digitou uma senha e a porta do elevador abriu.

– Este elevador é para nosso uso exclusivo. Ele só vai até o meu apartamento.

Quando chegaram à cobertura, ele deu passagem para que ela entrasse no apartamento.

Fosse onde estivesse, Nathaniel gostava de se cercar de conforto. Possuía propriedades espalhadas pelo mundo. Nada lhe faltava. Não precisaria trabalhar nem mais um dia para ter o que quisesse.

Catalina era uma princesa. Crescera no palácio de uma das famílias mais antigas e famosas do mundo. Para ela, o luxo não era novidade. Mas o luxo no qual Nathaniel vivia era diferente, mais moderno.

– Não é o que eu esperava – disse ela, enquanto o seguia até a área da sala de estar do grande espaço aberto. O apartamento de teto alto e enormes janelas ocupava todo o último andar. Catalina observou a mobília e os objetos caros com interesse.

– O que você esperava?

– Algo mais pretensioso. É maior do que eu pensava. Lembra um daqueles lofts que se vê em Nova York.

– Você já esteve em Nova York?

O olhar dela se tornou sonhador.

– Não. *La Belle* sempre entrevista os famosos de Nova York em suas casas. Gosto de ver fotos das casas de outras pessoas.

– Mas você já viajou – disse ele, não gostando da pontada causada por seu olhar sonhador.

– Bastante. Depois que a minha mãe morreu, eu me tornei a acompanhante oficial do meu pai e fizemos várias visitas ao exterior. Sempre ficávamos em residências oficiais, nunca em casas comuns. – Ela sacudiu os ombros. – Morar em um lugar como este... será uma novidade.

Como retirar um cisne do seu lago e colocá-lo em um tanque. Nathaniel sentiu outra pontada no peito.

– Vou apresentá-la a Frederic. Ele fará com que essa transição seja mais fácil para você.

Minutos depois, o mordomo fazia uma reverência e apertava a mão dela.

– É uma honra tê-la aqui, Alteza.

Catalina deu o primeiro sorriso espontâneo do dia.

– Se vou morar aqui, você deve me chamar de Catalina.

Frederic pareceu quase ofendido.

– Eu jamais seria tão informal.

– Só quando estivermos sozinhos. Quando houver convidados, você pode ser tão formal quanto quiser.

– Perfeito – disse Nathaniel, quando Frederic desapareceu. – Trinta segundos, e ele já está comendo na palma da sua mão.

Uma conversa breve, e Catalina desmanchou o mito de que era uma criatura de contos de fadas e deixou Frederic à vontade.

- Quando me veem, as pessoas sentem receio. Achem que eu não sou humana.
- Quando a conhecem, elas mudam de ideia.

Ela concordou e perguntou calmamente:

- Quando as minhas damas de companhia irão chegar?
- O seu pai não lhe disse? Suas damas ficarão no palácio. – Nathaniel viu os olhos dela se arregalarem sutilmente. – Para evitar a interrupção de suas outras atividades. Quando nos divorciarmos e você voltar ao palácio, elas retomarão suas obrigações. Enquanto isso, eu tenho empregados para atender a todas as suas necessidades.

Na verdade, o pai dela dissera:

- Catalina pode morar com você, mas os seus empregados pessoais pertencem à Casa dos Hernandez. Elas não irão a lugar algum.
- É muita bondade sua – falou Catalina.
- Você deve estar cansada. Deixe-me lhe mostrar o seu quarto. Amanhã eu lhe apresento o resto dos empregados.
- Esperarei ansiosa – falou ela, com um sorriso forçado.

Ciente de que ela o seguia, Nathaniel abriu uma porta do outro lado da sala. As luzes acenderam automaticamente em um hall quadrado. Ele abriu uma porta à direita.

- Este é o seu quarto. Os empregados arrumaram suas coisas no quarto de vestir. O banheiro está preparado, mas, se faltar alguma coisa, basta apertar o botão verde ao lado da sua cama. Frederic está de plantão esta noite. – Nathaniel não parava de falar porque reparava que ela se encolhera. – Você tem tudo de que precisa?

Catalina olhou ao redor do quarto e concordou. Ele se dirigiu à porta.

- Nesse caso, vou lhe desejar “boa-noite”.
- Aonde você vai?
- Para a cama. O dia foi cansativo.
- Mas... – Pela primeira vez, desde que ele a conhecera, Catalina ficou vermelha. – Nós não vamos dormir juntos?
- Não. – A palavra soou mais secamente do que ele pretendia. – Dormir juntos seria querer atrair problemas.
- Mas, se não dormirmos juntos, ninguém vai acreditar que concebemos um filho depois de casados.
- Todos já acham que esse casamento foi forçado. – Ao ver que os olhos dela ficavam nublados, ele acrescentou. – Ninguém vai saber que dormimos separados.

- Seus empregados vão saber.
- Eles não dirão uma palavra.
- Como pode ter certeza?
- Eles são leais a mim. Confio neles inteiramente.
- Você deve pagar uma fortuna por tanta lealdade.
- A lealdade não tem preço.
- No meu mundo tem – falou ela com tristeza.
- A partir de agora, esta será a sua casa. Não haverá espões fazendo relatórios para o seu pai ou Dominic. Meus empregados são discretos e cuidarão bem de você. – Ele abriu a porta. – Boa noite, Catalina.
- Boa noite – sussurrou ela.

CAPÍTULO 5

QUANTA HUMILHAÇÃO uma pessoa poderia aguentar?

Catalina tentou conter as lágrimas que haviam ameaçado cair durante todo o dia, sentindo-se amortecida.

Nathaniel não a achava mais atraente. Talvez por causa da gravidez, ou porque já a possuía e não queria repetir a experiência. Ela não sabia e não queria saber por quê. Fora a última indignidade adicionada a um dia terrível.

Ela já imaginava o título do artigo da *La Belle* e sabia que o texto iria se referir ao “dia mais feliz da sua vida”.

Mas fora um dos piores. Certamente o pior, desde o dia em que dissera adeus à sua mãe.

Catalina caminhou pelo quarto que iria ser só seu. Não iriam sequer fingir que o casamento era de verdade. Ela seria sua mulher durante um ano, e ele não queria ter contato físico com ela.

Ser rejeitada por Helios fora ruim, mas isso...

Era infinitamente pior. Ela não sentia nada por Helios, enquanto seus sentimentos por Nathaniel eram confusos. Num instante, queria socá-lo; no seguinte, queria sentir seus lábios sobre os dela, suas mãos sobre o corpo.

Ela se preparara para uma distância emocional entre os dois, mas nunca lhe ocorrera que a distância também seria física.

Um casamento não consumado? Com um dos playboys mais famosos da França?

Ela já imaginava Dominic exultando ao descobrir que Nathaniel não a achava nem um pouco atraente e que nem sequer iria dormir no mesmo quarto que ela.

De repente, a náusea que desaparecera durante o dia atacou-a violentamente. Catalina só teve tempo de chegar ao banheiro, antes de devolver o pouco que havia comido. Depois, se sentou no chão porque o zumbido na cabeça a impedia de raciocinar. E ela *precisava* pensar.

Durante o próximo ano, aquela seria sua casa. Não podia ficar sentada no chão do banheiro, sentindo pena de si mesma, porque isso não mudaria nada.

Catalina levantou com dificuldade, olhou para a banheira convidativa e, depois, para o boxe do chuveiro. Enquanto resolvia qual iria usar, ela viu artigos de banho cuidadosamente arrumados ao lado da banheira. Suas marcas preferidas.

De alguma forma, Nathaniel estava tentando tomar as coisas menos dolorosas e difíceis para ela. Ela abriu a tampa dos sais de banho e o seu perfume familiar fez com que se sentisse melhor. E, então, ela viu sua imagem no espelho.

Não poderia tomar banho se não tirasse o vestido de noiva. E não sabia como fazê-lo.

Durante duas semanas deixara seus pensamentos mais secretos tomarem direções que não deveriam. Nathaniel tiraria seu vestido. Imaginara a cena com detalhes.

Ajudá-la a tirar o vestido seria uma das tarefas de Frederic? Certamente não. Isso sempre fora feito por suas damas de companhia. Não poderia pedir a um homem que a ajudasse.

Deveria pedir a Nathaniel?

Claro que não. Não lhe daria mais uma desculpa para rejeitá-la.

E, assim, a calma proporcionada pelo cheiro dos sais de banho se evaporou, e ela ficou furiosa.

Era uma mulher adulta, mas tão impotente quanto uma criança. Fora educada daquele jeito. Não escolhera que fosse assim.

Catalina resolveu que, a partir daquele momento, iria aprender a tomar conta de si mesma.

Voltou ao quarto, abriu gavetas e armários até encontrar uma tesoura e cortou o vestido até ele se soltar do seu corpo.

Sentiu-se como se tivesse arrancado a própria pele.

– TEM CERTEZA de que isso é tudo que veio do palácio? – Catalina perguntou a Clotilde, que a observava ansiosamente. Estavam no seu quarto de vestir e nem um quarto dele fora ocupado.

– Duas malas – disse Clotilde. – Você esperava que fossem mais? Não me parece muito para uma princesa.

Catalina deu um sorriso, tentando esconder sua ansiedade.

– Obrigada por me ajudar a procurar. Tenho certeza de que foi um engano. Vou telefonar para o meu pai e pedir que me mandem o resto das minhas coisas.

Nathaniel afirmara que ela podia confiar na discrição de seus empregados, mas ele não passara a vida convivendo com espões e traidores. Clotilde se apresentara vinte minutos antes, quando lhe trouxera o café, declarando orgulhosamente que seria sua acompanhante. Seu entusiasmo fora comovente.

Um pouco mais moça que ela, Clotilde era uma lufada de ar fresco que lhe lembrava Aliana, sua dama de companhia preferida.

Mas, por mais simpática e agradável que ela fosse, Catalina não a conhecia. Era muito cedo para confiar nos empregados. Seu pai poderia tê-los comprado e tudo que ela fizesse ou dissesse lhe seria reportado.

– Agora, como posso ajudá-la? – Clotilde perguntou.

– Pode me ensinar a usar o chuveiro? – Depois de cortar o vestido, ela ficara louca para tomar um banho, mas não conseguira descobrir como abrir a água. Naquele instante, só queria alguns minutos de paz para esquecer o que seu pai fizera e se acalmar, antes que começasse a chorar.

As duas foram até o banheiro e Clotilde lhe explicou como abrir as torneiras e regular a temperatura da água, olhando para Catalina de um jeito que fez com que ela se sentisse como uma criança.

– Eu nunca enchi uma banheira ou liguei um chuveiro antes – disse ela, desejando não se sentir obrigada a explicar.

Clotilde arregalou os olhos.

– Nunca?

– Nunca. Minhas damas de companhia sempre fizeram tudo para mim.

Clotilde deu um suspiro melodramático.

– Eu adoraria ser uma princesa e ser servida o tempo todo.

Catalina deu um sorriso irônico e não disse que ser uma princesa não era tão maravilhoso quanto se dizia.

– Eu nunca escovei meu próprio cabelo.

– Eu queria ter cabelo como o seu. Gostaria que o escovasse?

– Acho que está na hora de eu aprender a fazer as coisas básicas, não concorda?

Pelo olhar que Clotilde lhe lançou, ela não concordava nem um pouco.

– Agradeço pela sua ajuda, mas agora posso me cuidar sozinha.

– Acho que Nathaniel não vai gostar que eu a deixe se cuidar sozinha.

Seria porque ele iria querer que lhe entregassem relatórios sobre o seu comportamento, como seu pai sempre exigira de suas damas de companhia?

– Então, não diga a ele.

– Mas ele disse que eu devo acompanhá-la o tempo todo.

Catalina rangeu os dentes. Clotilde não tinha culpa. Nathaniel era seu patrão. Ela estava obedecendo ordens.

– Por que não espera por mim no quarto?

– Se precisar de alguma coisa, você me chama?

– Chamo – prometeu Catalina. – Obrigada, Clotilde.

Sozinha pela primeira vez naquele dia, Catalina se fechou no banheiro e tentou controlar as lágrimas.

Seus aposentos no palácio ocupavam três quartos. Como tantas coisas tinham sido reduzidas a duas malas de roupas casuais? Objetos de valor monetário ou sentimental tinham ficado para trás. As joias que sua mãe lhe deixara...

Entendia que o pai tivesse guardado objetos de família preservados durante gerações, mas teria sido uma gentileza avisá-la. Por que não lhe mandara objetos que tinham pertencido à sua mãe, presentes que recebera ou herdara? Nunca tinham sido dele.

Catalina colocou a mão na barriga e se perguntou, não pela primeira vez, se teria um menino ou uma menina.

Não fora apenas as joias da mãe e a maioria do seu guarda-roupa, mas *tudo* que recebera da mãe ficara no palácio. O mesmo acontecera com sua coleção de livros e quadros, coisas que ela esperava passar para seus filhos.

Não havia maior sinal de que fora excluída da família.

Nathaniel poderia ter ignorado seus temores, mas ela sabia que seus instintos estavam certos. Seu pai e seu irmão tinham lhe dado um sinal de alerta. Ela pertencia à Casa dos Fernandez. Se não se comportasse, nunca mais seria aceita de volta.

Ela estava fazendo o que eles queriam, mas eles desejavam mais.

Pela primeira vez, Catalina se perguntou se *queria* voltar ao redil.

Passara a vida acreditando em lealdade e dever. Seria muito esperar que lhe oferecessem as duas coisas?

NATHANIEL FECHOU as pastas, desligou o laptop e o desktop, checkou os recados no telefone e resolveu encerrar a noite.

Ao sair do escritório, percebeu um movimento atrás dele e se voltou.

Catalina estava parada na porta da sala.

– Pensei ter ouvido barulho – falou ela baixinho.

– Eu estava acabando de trabalhar. – Ele fechou a porta do escritório e ficou segurando a maçaneta, tentando não notar que ela estava usando uma camisola de estilo vitoriano com decote alto e mangas justas. Seu cabelo estava solto e caía sobre os ombros e as costas. Ela parecia inocente. Imaculada. Mas ainda assim sua sensualidade natural se mostrava.

– Onde está Clotilde? – Designar uma acompanhante dedicada para Catalina fora bom para ele e para ela. Há três dias que viviam sob o mesmo teto, e ele nunca ficara sozinho com ela. Até aquele instante.

– Ela está fazendo um chocolate quente para mim. – Catalina ergueu o ombro. – Não me deixou ajudá-la.

– Claro que não. – Ele dera ordens para que não a deixassem fazer nada sozinha. Frederic conversara com um importante empregado do palácio, que lhe dissera que a única coisa que a família real fazia sozinha era escovar os dentes, mas que o rei atribuíra esta tarefa a um de seus servos. Ainda que tivesse uma fortuna que rivalizasse com a dos Fernandez, para Nathaniel esse estilo de vida era totalmente absurdo. – Você está confortável? Precisa de alguma coisa?

– O seu pessoal está cuidando bem de mim. – Catalina se aproximou e parou diante dele. – Eu vou vê-lo amanhã?

– Estarei em casa.

– Não foi isso que eu perguntei.

– Eu sei. – Nathaniel passou a mão sobre a cabeça, fingindo não ver que a luz acima dela deixava a camisola transparente. – Vou estar aqui, mas novamente trabalhando.

Ela apertou os lábios e inclinou a cabeça graciosamente, concordando daquele jeito que há anos o fascinava. Era um gesto que podia significar tudo ou nada. Não revelava seus pensamentos.

Para ele, respirar se tornou uma dificuldade. Via claramente o contorno dos seios de Catalina sob o tecido.

Uma camisola tão modesta e antiquada despertara a sua libido com maior eficácia que qualquer lingerie sexy. Porque ele sabia o que havia por baixo e o êxtase que Catalina lhe proporcionara.

Ela não deveria saber que estava exposta. Não quando poderia ser vista por qualquer empregado.

E ele não deveria estar olhando. Não era um adolescente cheio de hormônios... Mas tinha que admitir que, estando a menos de um metro dela, se sentia um. Catalina era uma

tentação, um perigo tão grande quanto a maior tentação que ele já tinha tido e que arruinara a sua vida há tantos anos, fazendo com que ele tivesse sido banido da família que lhe restara.

O fato de ele a ter seduzido quase fizera com que Catalina fosse expulsa da sua família. E ainda poderia fazer.

O desejo que ele sentia por ela não diminuía. Nem um pouco. Passara três dias mergulhado no trabalho, mas não produzira nem um décimo do que pretendia. Ficara a maior parte do tempo fitando a porta do escritório e imaginando o que ela estaria fazendo.

Ele podia mentir para si mesmo e dizer que não parava de pensar nela por ela ser uma princesa que deixara um palácio para morar entre plebeus, mas isso era algo que não tolerava desde os 17 anos, quando mentira para si mesmo dizendo que sua libido era mais forte que sua moral. A verdade é que passara os dias pensando em Catalina porque o fato de ela morar com ele aumentara a nitidez das lembranças da noite que tinham passado juntos. Podia vê-la muito bem de olhos abertos ou fechados.

Ele a evitara se trancando no escritório, mas sua presença tinha sido constante.

E, agora, ela estava ali, encarando-o, fascinando-o com seu perfume e com o corpo claramente nu por baixo da...

– Você deveria usar um roupão com essa camisola – falou ele bruscamente.

Catalina franziu as sobrancelhas.

– Por quê? – Ela olhou para baixo, olhou para a luz e novamente para baixo, e ficou vermelha como um tomate.

Aquele era o instante em que ele deveria se retirar para o quarto e ficar longe dela, e não ficar ali, tentando se conter para não empurrá-la contra a parede e lhe arrancar aquela camisola.

– Você deve usar lâmpadas mais fortes do que as do palácio – sussurrou ela depois de alguns segundos de silêncio, sem tentar se cobrir ou escapar da luz.

A chegada de Clotilde, segurando uma xícara e um pires de porcelana, algo que um dos empregados deveria ter comprado especialmente para a princesa, porque na casa dele todos usavam canecas, quebrou a tensão entre os dois.

Catalina saiu da luz imediatamente e agradeceu a Clotilde.

Sem saber que interrompera algo, *nada*, Nathaniel se corrigiu, não interrompera *nada*, Clotilde se voltou para ele.

– Posso lhe servir um chocolate? Uma bebida?

– Quando quiser, eu me sirvo. – Ele inclinou a cabeça na direção das duas, desejou “boa-noite” e foi para o quarto.

CATALINA SE sentou na cama e folheou a revista que Clotilde deixara ali depois de esperar que ela tomasse banho. A partir do dia seguinte, iria ignorar os esforços de Clotilde para ganhar o prêmio de Acompanhante do Ano e aprender a fazer as coisas sozinha. Até agora, a não ser escovar o cabelo, todas as suas tentativas de obter alguma independência tinham sido rechaçadas.

Enquanto olhava a revista, ela tentava descobrir algo com que pudesse preencher o tempo. Com suas atividades oficiais canceladas até ela ter o bebê, precisava se ocupar com alguma coisa. Precisava abordar o assunto com Nathaniel, mas não vestindo uma camisola.

Catalina corou ao se lembrar do episódio no corredor, onde a luz deixara sua camisola transparente. Um calor maior ainda se instalou em uma parte mais íntima do seu corpo, quando ela se lembrou do olhar de Nathaniel. Em seus olhos ela vira desejo. Reconhecera-o porque o vira na noite em que haviam concebido o filho.

E era o desejo que fazia com que seus olhos se voltassem constantemente para a porta e que ela ficasse alerta para qualquer ruído de passos.

Aquela seria a noite em que ele viria até ela? Bateria na porta, pretendendo consumir o casamento?

Ela o deixaria entrar ou não? As esposas reais de Monte Cleure jamais diziam não a seus maridos. Apesar de casada com um plebeu, ela ainda era uma princesa. Pertencia legalmente a Nathaniel, e a não ser que seu pai oficialmente a banisse e lhe tirasse o título de Sua Alteza Real, ela ainda deveria seguir as regras do palácio...

De repente lhe ocorreu que as leis só se aplicavam quando ela estava em Monte Cleure...

Catalina ouviu um ruído e conteve a respiração.

Depois de longos segundos de silêncio, ela se encostou na cabeceira da cama, fechou os olhos e esperou o coração se acalmar.

Não podia jurar que, se Nathaniel entrasse no quarto e fosse até sua cama, não iria recebê-lo de braços abertos.

Nem podia jurar que não lhe daria um gelo e o mandaria embora.

Mas ela não teve a chance de descobrir o que faria.

Três horas mais tarde, quando o meio da noite se tornara uma lembrança distante, sua cabeça exausta finalmente desligou e apagou.

O coração cansado e angustiado de Catalina ainda doía quando ela acordou na manhã seguinte.

CAPÍTULO 6

CATALINA FEZ o trajeto do quarto até a sala de jantar com Clotilde correndo à sua frente para lhe abrir as portas.

Para sua surpresa, Nathaniel estava sentado à mesa, tomando café e lendo o jornal. Geralmente, ele só passava algum tempo com ela durante o jantar. Perguntava educadamente como ela estava indo e eles conversavam sobre amenidades, até que a refeição acabasse e ele pedisse licença para se retirar. Fora o que acontecera durante os dez dias de casamento.

Ele levantou para recebê-la.

– Dormiu bem?

– Sim, obrigada.

Catalina se sentou na cadeira que Clotilde puxou para ela e, depois de lhe servirem uma xícara de chá e de ela escolher o que queria comer, percebeu que os dois estavam sozinhos.

– É uma surpresa encontrá-lo aqui. Normalmente, a essa hora, você já está no escritório.

– Vou trabalhar durante o voo.

– Para onde você vai?

– Para Xangai. Estou interessado em comprar algumas terras.

– Eu não vou com você?

– É uma viagem de negócios. Você ficaria entediada.

Conhecendo um fora, quando ouvia um, Catalina sorriu graciosamente e bebeu um gole de chá, mas, por dentro, fervia de raiva.

– Quanto tempo você vai ficar fora?

- Duas semanas.
- Tanto tempo?
- Não é fácil comprar terras em Xangai, principalmente quando se é estrangeiro.
- Você vai me deixar sozinha por duas semanas?
- O meu pessoal cuidará de você.
- Sei que sim, mas não foi isso que eu quis dizer. Não vai parecer estranho que você deixe sua nova esposa para fazer uma viagem de negócios? – Pensar em si mesma como esposa era uma piada, porque o marido a evitava e eles não tinham contato físico. E, agora, ele ainda aumentaria a distância.
- Não para quem me conhece. – Nathaniel deu de ombros.
- Quando você parte?
- Daqui a uma hora.

Ele fora tão indiferente que, pela primeira vez na vida, Catalina desejou bater em alguém.

Ela enfrentara o abuso físico e verbal por parte do irmão e nunca desejara machucá-lo. E ali estava Nathaniel, falando educadamente com ela, e ela queria fazê-lo sofrer.

- Você tem planos de viajar novamente, no futuro próximo? – De repente, ela se lembrara de que ele tinha negócios em vários lugares do mundo.
- Quando voltar de Xangai, passarei algumas semanas aqui antes de ir para a Grécia. Depois, eu vou...

- Posso ir com você para a Grécia?

Ele esfregou a nuca e fez uma careta.

- Catalina, será uma viagem de negócios, não um passeio.

- Eu não iria atrapalhá-lo. Posso passear sozinha.

Ele sacudiu a cabeça, e a revolta que ela sentia por fim subiu à superfície.

- Você está fazendo isso para me humilhar?

- Eu não tenho ideia do que você está falando.

Ela olhou para ele, espantada.

- Mal nos casamos e você vai viajar pelo mundo sem mim. Que tipo de impressão isso causa? Não apenas para o público, mas também para mim? Eu sou uma companhia tão desagradável que você não suporta a minha presença nem por tempo limitado?

- Não é isso... – rosnou ele.

- Então, você não tem uma desculpa razoável para não me levar à Grécia com você.

- Eu não preciso de uma desculpa razoável. A resposta é não. Não preciso da preocupação de cuidar de uma princesa enquanto estiver trabalhando. Aqui, você estará

em segurança e eu não precisarei me preocupar.

– Posso ser uma princesa, mas não sou uma criança.

– Eu sou responsável por você.

– Você está arranjando desculpas para me manter a distância. Eu fiz alguma coisa que o ofendeu? Não cheiro bem?

Ele a silenciou com um olhar. Catalina percebeu que ele estava realmente olhando para ela, e não como fizera na noite em que enxergara através da camisola.

A frustração estava estampada em seu rosto.

– Catalina, este não é um casamento de verdade.

– Você deixou isso muito claro. – Ele ainda não respondera por que a estava mantendo distante.

– Você sabia o que estava aceitando quando concordou. – Nathaniel se levantou e empurrou a cadeira.

– Então me diga o que devo fazer. Não estou acostumada a não fazer nada. Eu sempre estava ocupada. Devo ficar presa neste apartamento, olhando para o relógio e contando os segundos que faltam até o dia em que você vai poder se livrar de mim?

Pelo olhar que ele lhe lançou antes de sair da sala, Catalina concluiu que era exatamente isso.

ELE NÃO teve a gentileza de se despedir. Fazia uma semana que partira para Xangai e ainda não tivera a educação de telefonar.

Sem conseguir dormir, Catalina observava a chuva fina que batia na janela do seu quarto. O apartamento de Nathaniel ficava no coração do distrito financeiro de Monte Cleure, em um edifício com mais de 20 apartamentos, mas ela nunca vira um vizinho. Na rua, luzes coloridas iluminavam a escuridão, mostrando que seu povo e os turistas estavam aproveitando as distrações noturnas que a cidade tinha a oferecer. Era um tipo de diversão que ela jamais tivera.

Catalina nunca considerara sua vida limitada. Não propriamente. Mas nunca tivera tanto tempo para *pensar*. Sem nada para ocupar seus dias, precisava preencher muitas horas, e tudo que fazia era meditar. E uma das coisas que sempre voltava a lhe ocorrer era o quanto da vida ela perdera.

Pensando que se casaria com um dos príncipes Kalliakis, ela sempre achara que, um dia, teria um pouco de liberdade, mas nunca ousara admitir para si mesma o quanto a queria.

Ao saber que teria um filho de Nathaniel e que se casaria com ele, por um instante vislumbrou uma vida de verdade, mas nada mudara. Sua vida ainda era totalmente controlada.

Esperava-se que ela obedecesse. Fora para isso que nascera. Ninguém se importava com seus sentimentos e opiniões.

Nathaniel ao menos ouvira seu pedido para lhe dar algo para fazer. Dera um cartão de crédito a Clotilde e a mandara levá-la para fazer compras. Mas dera o cartão de crédito para a *empregada*, e não para ela. Isso a magoara quase tanto quanto o fato de ele ignorar seu pedido para levá-la com ele e a indiferença que demonstrara desde que tinham se casado.

Catalina vira o desejo em seus olhos. Ele a queria. Não tinha dormido com ela e imediatamente se cansado. Era pior do que isso. *Escolhera* mantê-la a distância.

Evidentemente, ele a achava tão vazia que se sentiria feliz em preencher seus dias fazendo compras. Ela nunca fizera compras.

Com sede e com o coração dolorido, Catalina saiu do quarto e fechou a porta, agradecendo pelos tapetes abafarem seus passos. Cumprindo sua obrigação de acompanhante, Clotilde se mudara para o quarto ao lado do dela, para “estar disponível a qualquer momento”. E nada conseguira fazê-la mudar de ideia.

Catalina se dirigiu silenciosamente à cozinha. Só queria fazer uma xícara de chá sem que lhe tirassem a chaleira da mão e lhe dissessem que não poderiam deixar que uma princesa se queimasse. Mas ela observara atentamente tudo o que faziam, resolvendo que, um dia, iria desempenhar as tarefas que todos consideravam corriqueiras.

Ao passar pelo escritório de Nathaniel, ela viu a porta parcialmente aberta.

Curiosa para ver o lugar que instintivamente sabia lhe ser proibido, ela abriu a porta, entrou e acendeu a luz.

Por que não deveria entrar ali? Afinal, ainda que apenas no nome, era esposa de Nathaniel.

Uma grande mesa de carvalho dominava a sala, que tinha uma aparência temporária e funcional. Nathaniel possuía casas espalhadas pelo mundo e vivia nelas por períodos que iam de dias a meses. Nada na vida dele era permanente, principalmente a esposa.

Se ele era tão frio com ela, como iria tratar o filho dos dois? Que tipo de pai seria? A julgar pelo que ela via, ele seria um pai ausente.

Então, quem seria um pai para seu filho? Quem lhe serviria de modelo masculino? O pai dela?

Catalina sentiu um arrepio de pavor ao pensar no envolvimento de Dominic. Assim que ela voltasse para o palácio, ele não permitiria que o deixassem de lado. Até que ela se casasse novamente, seu pai e seu irmão iriam controlar a vida de seu filho.

E ela seria forçada a se casar com mais um homem que iria dominá-la e esperar que ela cumprisse o seu dever, sem reclamar ou questionar. Com um homem que iria assumir o controle da vida de seu filho.

Ela abraçou a barriga onde seu filho ainda estava se desenvolvendo e crescendo. Aquele pequeno ser era a coisa mais preciosa do mundo.

A atenção de Catalina foi despertada por uma maleta sobre a mesa. A sala estava impecavelmente arrumada, e não se via uma caneta ou papel fora do lugar. Para ela, aquela maleta parecia ser um sinal.

Ela pressionou os fechos da maleta, esperando que estivesse trancada, mas levou um susto ao ver que eles se soltavam.

Sentindo-se envergonhada por bisbilhotar, Catalina abriu a maleta com cuidado. A última coisa que esperava ver eram as pilhas de notas de 20 euros.

NATHANIEL E seu arquiteto estavam na suíte do hotel, repassando as anotações que James fizera durante a visita ao terreno que ele estava comprando. Ele contratara James durante a fase de planejamento de seus últimos empreendimentos e o apreciava por nunca tentar impor sua visão aos projetos. Nathaniel esquematizava suas ideias no papel e James desenhava as plantas.

A semana anterior fora produtiva. Sua equipe de caçadores de imóveis havia descoberto várias casas para ele ver. Tudo estava indo exatamente como ele planejava...

O celular de Nathaniel tocou, e ele viu o nome de Alma na tela.

– Com licença – disse ele a James, atendendo.

– Nathaniel? – Havia um tom de pânico na voz de sua secretária.

– O que houve?

– A princesa. Ela desapareceu.

– Como ela pode ter desaparecido?

– Clotilde foi até o quarto dela, no horário habitual. Ela não estava lá. O porteiro disse que ela saiu do elevador do apartamento às 5h da manhã e lhe pediu para chamar um táxi.

– Ele disse para onde ela foi?

– Não. Mas localizamos o motorista. Ela foi para o aeroporto.

De algum modo, ele conseguiu manter a calma.

– Alma, diga-me como a princesa conseguiu passar pelos seguranças. – Ele colocara guardas nas três saídas do edifício.

– Ela usou o elevador de serviço para descer até a garagem, onde o táxi foi pegá-la. Ela colocou um lenço na cabeça. Os seguranças não tinham como saber que era ela. – A voz de Alma se tornou um sussurro. – Isso não é tudo. A maior parte do dinheiro do seu clube também desapareceu. A princesa deve tê-lo levado.

O primeiro impulso de Nathaniel foi rir. Catalina roubara seu dinheiro e se mandara? A ideia era mais do que absurda. Catalina era a pessoa mais conscienciosa e responsável que ele já conhecera.

De repente, Nathaniel sentiu um peso no estômago e um aperto no peito, e seu sangue congelou. Ela teria ido voluntariamente? Ou teria sido forçada? Seria refém de alguém?

Dominic a levava? Havia algo naquele relacionamento fraternal que o assustava. Catalina o prevenira de que Dominic pretendia lhe causar dano. Esse dano também se estenderia a ela?

– Para onde foi o voo? – perguntou ele.

– Não conseguimos essa informação com as autoridades do aeroporto.

– Estou voltando. – Nathaniel desligou, ligou para o piloto e mandou que a tripulação se preparasse para partir em uma hora.

Tentando controlar a ansiedade, ele deu alguns telefonemas enquanto jogava as roupas dentro da mala, para não perder tempo. Quando atravessou apressadamente o saguão do hotel para entrar no carro que o esperava, tinha se deparado com obstáculos suficientes para saber que precisaria de ajuda externa.

Precisaria telefonar para o rei de Monte Cleure e lhe comunicar que sua filha mais velha, grávida e recém-casada, tinha desaparecido.

CATALINA CARREGAVA a sacola de compras para a pequena cabana que alugara em Benasque Valley, na Espanha, sentindo a brisa fria lhe beijar o rosto. As botas mantinham seus pés seco enquanto ela os enfiava na neve, e as luvas forradas com pele artificial mantinham suas mãos aquecidas.

Como tantas outras, a cabana de pedras dava vista para o rio Esera, que congelara. Seus vizinhos turistas passavam os dias esquiando nas montanhas, e ela desfrutava de um abençoado silêncio.

Ao entrar em casa, Catalina foi acolhida pelo calor da lareira. Tirou o pesado casaco, o chapéu, o cachecol, as botas e as luvas, e colocou água na chaleira.

Levara quatro dias juntando coragem para sair da cabana. Quando as prateleiras ficaram vazias, a necessidade a forçara a fazê-lo. Agora, todos os dias, acordava ansiosa para caminhar até a cidade de Benasque. Até a madrugada em que deixara da casa de Nathaniel, nunca saíra sozinha.

Quando deixara o apartamento, não tinha destino certo, apenas a determinação de sair do país. O impulso fora tão repentino e *forte* que ela obedecera. Vestira um jeans e um suéter preto, cobrira a cabeça com um lenço, pegara o passaporte e a maior mala de mão que possuía. Voltara ao escritório e colocara a maior quantidade de dinheiro que pudera na mala.

Escapar do edifício e ir para o aeroporto fora fácil. Quando consultara a tabela de voos que iriam decolar, Andorra La Vella imediatamente se destacara. Ao comprar a passagem, sabia que não ficaria lá, mas a palavra Andorra lhe lembrara Benasque, que ela sabia ficar além da fronteira, do lado espanhol dos Pirineus.

Ela pagara a passagem com o dinheiro roubado. Pela primeira vez, manuseara dinheiro. O palácio sempre tinha pago tudo. Além do erguer de sobranceira da moça que checara seu passaporte, ninguém olhara para ela, a não ser uma criança que, ao vê-la passar, dissera para a mãe que ela se parecia com a princesa Catalina.

Ela tivera um momento de pânico ao perceber a dimensão do que estava fazendo, mas pensara em seu bebê. O tempo ocioso no apartamento de Nathaniel permitira que ela reavaliasse sua vida. Não era a vida que queria para o filho. Se não sáísse de Monte Cleure naquele instante, jamais teria outra chance.

Mas o que começara como uma grande aventura se tornara algo mais estressante do que ela esperava. O aeroporto estava cheio de gente que se acotovelava, tentando chegar a algum lugar. Até aquele momento, todas as suas interações com as pessoas tinham sido cuidadosamente planejadas e coreografadas. Sempre houvera um segurança ao seu lado e uma linha invisível em torno dos dois, que as pessoas instintivamente sabiam que não deveriam ultrapassar.

Essa linha desaparecera.

Em Andorra, um senhor gentil lhe dera informações e a ajudara. Duas horas mais tarde, ela vestia roupas de inverno e entrava em um ônibus que a levaria para a cidade sobre a qual sua mãe falara ao lhe contar sobre sua infância.

Se ela soubesse que levaria quase oito horas para chegar e que ficaria enjoada, teria contratado um táxi, mas achara que a viagem de ônibus garantiria o seu anonimato. Não fosse pelo enjoo, teria aproveitado a novidade.

Catalina não pretendia se esconder para sempre. Estava surpresa por ter chegado tão longe. Só queria prolongar mais um pouco a paz que conseguira, antes de dar o telefonema e enfrentar as consequências do que fizera.

Ela colocou as compras sobre a mesa e abriu a caixa do celular que comprara. Podia ter chegado a uma desagradável conclusão sobre a dinâmica da sua família, mas não queria lhe causar preocupações desnecessárias. Ligara para o palácio, do aeroporto de Andorra, e informara que estava bem e que logo lhes daria notícias, mas desligara antes que Lauren, que atendera, pudesse questioná-la.

Não telefonara para Nathaniel. Imaginara que ele ficaria feliz ao saber que ela sumira. Ela o liberara de ser responsável por ela. Quanto ao dinheiro...

Catalina corou ao pensar no que tinha feito. Roubara o dinheiro de Nathaniel. Era uma ladra. Nunca entendera como a culpa poderia impedir alguém de dormir, mas, agora, sabia.

E era mais do que isso. Não conseguia deixar de pensar *nele*.

Não poderia mais adiar. Sua família poderia esperar um pouco mais, mas ela iria telefonar para Nathaniel naquela noite.

Uma batida na porta fez com que Catalina soltasse o celular no balcão e olhasse pela janela da cozinha, para ver quem era. Nos dez dias que passara ali, seu único visitante fora o proprietário da cabana.

Ela sentiu o coração quase lhe subir à boca ao ver Nathaniel, mas antes que pudesse se esconder, ele virou a cabeça e olhou diretamente para ela.

Nathaniel não lhe deu tempo de chegar à porta porque a abriu.

Fez-se um longo silêncio.

Ele olhava para ela severamente, parecendo maior e mais poderoso do que nunca, com os olhos verdes brilhando ameaçadoramente.

CAPÍTULO 7

NATHANIEL SACUDIU a neve dos sapatos. Depois de dez dias de busca frenética, ele a encontrara.

– Você tem muito a me explicar, *princesa*.

O alívio que ele sentira ao encontrá-la deu lugar à fúria. Se ela tivesse ideia do que o fizera passar...

Quando ficara evidente que Catalina desaparecera...

Ele tivera a forte sensação de *déjà vu* e voltara 28 anos atrás, até o dia em que ouvira aquele enorme estrondo e, minutos depois, vira a enorme onda de neve caindo sobre o local onde estivera o restaurante.

O medo fora intenso. Incontrolável. Durante sua busca por ela, houvera momentos em que o pânico o queimara como ácido e ele se perguntara se a veria novamente e se conheceria seu filho.

Mas, agora, encontrara-a.

A cabana era acolhedora e com ambientes integrados. Uma pequena mesa separava a cozinha da área de estar. Catalina parecia estar grudada ao lado da bancada da pia, olhando-o fixamente com um misto de temor e desafio.

– Não me diga que pensou que poderia se esconder para sempre. – perguntou ele com ironia. Ela parecia bem, a não ser pelos curativos em dois dedos da mão esquerda. Seu rosto tinha um brilho saudável que ele nunca vira. Ela vestia uma calça preta justa e uma grossa túnica de lã que ia até os joelhos. Calçava sapatilhas de pelúcia horrorosas, mas apropriadas para o ambiente.

Aquelas coisas deveriam ter sido compradas com o *seu* dinheiro, porque ela não tirara nada do apartamento.

– Não para sempre. – Catalina sacudiu a cabeça e recuou como um gato assustado. – Como me encontrou?

– Colocando meus melhores funcionários à sua procura. Presumo que tenha escolhido este lugar propositadamente. – Ele não conseguia acreditar que a princesa serena que desejara de longe por tanto tempo pudesse ser tão cruel e sem escrúpulos.

Não acreditava que ela fosse uma ladra. Ou que gostasse de se esconder. Quando voltara para Monte Cleure, ficara claro que não se tratava de um sequestro, e o telefonema que ela dera para o palácio confirmara isso. Catalina fugira. Ela o deixara, levando o filho que tinham concebido.

Encontrá-la ali, nos montes cobertos de neve dos Pirineus, no auge da temporada de esqui...

Os olhos cor de chocolate dela clarearam, entraram em foco e pareceram atravessá-lo. Nathaniel esquecera o quanto eles eram sedutores.

– Estou aqui porque sempre quis conhecer este lugar.

Como ela podia estar tão *calma*? Enquanto ele... Ele era uma bola de lava dentro de uma casca que se desmanchava e ameaçava explodir.

Dez dias de preocupação. Ela roubara parte do seu dinheiro, mas ele só se preocupara em como ela iria se cuidar sozinha. Esperara encontrá-la descabelada e malcuidada. Mas seu cabelo brilhava, sua pele estava saudável, e ela se mantinha tão serena quanto antes.

Podiam tirar a mulher da realeza, mas sua nobreza permanecia. Catalina poderia estar vestindo um avental e limpando banheiros, e ainda teria uma postura aristocrática.

Mas seu corpo majestoso era feminino, terreno e delicioso, como seda e creme envolvendo fogo.

– Um lugar que você queria conhecer e que, por acaso, fica em uma montanha coberta de neve? Você esteve esquiando?

– Claro que não.

– É melhor que não.

– Ou o quê? Você vai me castigar?

– Não diga bobagens.

– Então, não me ameace. Passei a vida ouvindo ameaças e não vou mais tolerá-las. – A voz dela estava firme, clara. Só a maneira como ela amassava uma ponta da túnica mostrava a ansiedade por trás da máscara de calma.

Nathaniel se lembrou de, que quando se dirigiram ao seu apartamento, depois do casamento, ela fizera o mesmo com o vestido de noiva que ele ansiava por lhe tirar. E também na ópera, com o longo vestido preto.

– Eu não estava fazendo ameaças, mas você parece ter esquecido que está grávida do meu filho. – Ele estava quase gritando. Estava tão zangado que ameaçava perder o controle.

– Isso não quer dizer que você pode mandar no meu corpo ou na minha mente. Não estamos em Monte Cleure. Não faz muito tempo que você achou estranho que eu deixasse a minha família comandar o meu corpo e o modo de usá-lo. Deveria estar contente por eu ter levado suas palavras a sério. A partir de agora, *eu* resolvo o que vou fazer, não o meu pai, o meu irmão ou você. Eu não sei por que você veio até aqui. Pensei que ficaria feliz por se livrar de mim.

Ele também pensara assim, até que ela fugira.

– Droga, Catalina, você é minha esposa.

– É mesmo? Pensei que eu fosse um peso.

Foi a frieza com um traço de amargura da voz dela que o levou a se aproximar e prendê-la contra o balcão.

Nathaniel sentiu o perfume que guardara na lembrança desde a noite que tinham passados juntos, e a ânsia que sentia no peito se espalhou por todo o seu corpo.

Ele acariciou o rosto dela e apertou-lhe o queixo.

– Você é minha esposa – sussurrou ele. – Fizemos votos.

Ela arregalou os olhos e abaixou a voz para o mesmo tom que ele usara.

– Votos que não tinham significado algum.

– Prometemos ficar casados até o nascimento do nosso filho. Eu assinei um contrato. Você quebrou sua promessa.

Catalina não se encolheu. Continuou encarando-o, com um olhar confuso.

– Você quebrou a sua antes. Não me tratou como esposa. Se vou viver com você por um ano, voltar para o palácio e esperar que eles me casem com outro homem que também vai me tratar como se eu fosse irritante, prefiro me arriscar a ficar sozinha.

– Isso não vai acontecer. Você vai embalar suas coisas e nós vamos sair deste buraco.

– Você pode ir para onde quiser. Eu não vou a lugar algum, e isso inclui a prisão que você chama de apartamento.

– Você vai voltar comigo, nem que eu tenha de carregá-la espermeando e gritando para dentro do avião.

A voz dos dois se reduzira a um sussurro. Nathaniel sentiu seu hálito sobre os lábios e perdeu a batalha contra o corpo, rendendo-se à pressão na virilha.

Os olhos dela de repente brilharam.

– Por que você quer que eu volte? Você me odeia.

– Eu não a odeio. – Ele odiava o que ela tinha feito e a preocupação que lhe causara. Como poderia odiar alguém que desejava tanto?

– Então, por que me evitou o tempo todo? Você me trata como se eu fosse uma estranha. *Odeio* morar com você.

Durante todos os anos que a conhecera, aquela era a primeira vez que ela demonstrava um sinal de vulnerabilidade.

– Eu estava tentando protegê-la. – E não dera certo.

– Por quê?

Ela estava com os lábios entreabertos tão perto dos dele que, se ele esticasse a língua, poderia tocá-los.

– Pensei que deveria me manter a distância para evitar o risco de você se apaixonar por mim.

Catalina franziu os olhos, furiosa.

– Nunca vi tanta arrogância... – Ela o empurrou pelo peito. Nathaniel se afastou e se apoiou do outro lado da bancada, tentando controlar a respiração. – Quanto a isso, não precisa se preocupar. – Ela apertou os lábios que ele quase beijara.

Nathaniel riu. Quantas mulheres ele ouvira dizer que não acreditavam em amor?

– Não *ouse* rir de mim. – Desta vez, foi Catalina quem se aproximou e cutucou o peito dele. – Eu só dormi com você porque não havia a mínima chance de eu me apaixonar por você.

– Como é que é? – Ele sentira o golpe no ego.

– Eu senti desejo por você. Nada mais. Desde os 15 anos, eu esperava conhecer alguém que desejasse e resolvi não perder a oportunidade.

Ele olhou para ela, admirado.

– Não é nada agradável, não é? – disse Catalina. – Ouvir a verdade sem rodeios.

Ela o pegara. Seus padrões duplos tinham se virado contra ele. Nathaniel disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

– Por que desde os 15 anos?

– Era a idade que eu tinha quando flagrei um casal fazendo amor na estufa do palácio. Apanhado de surpresa, ele riu. Catalina franziu os olhos e cutucou-o com maior força.

– Não foi *engraçado*. Foi.... – Ela engoliu em seco e sacudiu a cabeça. – Se eles tivessem sido vistos por outra pessoa...

Nathaniel não espera aquela reviravolta na conversa.

– Quem eram eles?

– Não importa. Eles não me viram. Eu tive muito medo para ficar olhando. Mas a imagem não me saía da cabeça. Depois que soube que eles eram amantes, observava como eles agiam quando estavam juntos e não sabiam que alguém estava olhando.

– Era um caso proibido?

– Totalmente. Mas, depois que eu soube, não pude *dessaber*.

Nathaniel compreendia. Fora impossível seu tio “dessaber” o que tinha visto.

– Quando os flagrei juntos, só vi o desejo. Era isso que eu não conseguia tirar da cabeça. Até então, eu não sabia como um homem e uma mulher podiam se sentir. Depois disso, nunca mais vi algo de inapropriado entre os dois, mas quanto mais eu os observava, mais percebia que estavam apaixonados. – Catalina abaixou os olhos, olhou para o dedo ainda pressionado contra o peito de Nathaniel e pareceu surpresa. Recolheu o dedo e se afastou. – Acabou muito mal.

– O amor sempre acaba mal.

Ela sorriu mecanicamente.

– Espero que Isabella prove que essa teoria está errada. Ela e Sebastien se adoram. Mas eu sabia, desde que vi a mi... – Ela engoliu o que ia dizer e fez uma pausa, antes de continuar a falar. – Eu só lhe entreguei meu corpo. Para a mulher, o amor é perigoso. Principalmente para uma princesa. Eu sabia que teria que entregar meu corpo ao meu marido, mas também sabia que seria mais inteligente guardar meu coração e minhas emoções só para mim. No meu país, os homens têm todo o poder. Eu não pretendia dar a um homem mais do que ele poderia exigir legalmente. – Catalina ergueu o queixo. – E, agora, não darei nem isso. Eu não quero mais o futuro que foi planejado para mim. Não vou voltar para Monte Cleure. E você não pode me obrigar.

Nathaniel ficou olhando para ela. Sua cabeça girava, mas não deixaria que ela o desviasse do seu objetivo.

– O seu discurso foi muito bonito e comovente, mas você *vai* voltar comigo.

Ela balançou a cabeça com vigor, sacudindo as tranças.

– Há 5 dias, o seu pai emitiu um comunicado anunciando que está investigando a Empreendimentos Giroud por suspeita de irregularidades financeiras. – Só de falar ele sentia o gosto de fel. Ficava enojado ao pensar que, enquanto estivera preocupado, procurando Catalina, o pai dela manipulara a situação em benefício próprio. – Ele também embargou a obra e revogou a posse do edifício Ravensberg.

Catalina ficou boquiaberta, mas nada disse.

– No país está havendo muita especulação sobre o seu destino. O palácio fez algumas declarações em seu nome, dizendo que está tudo bem. Mas as pessoas falam. O seu pai a

quer de volta. Você vai voltar comigo antes que os rumores ganhem força e eu vou levá-la à festa de aniversário do seu pai, daqui a uma semana, ou vou perder o meu empreendimento e a minha casa e, ainda por cima, a minha reputação profissional. Se eu voltar a Monte Cleure sem você, serei preso.

Ele fora totalmente enganado.

– Ele não pode fazer isso! – Catalina estava atônita, mas agora entendia a breve esperança que sentira quando Nathaniel segurara seu rosto, a raiva nos olhos dele contrastando com a ternura do gesto, e declarara que ela era sua esposa. A esperança, que durara alguns segundos, de significar algo para ele...

Ela minimizara o significado da noite que haviam passado juntos porque sentira medo, raiva e mágoa pelas exigências que ele estava lhe fazendo. Tinham sido um bom lembrete das coisas que ela não queria. E estivera certa.

Nathaniel a procurara porque seus negócios e sua liberdade estavam ameaçados.

Dominic deveria estar por trás daquilo tudo. A situação tinha sua marca. Seu irmão estivera esperando uma oportunidade para enfiar a faca em Nathaniel e, fugindo, ela lhe dera a munição necessária para fazer com que o pai a gerasse.

O futuro de independência com que tanto sonhara estava se desmanchando rapidamente.

– Ele é o rei – disse Nathaniel com ironia, mas com um olhar furioso. – Pode fazer o que quiser, mas não pode me tocar se eu estiver fora do país. Eu sou cidadão francês e tenho dinheiro e contatos suficientes para evitar que um tirano consiga a minha extradição. Mas ele pode facilmente destruir minha reputação profissional.

– Eu vou falar com ele. Vou lhe dizer que o que está fazendo é errado e deplorável.

– E acha que ele vai *ouvi-la*? Nós sabemos que a sua palavra não significa mais nada para ele, se é que já significou.

Claro que não. Nem mesmo quando ela era a filha perfeita e obediente. A cabeça de Catalina girava tanto que ela teve medo de ficar enjoada.

– Eu sabia que Dominic era perigoso...

– Você acha que *ele* está por trás disso?

– O meu pai sempre foi autoritário e teve sede de poder, mas costumava ter escrúpulos. A influência de Dominic sobre ele aumentou com os anos e, agora, ele é a primeira pessoa que o meu pai ouve. Talvez, a única. Dominic odeia você. Eu o *avisei* para tomar cuidado com ele.

– Não fui eu quem fugiu e criou essa confusão. Foi você.

Por um instante, Catalina pensou que ele iria tocá-la novamente, mas Nathaniel cruzou os braços.

– Cabe a você consertar as coisas. Eu fiz tudo que me pediram e é assim que você me paga? Roubando o meu dinheiro e fugindo do país, com o meu filho na barriga?

– Eu não sabia que isso se voltaria contra você – sussurrou ela. – Eu só queria liberdade para mim e para o nosso filho.

– Se tivesse me dito como se sentia, em vez de fugir como uma criança culpada, eu poderia tê-la ajudado.

Catalina sentiu uma onda de raiva.

– Eu tentei lhe dizer, mas você não ouviu. Talvez eu devesse ter sido mais insistente, mas passei 25 anos guardando meus pensamentos e minhas opiniões e negando meus próprios sentimentos. Não tem sido fácil mudar hábitos de uma vida, e você não ajudou ao me isolar e se recusar a ficar sozinho comigo.

– Não me culpe por suas ações.

– Não estou culpando. Eu não deveria ter pegado o seu dinheiro...

– Esqueça o dinheiro, você fugiu com o *meu filho* – resmungou Nathaniel.

– Eu fugi pela segurança do nosso filho. – Ela se abraçou o corpo. – O meu pai não viverá para sempre. Um dia, Dominic vai assumir o trono. Eu não quero o nosso filho vivendo sob seu controle. *Eu* não quero viver sob seu controle. Você, que tem total liberdade, não consegue entender que eu queira isso para o nosso filho? Eu ia telefonar para você...

Nathaniel riu com amargura.

– Claro que ia.

– Foi por isso que comprei um celular. Se olhar à sua esquerda, verá que ele está sendo carregado. Eu ia telefonar para saber como você se sente a respeito do nosso filho, para me desculpar pelo dinheiro e para combinarmos como eu poderia devolver parte dele. Eu não tinha percebido quanto tinha trazido.

– Como podia não saber que tinha pegado duzentos mil euros?

– Eu sabia quanto, mas desconhecia seu valor. Nunca tinha lidado com dinheiro. O palácio sempre pagou por tudo. Eu não tinha ideia do quanto cada coisa custava, porque nunca tive que pagar nada ou fazer compras.

Ele não estava mais furioso, mas sua expressão era severa.

– Você precisa voltar comigo. É o único modo de eu salvar o meu projeto. Não quero enfrentar uma acusação de fraude.

Se Catalina soubesse gritar, aquela seria a hora. Nunca gritara, mas também nunca estivera tão zangada, frustrada e amedrontada.

– Preciso beber alguma coisa – balbuciou ela. – Vou fazer um chá. Quer um pouco?

Nathaniel olhou para ela como se ela tivesse ficado louca, e Catalina pensou que corria o risco de ficar.

– Você me ouviu?

– Sim, ouvi. – E, agora, ela queria esbravejar. Nunca elevara a voz, nunca se comportara de maneira inadequada para uma princesa. – Pensei que tivesse conseguido minha liberdade, mas agora você quer tirá-la de mim novamente.

– Eu não tenho escolha.

– Tem sim. Você pode ir embora. – Ela acendeu o fogo sob a chaleira.

– E abandonar um empreendimento de milhões de euros?

– Por que não? Você tem hotéis, clubes e condomínios em todo o mundo. Você é milionário. – Ela pegou dois saquinhos de chá na caixa e colocou-os dentro de um bule florido.

– Foi por isso que você achou correto pegar o meu dinheiro?

– Não. – Ela se sentia realmente culpada. – Eu sei que não deveria ter feito isso, mas estava desesperada. A oportunidade surgiu, e eu aproveitei.

– *A oportunidade surgiu.* – Ele imitou a voz dela. – Você vai usar isso como defesa quando a polícia a interrogar?

CAPÍTULO 8

CATALINA FICOU gelada.

– Você faria isso? Chamaria a polícia?
– Pode acreditar que sim – falou ele secamente. – Se você se recusar a voltar comigo, não me deixará escolha. Eu não quero fazer ameaças...

– Então, *não* faça.

– Há uma câmera permanentemente ligada no meu escritório.

Ela congelou.

– É uma medida de segurança porque eu costumo receber grandes quantias em dinheiro depois que os bancos já fecharam. O vídeo mostra claramente você, de camisola, abrindo a pasta e, menos de dez minutos depois, passando o dinheiro para a sua sacola. Volte comigo e poderá destruir a gravação pessoalmente.

– Isso é chantagem.

– Sim. Eu não queria recorrer a ela, mas, sinceramente, *mon papillon*, eu me recuso a deixar que a sua família destrua tudo que eu construí. Nunca me importei com a minha reputação pessoal, mas com a minha reputação profissional é diferente. As acusações do seu pai pesarão sobre mim até que ele as retire publicamente. E ele não vai fazer isso até que você volte. Eu não vou deixar que o meu filho pense que sou um criminoso. – Nathaniel lhe lançou um olhar amargurado. – E quero que você passe o resto da gravidez comigo porque não confio que, longe de mim, você não iria fugir com o nosso filho de novo.

– Nosso filho significa tanto para você?

– Como pode duvidar, se eu me casei com você para garantir meus direitos de pai?

– Você se casou comigo para proteger seu empreendimento.

– Havia vários motivos, mas, creia, o meu empreendimento estava no fim da lista. Eu quero o nosso filho e quero ser pai.

Enquanto ele falava, Catalina derramava a água fervente no bule e a manga da sua túnica subia um pouco, revelando uma atadura em seu pulso.

– Como você se machucou? – Nathaniel perguntou.

Ela colocou um abafador sobre o bule.

– Eu me queimei quando estava tirando um assado do forno.

– E seus dedos?

– Eu me cortei quando fatiava legumes para acompanhar o assado. – Ela pegou o leite na geladeira e colocou um pouco dele em duas canecas.

Nem em seus sonhos mais loucos, Nathaniel imaginaria Catalina naquele cenário doméstico. Ele sentiu o coração se apertar ao pensar que ela se machucara.

– Como você sabe fazer um assado?

– Eu sei ler. Posso seguir instruções. Em Benasque, há livrarias que vendem livros de culinária. – Ela retirou o abafador do bule, serviu o chá e empurrou uma caneca na direção de Nathaniel.

– Você não gastou o meu dinheiro comprando porcelana?

O abafador do bule, que estava na mão dela, passou voando acima da cabeça de Nathaniel.

– É isso que você pensa sobre mim? – perguntou ela, elevando a voz uma oitava. – Que eu sou uma princesa inútil que só se preocupa com as louças que vai usar? Já lhe ocorreu que eu nunca tive escolha sobre *nada* e que isso inclui as malditas xícaras que usava? – Catalina tomou fôlego. – Eu estou em uma posição privilegiada. Por mais que você me ameace, não pode me forçar a voltar. Estamos na Espanha. O direito que você tem sobre mim em Monte Cleure não se aplica aqui. Eu sou uma mulher livre.

Nathaniel teve vontade de rir.

– Você se considera livre sustentando a sua liberdade com o dinheiro que me roubou?

– Eu peguei seu dinheiro porque estava desesperada. Sou sua esposa. Posso não ter muitos direitos, mas, até em Monte Cleure, a manutenção do meu bem-estar e o do meu filho é um deles. É assim que eu justifico isso. – Ela olhou para ele e suspirou. – Mas reconheço que você está em uma posição difícil.

– Então, você vai voltar comigo espontaneamente? – Nathaniel sabia que jamais chamaria a polícia. Mas também não poderia deixá-la ficar ali. Ela estava carregando seu filho. Ela era *sua*.

A direção possessiva de seus pensamentos pegou-o desprevenido.

Catalina provara ser uma mulher imprevisível, alguém capaz de roubar...

Mas ela roubou o dinheiro porque não viu outra saída. Fez isso para proteger o filho.

Por mais desculpas que ela desse, nada mudaria o que fizera.

Nada pudera mudar o que *ele* fizera há tantos anos. Com Catalina, ele tentara reparar seus antigos erros, fizera o que era correto, tentara protegê-la dele, e ela fugira.

Ela foi treinada para não expressar o que sente. Treinada para obedecer como um cachorrinho.

Mas, agora, ela estava se expressando em alto e bom tom.

Enquanto ele raciocinava, Catalina olhava-o diretamente nos olhos.

– Não precisamos nos divorciar.

Ele ficou surpreso.

– Assim que voltarmos a Monte Cleure, você volta a ser meu proprietário legal. Os meus ancestrais ajustaram a Constituição de modo a que as mulheres da Casa dos Fernandez tivessem poucos direitos. Isso significa que eu não tenho o direito de pedir o divórcio. Se você se recusasse a se divorciar de mim, o meu pai não poderia fazer nada. Eu não teria que me casar de novo e nenhum outro homem iria se envolver na educação do nosso filho.

Nathaniel estava tenso.

– Por mais vantajosa que seja a sua ideia, eu não quero ficar casado. – Ele se sentia melhor sozinho. Sempre fora sozinho.

Não queria ser *salvo*, como tantas mulheres achavam que precisava ser. Não precisava. Tinha tantas companhias femininas quanto um homem poderia querer e não queria mais nada. Nem mesmo da mulher com quem se casara e que não conseguia tirar da cabeça.

Ele achara que Catalina fosse diferente do irmão, mas ela possuía o mesmo dom de enganar no qual Dominic se especializara.

Ela provara ser um problema com “P” maiúsculo.

– Eu sei que você não deseja ficar casado e que está contando os dias até podermos nos divorciar. Mas não ouviu o que eu disse? Eu também não quero ficar casada. Eu só quero que o nosso filho tenha a liberdade que me foi negada e que fique longe da influência da minha família, e que eu também possa viver o resto da minha vida livremente. Não precisamos morar juntos e você não precisa ver outro homem educando seu filho. Por favor, Nathaniel. Prefiro ser freira a ser propriedade de outro homem.

– Poderia dar certo. – Quanto mais pensava, mais ele gostava da ideia. Não queria seu filho sendo criado por outro. O seu ódio por Monte Cleure era tanto que ele sabia que nunca mais iria querer ter negócios ali. – Mas temos que voltar e dizer ao seu pai que está

tudo certo. Você deve mostrar arrependimento. Eu quero a minha terra de volta e a minha reputação restaurada.

Ela parecia ter relaxado um pouco. Assentiu e bebeu um gole de chá.

– Assim que eu tiver as escrituras de volta, vou colocar tudo à venda.

– Mas a obra ainda não está terminada.

– O comprador pode terminá-la. Eu sempre soube que havia algo de podre no seu país, mas agora que sei até onde vai o veneno, não quero ter mais nada com ele. Vou conversar com os príncipes Kalliakis. Eles gostam de diversificar seus investimentos e seu pai e Dominic não teriam coragem de ameaçá-los. Mas o processo não será rápido.

– Se eu tiver certeza de que terei liberdade, você terá o tempo que for preciso. Mas os príncipes estariam interessados em comprar? Pensei que eles investissem em empresas startups.

– Geralmente, sim. Helios financiou o meu primeiro projeto. A partir daí, a minha empresa decolou.

Nathaniel observou como ela reagia ao nome do homem com quem quase se casara, mas Catalina sequer piscou.

– Eu não sabia. Vocês são mais próximos do que eu pensava.

– Amigos de internato. – Nathaniel deu de ombros.

– Se vocês são bons amigos, o que ele achou de nos casarmos?

– Você não perguntou a ele?

– Não. Por que perguntaria? – Ela parecia surpresa.

– Por nada. – Nathaniel não tinha percebido que ficara angustiado com a possibilidade de ela ainda sentir algo por Helios. Não deveria se importar.

– Eu nunca o amei. Nunca senti nada por ele. Mas teria sido uma boa esposa.

Ele sentiu um nó lhe fechar a garganta.

– Tenho certeza de que Helios comprará o empreendimento não apenas por sermos amigos, mas também por não ter gostado da maneira como o seu pai tratou Amy. Já pensou que, se embarcarmos nisso, você pode ser expulsa da família para sempre? O seu pai já me culpa pelo seu desaparecimento. Se eu levar você e o bebê para outro país, ele jamais irá perdoá-la.

A mão de Catalina tremia levemente, enquanto ela bebia um gole de chá.

– O meu pai só se preocupa com a casa dos Fernandez e em aumentar seu poder. Ele não está interessado no que é melhor para mim ou para o meu filho.

– Então, é isso que vamos fazer. Quanto mais cedo deixarmos o seu país, melhor. Termine o seu chá e vá fazer as malas. Quero sair daqui antes de escurecer.

Catalina bebeu o chá, colocou a caneca dentro da pia e se voltou para ele.

– Eu queria ficar aqui mais uma noite. Não precisamos aparecer em público por mais duas semanas.

– Não. Precisamos nos mostrar unidos imediatamente.

– Que diferença faz uma noite?

– Está fora de questão. Vá fazer as malas.

Ela voltou a ficar tensa e ergueu o queixo, com os olhos chispando.

– Quando fala comigo desse jeito, você é tão ruim quanto o meu pai e o meu irmão.

– Eu não sou como eles.

– Então não se comporte dessa forma. Já que pretendemos parecer um casal feliz, enquanto durar o casamento você vai me tratar com respeito e como sua igual mesmo depois que voltarmos a Monte Cleure. Estamos entendidos?

Havia algo de impressionante naquela Catalina rebelde e concisa. Nathaniel concluiu que ela daria uma ótima rainha.

A coragem que ele sempre intuía que ela tinha brotava diante de seus olhos. Ela podia ser uma ladra, mas ele não podia deixar de admirá-la por ter saído de dentro da caixa em que sempre fora mantida.

– Eu nunca pretendi tratá-la com nada além de respeito – falou ele secamente. Admiração não queria dizer perdão. Apesar do que ela dizia, não confiava totalmente nela. Se tivesse outra oportunidade, ela talvez fugisse novamente.

Ele não lhe daria essa chance. Até o filho deles ter nascido, ele não a perderia de vista.

– Precisamos partir agora. Um helicóptero está esperando para nos levar até o aeroporto.

Catalina abaixou a cabeça.

– Vou fazer as malas.

CATALINA JOGOU a chave na caixa do correio da cabana do proprietário, junto com um bilhete agradecendo a hospitalidade.

Nathaniel a esperava ao lado do carro, limpando a neve que o cobrira desde a sua chegada.

– Está pronta? – perguntou ele com impaciência.

Catalina arrumara a mala rapidamente, mas fizera questão de ajeitar a cabana e deixar tudo no mesmo lugar em que encontrara. Também recolhera os maços de dinheiro que escondera em vários lugares, colocara-os dentro de uma mochila que comprara na cidade e a entregara a ele.

- E se você tivesse sido roubada?
- Para quem roubasse, iria parecer Natal – respondera ela alegremente, apesar de ter sido o que mais a preocupava desde que estava ali. Fazer trabalhos domésticos pela primeira vez na vida fora mais fácil do que suportar a culpa e o medo de que alguém roubasse o dinheiro.

O celular de Nathaniel tocou. Ele atendeu e, ao desligar, soltou um suspiro.

- Era o piloto do helicóptero. Há um problema com o motor.
- Alguma ideia de quanto tempo vai demorar para consertar?
- No mínimo, até amanhã de manhã.
- Parece que, afinal, vamos passar mais uma noite aqui. – Era o que ela queria. Mais uma noite no lugar em que se sentira tão próxima de sua mãe.
- Eu dirijo até o aeroporto. Entre no carro, *por favor*.

Ela obedeceu. Os dois entraram no carro e Nathaniel telefonou para Alma, pedindo que ela avisasse à locadora que deixaria o veículo no aeroporto. Quando partiram, começava a escurecer.

- Se não foi para me provocar, por que você escolheu se esconder neste lugar? – Nathaniel perguntou, depois de dez minutos de silêncio.

- A minha mãe contava que, quando criança, sempre vinha para cá. Ela dizia que lhe dava a sensação de ser Natal. – Ela o viu muito concentrado. As estradas das montanhas eram bem conservadas e o carro tinha correntes para neve, mas Nathaniel não parecia estar gostando de ter que dirigir. Catalina tentou brincar. – Pensei que, já que o meu Natal tinha sido arruinado, eu poderia tentar recapturar a sua magia nesse lugar.

Nathaniel respondeu com um rosnado.

- Pensei que o meu pai levaria muito tempo para me procurar aqui. Isabella e eu nunca tivemos permissão para esquiar porque poderíamos bater em uma árvore, estragar nossos lindos rostos e arruinar nossas chances de casamento.

Ela reparou que Nathaniel apertava as mãos no volante.

- Por que não gosta daqui? Você fica sugerindo que eu escolhi esse lugar para atingi-lo de alguma maneira.

Ele deu uma risada amargurada.

- Você não pode ser ingênua a ponto de achar que eu ficaria feliz por ser forçado a vir até aqui.

- Eu realmente não tenho noção do que você está falando.

- Você conhece a minha história. Eu estudava com o seu irmão. Espera que eu acredite que ele não teve a satisfação de lhe contar como eu perdi a minha família,

quando ele passou anos me apontando cada tragédia provocada por avalanches? Como se ele achasse *divertido* morrer daquele jeito.

Catalina se sentiu congelar.

– Foi assim que os seus pais morreram?

– Nos Alpes franceses – confirmou ele.

– Eu não sabia. – Ela engoliu a comoção. – Eu sabia que você era órfão, mas... – Ela sacudiu a cabeça, sem saber como expressar seu horror.

Como não soubera disso? Ela tentou se lembrar se já ouvira falar ou se já lera algo a respeito, mas Nathaniel protegia tanto sua vida privada que mal se via notícias sobre ele.

O passado dele era um mistério.

Catalina sabia perfeitamente por que Dominic não lhe contara. A última coisa que ele iria querer era que sua irmã sentisse alguma simpatia por seu arqu-inimigo.

– Quantos anos você tinha?

– Sete.

O silêncio os envolveu por algum tempo, antes de ele falar:

– Os meus pais levaram a minha irmã Melanie para fazer um lanche em um restaurante nas montanhas enquanto eu tinha uma aula de esqui.

Catalina não sabia que ele tivera uma irmã.

– Você...? – Ela não conseguiu falar porque as palavras ficaram presas em sua garganta.

– Se eu vi?

Ela concordou.

– Não quando estava acontecendo. Mas ouvi. Dizem que soa como um trem de carga vindo na sua direção. Mas é muito pior. É apavorante. O restaurante foi soterrado. Eles não tiveram chance. Ninguém teve. Todos morreram.

– Nathaniel... – Ela só podia imaginar o horror pelo qual ele havia passado. Aliás, não podia. Perdera a mãe quando tinha 18 anos e tivera a impressão de que o mundo acabara. Nathaniel perdera os pais e a irmã em circunstâncias terríveis, quando era apenas uma criança. *Uma criança*. – O que aconteceu com você?

– As autoridades entraram em contato com o parente mais próximo, a minha avó, mas ela sofria de artrite crônica e não podia cuidar de mim. O meu tio e a esposa ficaram comigo.

Havia algo forçado em seu tom, que a levou a olhar para ele, imaginando o que seria.

– Eles não o tratavam bem?

Ele diminuiu a velocidade ao se aproximarem de uma curva.

– Angelique não gostava de crianças. Só concordou em ficar comigo sob a condição de eu ser mandado para o colégio interno.

– Isso foi cruel.

Ele concordou, com amargura.

– Assim que eu fiz 8 anos, fui mandado para a escola. Os meus pais não eram ricos, mas o dinheiro pago pelo seguro dos dois foi usado na minha educação, que, como você sabe, não foi barata.

– Mas por que a Inglaterra? Por que não o mandaram para um internato na França?

– O meu tio resolveu que, já que eu seria mandado para um internato, deveria ser o melhor. Para Angelique não fazia diferença, desde que eu ficasse longe. As únicas ocasiões em que ela era obrigada a me suportar eram as festas de Natal e as férias de verão. E, mesmo assim, ela contratava alguém para cuidar de mim.

– Depois que foi expulso, você foi morar com eles?

Ele contraiu o queixo.

– Por algum tempo.

Catalina queria mais detalhes, mas perguntar seria inútil. Queria ter sabido. *Deveria* ter sabido.

Não admirava que ele fosse um lobo solitário, passando de uma mulher para outra, de um país para outro, sempre em movimento. Perdera o amor e a estabilidade aos 7 anos, e o que perdera jamais fora substituído.

Se ela soubesse... Não podia dizer honestamente que não teria fugido, mas o teria avisado mais cedo. Se soubesse que carregava a única família que ele tinha, não o teria mantido no escuro.

– Como eles reagiram à sua expulsão? – perguntou ela baixinho. – Foram severos?

– O meu tio nunca foi cruel comigo. Ele fez o melhor que podia, em circunstâncias difíceis. Na época, ele estava a trabalho na Alemanha. Angelique me recebeu.

– Angelique, que odiava crianças.

Nathaniel diminuiu a velocidade porque se aproximavam de um pequeno vilarejo.

– Naquela ocasião, eu não era mais uma criança.

– Você tinha 17 anos. Em Monte Cleure, não se tem maioridade até os 21 anos.

– Acho que já concordamos que o seu país é arcaico. – Uma sombra passou pelo rosto dele. – Eu era um adolescente cheio de hormônios e rebelde. Mas creio que você não entende isso.

– Acho que não. – Catalina não conseguia tirar os olhos de cima dele. – Para mim, hormônios e rebeldia chegaram tarde. Para ser mais precisa, faz pouco mais de dois meses

que eu cometi o único ato de rebeldia da minha vida.

Ele olhou para ela com tanta intensidade que Catalina sentiu o calor se espalhar pelo corpo. Era o mesmo olhar que ele lhe lançara antes de lhe tirar o roupão.

As lindas lembranças daquela noite de rebeldia ainda estavam tão frescas em sua cabeça quanto tinham estado no instante em que ele saíra do seu quarto.

Se ela via algo de positivo em ser forçada a voltar ao seu país, era que Nathaniel deixara de tratá-la como se fosse invisível. Catalina sabia que ele estava furioso com ela e admitia que merecia, mas a raiva dele era mil vezes melhor que sua indiferença. Ele voltara a tratá-la como uma pessoa de verdade, e não como a princesa incapaz de usar uma chaleira.

O Nathaniel que ela desejara de longe por tantos anos estava de volta.

O fogo que a consumira quando ele olhara para ela reacendeu quando ela o imaginou tratando-a novamente como *mulher*...

CAPÍTULO 9

A NEVE COMEÇARA a cair mais forte, e Nathaniel teve que se concentrar na estrada, que se tornara mais perigosa.

Só precisava chegar ao aeroporto, onde o jato os esperava e a equipe local mantinha a pista de pouso preparada.

Catalina se calara.

Se ao menos ele não estivesse tão cômico da sua presença...

Era por isso que evitava ficar sozinho com ela. Toda vez que ficavam sozinhos, ele tinha de se segurar para não a tocar, sentir sua pele macia, segurar seu cabelo negro e inalar o perfume que o enlouquecia. Apesar de repassar mentalmente as desculpas que ela dera para justificar seu comportamento, ele sabia que não deveria desejar alguém em quem deixara de confiar.

Mas a conversa que tinham tido mudara a configuração do relacionamento dos dois. Por mais que não gostasse do que ela fizera, um entendimento se estabelecera entre eles. Por falta de definição melhor, eles tinham se tornado parceiros de crime e estavam dispostos a fingir que nada acontecera, para conseguir o que queriam.

– Precisamos encontrar um lugar onde passar a noite – murmurou ele, enquanto se aproximavam de um vilarejo. A nevasca se tornara tão forte que o limpador de para-brisa não dava conta de limpar o vidro do carro.

– Eu lhe disse para ficarmos na cabana. – Catalina abafou um bocejo.

– Você está cansada?

– Um pouco.

Afastando a ideia de despertá-la em mais de um sentido, ele resolveu entrar na cidade e, sem enxergar mais que alguns metros à sua frente, parou o carro.

– Espere aqui. – No instante em que saiu do carro, foi envolvido pelo frio e pela neve. Protegeu os olhos com a mão quase congelada e viu um anúncio luminoso com a palavra “Hotel” brilhando a distância como uma estrela-guia. Ele voltou a abrir a porta do carro.

– Ali há um hotel. Vou ver se eles têm algum quarto disponível.

– Eu vou com você.

– Não é preciso que nós dois façamos uma caminhada inútil.

Catalina revirou os olhos e abriu o cinto de segurança.

– Pode pegar a minha mala, por favor?

– Catalina...

– Eu não quero ficar aqui sozinha. Eles terão um quarto. Tenha fé.

Fé era algo que ele perdera há muitos anos, na manhã em que houvera uma nevasca como aquela.

De todas as lembranças que Nathaniel tinha da família, a noite anterior àquele dia era a mais clara. Eles tinham ficado na cabana de madeira, ele e Melody, com o nariz grudado no vidro da janela, olhando a neve cair, encantados. Já era noite e deveriam estar dormindo, mas seus pais os haviam levado até lá fora para fazerem um boneco de neve.

Aquela lembrança seria mais clara por ser a última que tinha deles? Ou por ter sido um momento tão feliz? Se ele fechasse os olhos, ainda podia ver o sorriso alegre da mãe, os olhos brilhantes do pai e as lindas covinhas no rosto da irmã. Se ele fechasse os olhos com bastante força, ainda ouvia as risadas se espalhando pelo ar frio.

Era por isso que ele evitava a neve. Não havia como escapar às lembranças de tudo que lhe fazia falta.

Nathaniel fechou a porta, abriu a mala do carro e pegou a mala de Catalina e a mochila com o que restara do dinheiro roubado.

Ele abriu a porta do carro para ela e ajudou-a a sair.

– Você deve estar congelando – disse ela, com os dentes batendo de frio. A temperatura caíra drasticamente desde que tinham iniciado a viagem. – Pegue o meu chapéu. Eu tenho mais cabelo do que você.

– Eu estou bem. – O casaco que ele usava era quente. O importante é que Catalina vestia roupas quentes por baixo do casaco pesado e das botas de neve, e usava um chapéu de lã e um cachecol que cobria a metade do seu rosto.

Ele segurou a mão dela com firmeza, enquanto os dois subiam a ladeira deserta que levava até o hotel que, visto de perto, era um agradável chalé de madeira com dois andares. Quando eles abriram a porta para entrar, foram recebidos por uma lufada de calor e pelo som distante de música.

A primeira impressão foi boa. A recepção do hotel era arejada e espaçosa, um lugar talvez não adequado para uma princesa, mas bom o suficiente para uma mulher que não queria mais ser princesa.

Nathaniel tocou a campainha que estava em cima do balcão e foi atendido por uma adolescente agitado.

– Você teria dois quartos para esta noite? – perguntou ele em espanhol.

A garota olhou para ele, ergueu a mão e falou algo por sobre o ombro, num idioma que ele não reconheceu.

Catalina se aproximou e disse algo no mesmo idioma.

Os olhos da moça se iluminaram e ela não parou mais de sorrir, enquanto as duas conversavam. Uma senhora de meia-idade abriu uma porta atrás do balcão, viu que tudo estava bem e voltou a fechá-la.

Depois de alguns minutos, Catalina se voltou para ele com um ar preocupado.

– Você está com o seu passaporte? Ela quer vê-lo.

Nathaniel tirou o passaporte do bolso, enquanto ela tirava o dela de dentro da bolsa.

– Eu não sabia que era obrigatório apresentar passaportes em hotéis. – Catalina estava admirada.

Nathaniel riu.

– É uma exigência que nós, meros mortais, estamos cumprindo há alguns anos.

Ele entregou os passaportes dos dois e um cartão de crédito à garota. Ela abriu primeiro o de Catalina e começou a digitar os dados no computador, mas de repente, arregalou os olhos e se voltou para eles.

Catalina se inclinou sobre o balcão e falou com ela calmamente. A garota concordou vigorosamente e, minutos depois, entregou-lhe uma chave antiquada, levantou, apontou para uma porta à esquerda e se sentou. Catalina segurou as mãos dela e agradeceu.

– Estamos no quarto 18 e temos uma mesa reservada no restaurante para daqui a trinta minutos.

Nathaniel abriu a porta, que dava para um longo corredor.

– Temos apenas um quarto?

– Temos sorte por tê-lo conseguido.

Enquanto ela respondia, ele sentiu um traço do seu perfume.

Dava vontade de rir. *Um traço?* Ela desaparecera por dez dias e o seu perfume nunca o abandonara. Tinha-o impregnado.

– Por que ela não me entendeu?

– Ela quase não fala espanhol. A cidade se considera catalã e recebe mais turistas da Catalunha. Ela só está ajudando no hotel porque a nevasca atraiu uma onda de hóspedes.

– Eu não sabia que você falava catalão.

– A minha mãe era espanhola e cresceu falando espanhol e catalão. Ela ensinou catalão a mim e a Isabella para termos a liberdade de conversar livremente.

– A sua mãe fazia parte da família real da Espanha?

– Ela era prima do rei.

– Monte Cleure e a Espanha têm laços fortes, não têm?

– Sim. Tão fortes quanto os nossos laços com a França, o que é bom, já que estamos no meio dos dois.

– Posso imaginar. E imagino que a educação da sua mãe tenha permitido que ela se adaptasse facilmente à vida do palácio real de Monte Cleure.

Catalina fez uma careta e parou diante da porta do quarto número 18.

Que segredos a rainha e suas filhas teriam tido necessidade de compartilhar em um idioma que ninguém mais conhecesse? E nem precisavam ser segredos. Nathaniel sabia que no palácio não havia privacidade.

Catalina havia lhe dito que pegara um casal em flagrante. Ele pensou na rainha Claudette. O modo como Catalina falara parecia indicar que ela conhecia os dois. Nathaniel vira a rainha algumas vezes, durante eventos e primeiros dias de aula na escola ou em festas para as quais fora convidado no palácio de Agon, mas nunca tinham sido apresentados.

O dinheiro dele servira para que ele fosse cortejado na esperança de algum investimento, mas *ele* nunca fora considerado digno de ser apresentado à rainha. Ela se parecia mais com Isabella do que com Catalina, mas tinha a mesma silhueta e serenidade que a filha mais velha.

Não. A rainha Claudette não fora do tipo de mulher que se rebaixaria a fazer amor em uma estufa.

A rainha Claudette não tinha sido uma adolescente cheia de hormônios.

Não como ele que, quando adolescente, tinha tido um caso escandaloso e vulgar.

– Deve ter sido difícil crescer sabendo que cada palavra ou gesto errado teria consequências – disse ele, imaginando como teria sido crescer sendo uma princesa da Casa dos Fernandez.

– É a minha vida. – Ela se corrigiu. – *Era* a minha vida. Eu nasci com privilégios. A minha mãe nunca me deixou esquecer disso, e eu tentei jamais esquecer.

Ela abriu a porta do quarto e viu que ele era surpreendentemente espaçoso, limpo e arejado. Uma cama king-size de madeira entalhada, com uma enorme coberta de pele, dominava o ambiente, ofuscando os outros móveis.

Nathaniel se virou para Catalina.

– Só há uma cama – disse ele, lembrando-se do modo como ela tremera quando ele a prendera contra o balcão da cozinha. Ele ainda sentia o corpo doer por causa do desejo que o dominara depois de lhe tocar o rosto e sentir seu perfume.

– Isso é um problema para você? – perguntou ela, sem pestanejar.

Para ele, era um problema? Dormir com a mulher mais linda e sexy do mundo, que fugira dele, levando seu filho ainda não nascido? Sim, ele diria que era um problema.

Naquele instante, ele só queria lhe arrancar as roupas, deitá-la na cama e possuí-la. Torná-la sua.

Todos os motivos pelos quais se mantivera distante e recolhida as mãos não mais se aplicavam. Tudo havia mudado. Ele não precisava mais protegê-la.

Droga, ela não *merecia* mais a sua proteção.

Catalina queria fazer suas próprias escolhas. Se ele a puxasse para os braços, ela iria reagir da mesma maneira que reagira da primeira vez, com uma paixão que o fizera perder o controle e mandar a cautela para o inferno por alguns minutos de prazer sem proteção. Que ele tivesse tido o senso de se afastar e colocar o preservativo, não o favorecia. Conhecia os perigos e os ignorara, e isso era algo que nunca tinha se sentido tentado a fazer, antes daquele momento que mudara a vida dos dois.

Se ele fizesse amor com ela novamente, não haveria necessidade de se proteger. Poderia sentir cada sensação.

O desejo não deveria ser complicado; era a mútua satisfação física. Toda a raiva que circulava em seu sangue junto com o desejo que sentia por ela...

Não havia nada que o impedisse de satisfazer o desejo que sentira por ela durante anos e que fora intensificado pela noite que haviam passado juntos... E era essa intensidade e o seu potencial que o aconselhavam a recuar. Porque isso era sinal de que havia algo mais, além do desejo.

– Para *você*, dormirmos na mesma cama é um problema? – Nathaniel repetiu a pergunta que ela fizera em tom áspero.

Catalina o fitava com seus olhos de chocolate. Suas pupilas dilatadas o prendiam como se fossem a expressão invisível do perfume que o enlouquecia. Ela sacudiu a cabeça.

Ele sentiu o corpo todo eletrizado, atraído por ela, lutando contra a razão. Ela ainda estava toda vestida com roupas grossas. Só tirara o chapéu, mas estava mais sexy do que se estivesse usando uma camisola de renda.

Nathaniel respirou fundo, incapaz de afastar os olhos do rosto que deveria querer esquecer. A verdade é que não queria nada além de segurá-lo para poder beijá-la.

De repente, ela estendeu a mão e lhe tocou o peito.

– Sinto muito por ter roubado o seu dinheiro e fugido. – Nos olhos dela havia algo diferente de desejo.

Ele sentiu o calor da mão dela atravessar as roupas e lhe inundar o sangue.

– Eu sei que você acha que não pode mais confiar em mim, mas prometo nunca mais fazer isso. Eu estou confiando em você e espero que um dia você volte a confiar em mim.

– Ela deu um lindo sorriso. – Seremos eu e você contra o poder dominante de Monte Cleure. Seremos como Bonnie e Clyde.

– Você quer conquistar liberdade usando armas? – perguntou ele, tentando não sorrir e combatendo a vontade de segurar a mão dela, beijar seu pulso, seu braço e...

Catalina fez uma careta e retorceu o lábio.

– A metáfora foi inadequada. Dito isso, houve muitas vezes em que pensei em dar um tiro em Dominic.

– Então, temos algo em comum. – Sentindo-se como se estivesse se desligando de uma parte de si mesmo, Nathaniel afastou a mão dela, se virou e abriu a porta do banheiro. – Deveríamos nos preparar para o jantar.

O RESTAURANTE DO hotel era grande, mas escuro, com mesas de vários tamanhos, cobertas por toalhas cor de vinho.

Catalina olhou a redor, admirada.

Nunca estivera em um lugar como aquele. Todas as suas refeições eram feitas em palácios e embaixadas. Algumas vezes, jantara com Helios em algum restaurante digno de seus *status*, com talheres de prata, candelabros, empregados uniformizados...

Aquele era totalmente diferente. Era maravilhoso. E também apavorante. Todas aquelas pessoas... A recepcionista não exagerara ao dizer que o hotel estava lotado.

Um jovem veio recebê-los. Ela só percebeu que ele trabalhava ali por causa do avental amarrado na cintura. Quando Nathaniel forneceu o número do quarto, o rapaz olhou para ela com os olhos arregalados. A adolescente da recepção deveria ter contado a todos que a princesa estava hospedada ali.

Os dois foram levados até uma mesa em um canto. Algumas pessoas olharam para eles, mas Catalina não sabia se a haviam reconhecido.

Em Benasque, fora fácil manter o anonimato porque ela saía envolta em agasalhos e usando óculos escuros. Naquela noite, ela vestia um jeans e um suéter de cashmere cor de cereja e prendera o cabelo em um rabo de cavalo. Não tendo roupas para trocar, Nathaniel usava o jeans, a camisa e o grosso suéter azul-marinho com que fora procurá-la. Sua barba começava a despontar, dando-lhe um ar perigoso.

O sangue de Catalina vibrava. Naquela noite, eles dormiriam juntos. Ela tentava controlar sua animação lembrando-se das noites que passara no apartamento, esperando que ele fosse procurá-la e sofrendo com a rejeição.

Se ele a rejeitasse quando ela estivesse deitada ao seu lado...

Ela não sabia se algo iria acontecer entre os dois, mas não podia mentir para si mesma e fingir que não queria.

Eles receberam os cardápios e pediram as bebidas.

Catalina consultou o cardápio e olhou para ele.

– É tudo caro. – Durante aqueles dez dias, o valor do dinheiro se tornara uma obsessão para ela.

– Peça o que quiser.

– Tem certeza?

Nathaniel soltou o cardápio.

– Assim que resolvermos tudo em Monte Cleure, eu vou comprar uma casa para você e o bebê e lhe dar uma mesada. Até lá, tomarei conta de tudo para você. Portanto, não precisa perguntar. Escolha o que quiser.

Ela sentiu um nó se formar na garganta.

– Obrigada... Estive pensando que, depois de o bebê nascer, eu poderia arranjar um emprego.

Nathaniel franziu as sobrancelhas.

– Eu só estava pensando. Não estou acostumada a não fazer nada. – Catalina deu de ombros. – Eu preciso encontrar um meio de sustentar nosso filho quando o meu pai me deserdar.

Nathaniel franziu os olhos.

– Ele vai. – Catalina tomou coragem para dizer em voz alta. – Quando deixarmos Monte Cleure, ele vai me deserdar. É o único meio que ele e Dominic terão de me punir.

– Eu vou sustentá-la. – Nathaniel afirmou sem hesitação.

– Não é justo que eu dependa de você.

– Você sempre dependeu do seu pai.

– Isso era diferente. Com o meu pai era uma coisa por outra. O palácio pagava as minhas despesas e, em troca, eu era uma princesa que honrava a Casa dos Fernandez.

– Você será mãe do meu filho. Eu cuidarei de vocês.

– Aprecio muito, mas gostaria de também contribuir. Eu não consigo ficar ociosa.

– O que gostaria de fazer?

– Não sei. Não sei o que sou capaz de fazer. Vou pensar em alguma coisa.

Nathaniel concordou e pegou o cardápio.

– Você se daria bem trabalhando no ramo de hospedaria.

O elogio fez com que ela corasse de satisfação.

O garçom trouxe as bebidas e anotou os pedidos. Nathaniel pediu um filé com fritas, salada e cogumelos Portobello. Parecia tão gostoso que ela pediu o mesmo.

Quando voltaram a ficar sozinhos, ela fez a pergunta que não lhe saía da cabeça desde a conversa no carro.

– Por que você morou com o seu tio por tão pouco tempo, depois que foi expulso da escola? Você era muito moço para enfrentar o mundo sozinho. Tinha, o quê, 17 anos?

– Sim.

– Como se sustentou?

– Com o resto do dinheiro do seguro dos meus pais, que deveria pagar mais um ano de escola. O meu tio o transferiu para mim. Eu me mudei para Marselha e aluguei um apartamento. Era minúsculo.

Ele começara seus negócios em Marselha. O terreno do outro lado do apartamento estava à venda. Durante anos, ele soubera que seria senhor do seu destino e, olhando para o terreno vazio, subitamente soubera o que iria fazer. Telefonara para Helios, que ainda estava na escola, e lhe falara sobre o assunto. Um mês depois, o terreno lhe pertencia. Dois anos mais tarde, seu primeiro empreendimento, um hotel razoável e um restaurante com um nightclub, estava pronto. Nathaniel o vendera, pagara Helios e usara o resto do dinheiro para comprar outro terreno. Ao completar seu terceiro empreendimento, não devia nada a ninguém. Depois do quinto, ele parara de vender o que construía e ficara com toda a renda.

Treze anos depois do telefonema para Helios, Nathaniel fora incluído na lista oficial dos homens mais ricos do mundo.

– Onde mora o seu tio? – Catalina perguntou.

– Paris.

Ela franziu a testa e se concentrou. Ele podia vê-la calculando a distância.

– É do outro lado da França, não é?

– Sim.

– Por que você foi para tão longe? – Ela parecia confusa. – Parece estranho que você tenha se afastado tanto da sua rede de segurança. A não ser que tenha sido necessário...

– Eu *precisei* me afastar – retrucou ele, bebendo metade da cerveja em um só gole.

E então ele respirou profundamente, pousou o copo na mesa e deu um sorriso forçado.

Catalina não parecia ter se deixado convencer, e seus olhos brilhavam de preocupação.

– O que aconteceu?

Nathaniel abriu a boca para dizer que não era da sua conta, mas acabou dizendo:

– Eu tive um caso com Angelique.

CAPÍTULO 10

CATALINA PENSOU ter ouvido errado.

– Sua tia?

Ele torceu os lábios com desprezo.

– Minha tia *não*. Ela era mulher do meu tio, mas nunca a considerei minha tia.

Quando meus pais morreram, eu a via como a Bruxa Malvada do Oeste.

A língua de Catalina parecia ter grudado no céu da boca. Não sabia o que dizer.

– Você se lembra da briga que tive com Dominic e que resultou na minha expulsão?

Ela assentiu.

– Quando fui mandado para a casa do meu tio, ele estava viajando a trabalho. Pensei que iriam me mandar para um lugar onde cuidassem de mim, mas acho que Angelique não teve tempo de se organizar. Teve que me aturar pessoalmente, em vez de me passar adiante e ignorar minha existência. – Nathaniel falava com desprezo. – Lembro como ela olhou para mim ao abrir a porta. Foi o mesmo olhar que o lobo deve ter lançado para Chapeuzinho Vermelho. Fisicamente, eu tinha mudado muito. Tinha crescido e ganhado músculos. Pela primeira vez, ela não me ignorou. Ela me oferecia vinho, roupas, cozinha pratos especiais. Na época, eu não sabia, mas era o início da sedução. Você não precisa ouvir os detalhes. Basta dizer que, quando ela se enfiou na minha cama, eu não estava em condições de rejeitá-la. Ela era uma mulher bonita, no auge da maturidade, e sabia exatamente o que estava fazendo.

Por fim, Catalina conseguiu falar:

– Ela seduziu um garoto de 17 anos?

– Sim. Ela me seduziu. E eu deixei.

Catalina estremeceu e se sentiu enjoada.

– Isso é repulsivo.

Nathaniel endureceu o queixo e respirou pesadamente.

– Eu lhe avisei.

Catalina tocou-lhe o braço, preocupada que ele achasse que ela se referira a ele.

– Não você. Eu me referi a Angelique. Que cadela!

Era a primeira vez que Nathaniel ouvia uma palavra pesada sair dos lábios de Catalina.

– Eu tive parte da culpa. Eu permiti.

– Você tinha 17 anos.

– Aos 17 anos, já se distingue o certo do errado. Eu sabia muito bem que o que estávamos fazendo não era apenas errado, mas desprezível. O meu tio me adotou aos 7 anos. Ele me educou...

– Ele deixou que Angelique o mandasse para o internato.

– Ele fez o melhor que podia. Estava presente em cada evento significativo. E foi assim que eu o recompensei. O compasso moral que todos têm não se aplica a mim. Durante seis meses, dormimos juntos algumas vezes, até o dia em que o meu tio voltou do trabalho mais cedo e a flagrou saindo do meu quarto apenas com as roupas de baixo.

Nathaniel bebeu o resto da cerveja e fez uma careta.

– O meu tio a expulsou imediatamente e me deu uma semana para sair de casa. Disse que iria transferir o resto do dinheiro do seguro para mim, sob a condição de eu me mudar de Paris e nunca mais aparecer na frente dele.

– E, desde então, você o viu alguma vez?

– Algumas vezes eu tentei entrar em contato, mas ele não quer saber. Ele tem uma nova vida. Divorciou-se de Angelique e se casou novamente. Tem dois filhos. Eu sei que ele jamais vai me perdoar. Ele era o único que restara da minha família. Naquela época, a minha avó já tinha morrido. E eu destruí o nosso relacionamento.

O último da família...

E ela fugira, levando o filho que seria o primeiro laço de sangue que ele teria em uma geração.

– Alguma vez você deu em cima dela?

– Não. – A negativa foi tão veemente que ela acreditou. – Eu não queria que acontecesse. Eu não me sentia bem, mas por outro lado, devo ter querido porque deixei que acontecesse.

– Quando eu estava no curso de etiqueta, lembro que havia uma colega inglesa que falava sobre seus irmãos adolescentes. Ela disse que eles eram pequenos idiotas excitados e que, se um dia fossemos visitá-los, deveríamos usar cintos de castidade.

- Não arranje desculpas para mim.
- Não estou. O que você fez foi errado, mas você era praticamente uma criança.

Angelique era uma predadora e ocupava uma posição de poder. Ela era sedutora e você era um poço de hormônios.

Um tubo de hormônios ambulante?

Apesar da seriedade do assunto, Nathaniel não conseguiu deixar de rir, surpreso por se sentir um pouco mais leve.

Nunca falara sobre isso com ninguém. Nem seu tio. Se o tivessem feito, a imprensa teria ficado no sétimo céu. Angelique também não havia falado.

Que seu tio tivesse mantido a discrição depois da maneira odiosa com que ele retribuía o amor que ele lhe dera só mostrara as qualidades do homem que o acolhera como um pai.

Catalina deu um sorriso.

- A idade de consentimento legal, em Monte Cleure, é 18 anos. Se Angelique o tivesse seduzido em Monte Cleure, seria legalmente acusada de estupro. Sugiro que você esqueça qualquer culpa que esteja sentindo.

Fitando os olhos de chocolate cheios de compaixão, Nathaniel recordou todos os motivos pelos quais se mantivera distante dela, e a inocência que ele convenientemente ignorara, quando resolvera seduzi-la e os colocara naquela situação.

Não podia mais chamar aquela situação de confusa. Ela estava carregando seu filho e, em vários sentidos, isso era um milagre.

Apesar de tudo que Catalina fizera, a parte do seu coração que não estava furiosa com ela sabia que ela era a antítese da mulher por quem ele se deixara seduzir quando adolescente.

Catalina fugira por desespero. Estava voltando com ele para Monte Cleure para ajudá-lo. Ao contrário de Angelique, ela não tinha um pinga de egoísmo.

- Não é tão fácil.

- Não imagino que seja.

A conversa dos dois foi interrompida pela chegada da comida.

Nathaniel observou Catalina cortar a carne, comer um pedaço e arregalar os olhos com satisfação.

Ele sentiu uma pontada no estômago e um aperto no peito.

Os dois comeram em silêncio, até que ela pousou o garfo.

- O que aconteceu entre você e Angelique...

– Não acredito que lhe contei isso – confessou ele. Pensara que levaria aquela vergonha para o túmulo.

Ele esperava que ela fosse julgá-lo, mas sua reação inicial fora bem diferente. Agora que ela tivera alguns minutos para pensar...

– Eu sou especialista em manter segredos.

Ele acreditava. Afinal, ela vivera no palácio de Monte Cleure durante toda a vida.

– Mas os casos do meu pai nunca foram segredo. – Era verdade. Tinham sido muito bem documentados ao longo dos anos. – E ele não sente nenhuma culpa. Se ele fosse um homem melhor, sentiria. Dominic é igualzinho a ele. Para eles, as mulheres são objetos. Você sente remorso. Seja lá o que aconteceu quando você tinha 17 anos, você é centenas de vezes melhor do que eles.

Nathaniel sentiu o coração se expandir de tal maneira que duvidava que seu peito pudesse contê-lo.

Culpa era pouco para descrever as emoções com que convivera pelos últimos 18 anos, mas o remorso não o fazia ser melhor que o pai dela. Como poderia, quando o preço que pagara por suas ações fora perder a única pessoa que o apoiara depois da morte dos pais?

Ele não via mulheres como objetos, como o rei e Dominic. Gostava da companhia delas, não apenas no sentido sexual, mas, até ser forçado a assumir aquela situação com Catalina, sempre soubera a hora de seguir em frente. Não precisava de ninguém. Preferia ficar sozinho. Quando estava sozinho, não havia ninguém a quem ferir e nem a possibilidade de ser ferido.

– Como a sua mãe encarava esses casos? – perguntou ele, pensando no tio.

Catalina deu de ombros e voltou a pegar o garfo.

– Eu não sei se os casos dele a incomodavam muito. Não no nível emocional. Ela não o amava. O casamento deles era como deveria ser o meu.

– Um casamento por dever – completou Nathaniel, sentindo-se revoltado e ficando satisfeito por saber que o que ele e Catalina iriam fazer a livaria de uma vida toda planejada por terceiros.

– Sim. – Catalina voltou a atenção para um tomate em seu prato.

– A sua mãe também tinha casos?

Ele percebeu uma discreta contração no rosto dela.

– Você precisa entender que o meu pai tem todo o poder. Dominic vem logo em seguida. A minha mãe mal ficava acima de mim na escala de influência. Se ela fosse apanhada tendo um caso, o meu pai iria bani-la do país. Iria afastá-la dos filhos. Tudo lhe

seria tomado. Você realmente acha que ela iria arriscar tudo por um caso baixo e reprovável?

Nathaniel sacudiu a cabeça, sentindo que havia algo além do que ela estava dizendo.

Catalina colocou os talheres no prato e empurrou-o.

– A minha mãe não teve um caso. Ela se apaixonou. – Ela o encarou. – Foi a minha mãe que eu vi fazendo amor na estufa do palácio. Com o chefe dos jardineiros. Creio que o amor dos dois pela jardinagem os uniu. Só tenho certeza de que não foi um caso barato. Ela jamais teria se arriscado, se não tivesse um significado. Eles devem ter se amado profundamente. Quando ela adoeceu e não podia mais sair do quarto para vê-lo, estou certa de que isso contribuiu para que seu estado se deteriorasse. Ele estava perto dela, mas ela não podia alcançá-lo. Isso partiu seu coração, e a sua morte partiu o dele. – A voz dela se tornou embargada. – Dois meses depois que ela morreu, ele se matou aspirando gás.

– Mais alguém sabia? – Nathaniel estava profundamente chocado. – O seu pai?

– Ninguém. Só eu. Se o meu pai tivesse descoberto, teria matado os dois. – Subitamente, os olhos dela se encheram de lágrimas. Ela respirou fundo algumas vezes, antes de voltar a encará-lo. – Você não pode contar isso a ninguém. Ninguém pode saber. Não quero que a reputação dela seja jogada na lama.

Ninguém pode saber. As mesmas palavras que ela sussurrara quando o deixara entrar em seu quarto.

– Não direi a ninguém.

Catalina enxugou os olhos com o guardanapo e se recompôs.

– Agora que cada um conhece o segredo mais sombrio do outro, podemos ter certeza de que nós dois vamos manter a nossa parte do trato.

– E a boca fechada – completou ele, lançando-lhe um olhar de entendimento.

Mas o olhar que trocaram era mais do que o de dois conspiradores desconfiados.

Nathaniel não sabia o que era ou o que significava, mas sentiu o coração palpitar.

– VOCÊ QUER usar o banheiro primeiro? – Nathaniel perguntou, quando voltaram ao quarto.

Durante o resto do jantar eles tinham falado sobre amenidades, mas não houvera nada de ameno na química que circulava entre eles.

Catalina concordou e tirou um estojo e uma toalha da mala.

– Eu não vou demorar.

– Use o tempo que precisar.

– Já que você não trouxe nada, vou deixar meu estojo lá. – Ela corou, mas não desviou o olhar.

– O hotel fornece artigos de toalete. Devem estar perto do chuveiro.

– Sério?

– Todo hotel fornece.

– Devo usá-los?

A ingenuidade de Catalina atingiu-o como um soco.

– Não. Não é obrigatório. Você pode usar suas coisas.

Ao ouvir a porta do banheiro fechar, Nathaniel se deixou cair sobre a cama e colocou as mãos na cabeça.

Quando já estava esquecendo que Catalina era uma princesa, ela dissera algo que o fizera lembrar.

Ele ouvia a água caindo.

Ela deveria estar debaixo do chuveiro, nua...

Nathaniel abafou um gemido e se deitou com as mãos acima da cabeça.

A expectativa atingia sua cabeça, seu corpo... suas veias... todo ele.

CATALINA ESTAVA deitada sob os lençóis, sentindo o coração bater descontroladamente e a boca seca, tentando não olhar para o relógio na mesinha de cabeceira.

Mas olhou.

Nove minutos e trinta segundos. Era o tempo que ele estava no banheiro.

Ela saíra do banheiro enrolada em uma toalha. Encontrara-o deitado na cama. Ele levantara e lhe lançara um olhar que fizera com que ela se derretesse, antes de passar por ela e entrar no banheiro.

Dez minutos e quatorze segundos.

A porta abriu.

Se já estava descontrolado, o coração de Catalina pareceu querer sair do peito.

Os olhares dos dois se encontraram.

Ele usava uma toalha enrolada na cintura e ela podia ver o peito musculoso do qual se lembrava, com os pelos escuros espalhados, brilhando à luz que vinha do banheiro.

Nathaniel se virou e apagou a luz do banheiro. Agora, a única claridade que havia era o reflexo da neve caindo lá fora. As nuvens haviam clareado e o luar se insinuava por entre as cortinas.

Catalina não precisava de luz para vê-lo claramente. Ele estava gravado em sua memória.

Na noite em que ela abriu a porta para ele, estivera nua por baixo do roupão. Naquela noite, não havia nem roupão.

Ela se sentou na cama e deixou as cobertas caírem até a cintura.

Nathaniel engoliu em seco.

E se mexeu.

Caminhando como uma pantera, ele se aproximou da cama e, tão depressa que ela nem sabia como, Catalina se viu embaixo dele, com as mãos presas em cada lado da cabeça.

Ele olhou para ela com os olhos brilhando, com a respiração ofegante. Sua boca estava tão próxima que ela podia erguer o queixo e alcançar seus lábios.

Catalina o queria tanto que, às vezes, mal conseguia respirar.

– Beije-me – sussurrou ela, quando não conseguiu mais aguentar. – Por favor, me beije.

O brilho nos olhos dele se tornou mais profundo, e seu desejo era óbvio.

– Beije-me.

E então ela sentiu seus lábios sobre os dela, sua língua entrando na boca, e ele a estava beijando com uma afeição e uma paixão que Catalina se sentia derreter com seu calor.

Quando Nathaniel lhe soltou os pulsos, Catalina passou os braços em torno dele, enfiou as unhas em seu cabelo, tocando-o como sonhava desde a noite que tinham passado juntos.

Lábios e línguas se tocavam, se enrolavam, cada um explorando a boca do outro, e ele pressionando o corpo contra o seu, o peito contra seus seios.

Ele enfiou uma das mãos em seu cabelo e desceu e subiu a outra pelo seu corpo, deixando um rastro de fogo em sua carne. Ergueu a cabeça e esfregou o nariz no dela, segurou-lhe a mão e entrelaçou os dedos nos seus.

– Eu tenho a sensação de que poderia engolir você inteira – falou ele com voz rouca.

Catalina sentiu o coração se expandir com algo diferente, mas tão intenso quanto a necessidade que corria em suas veias.

– Eu quero tanto você – murmurou ela, erguendo a cabeça para beijá-lo. – Tanto, tanto.

Preso sob o peso de Nathaniel, com os sentidos mais aguçados do que achara ser possível, ela gemeu ao sentir que ele pressionava o rosto contra o seu pescoço e lambia sua pele.

Ele desceu a boca lentamente pelo seu corpo. Catalina se apertou contra ele, desesperada para sentir o máximo que podia dele. Quando Nathaniel colocou a boca

sobre seu seio, ela soltou um gemido rouco.

Cada parte do seu corpo parecia viva, e o calor exalava de seus poros. Cada pedacinho dela ansiava para ser tocado, beijado. E cada parte sua ansiava por tocá-lo.

Na primeira noite que tinham passado juntos, ele a acariciara entre as pernas, com a língua, e ela ficara profundamente chocada. Mas agora...

Desta vez, lembrando-se do prazer que se seguira ao choque, ela se contorcia debaixo dele, esperando que o prazer se repetisse.

Passara tantas noites se lembrando de como tinham feito amor. Tantos dias. A lembrança sempre estava ali, no fundo da sua cabeça. *Ele* sempre estava em sua cabeça.

Os lábios de Nathaniel continuavam a descer pelo seu corpo, pela sua barriga.

A respiração de Catalina se tornou mais curta, e ela fechou os olhos. Quando ele abaixou ainda mais a cabeça e pressionou a boca contra ela, Catalina suspirou e relaxou sob a carícia erótica.

Os movimentos de Nathaniel eram lânguidos. Ele pressionava o centro do seu prazer com a língua, como se tivesse todo o tempo do mundo. Mas ela sentia a tensão crescer dentro dela, a respiração dele se tornar mais profunda. Os dedos que a seguravam pelos quadris se apertaram e se cravaram deliciosamente em sua carne.

A tensão quase dolorosa cresceu até atingir o auge. Enquanto o corpo dela explodia em ondas deliciosas, Catalina percebia que aquela era uma intimidade que ela *jamaís* teria com outra pessoa.

Apenas com ele.

Nathaniel percebera a mudança. Ela se contorcera debaixo dele, quase sem fazer um som, e então o seu corpo se erguera como se ela estivesse levantando da cama, e ela soltara um gemido longo.

Depois de alguns segundos de silêncio, Catalina ergueu a cabeça do travesseiro, abriu os olhos e olhou para ele, com um sorriso maravilhado. Suspirou novamente e voltou a deitar a cabeça no travesseiro.

– Você é incrível – sussurrou ela.

Nathaniel sentiu o peito se apertar e o coração bater mais descontrolado do que nunca.

Não havia nada de especial no desejo, mas o desejo que sentia por Catalina... Era como se tivessem injetado uma dose de pura ânsia em seu sangue, uma dose tão concentrada que ele não tinha como se controlar. Nunca desejara tanto alguém.

Ele voltou a tocá-la com a língua e subiu por sua barriga, até tocar o vale entre seus seios, inalando o maravilhoso perfume que o enlouquecia e, depois, beijou-a.

Catalina agarrou-o pelo cabelo. Suas pernas se abriram, suas coxas se ergueram e envolveram as dele, e sem que nenhum dos dois tivesse dito nada, com apenas um movimento, ele estava dentro dela.

Ela gritou dentro da sua boca, e foi o som mais doce que Nathaniel já tinha ouvido.

Ele se ergueu o suficiente para olhar para ela, e os dois começaram a se movimentar como se fossem um só, em perfeita sintonia.

Em perfeita harmonia. Era como se seus corpos tivessem sido feitos especialmente um para o outro.

Nathaniel se deixou dominar pela languidez. Queria que aquilo durasse ao máximo, para desfrutar de cada sensação.

Porque ele nunca sentira algo de parecido. Estava tomado por sensações.

Não queria que acabasse. Ele podia olhá-la nos olhos que se arregalavam a cada investida, ouvir seus suaves gemidos, beijar seus doces lábios e deslizar dentro dela para sempre.

Ele sentia a excitação de Catalina se intensificar. Sua respiração se acelerava e se tornava trêmula. Sua cabeça se inclinava para trás, expondo seu pescoço, e ela lhe puxava o cabelo enquanto as pulsações dentro dela o atraíam para mais fundo, e ele não conseguia mais se segurar. Com um grito que parecia sair do fundo do seu ser, ele atingiu o limite e mergulhou dentro dela. E explodiu em sensações que o envolveram e o arrastaram para muito longe... Levando-a junto com ele, até onde os dois se tornaram um.

E ficaram lá por muito tempo, abraçados. O único som que se ouvia era a respiração ofegante dos dois. Ele sentia o coração dela bater em seu peito, bater junto ao dele. Era a melhor sensação do mundo.

Depois de algum tempo, Nathaniel levantou a cabeça para poder olhar para ela. Beijou-a pela última vez antes de se afastar e puxá-la para os braços.

Os dois caíram no sono, nos braços, um do outro.

UMA PRESSÃO na cama a acordou.

Catalina abriu os olhos. Sentia as pernas pesadas. Maravilhosamente pesadas.

Ela virou a cabeça e viu que eram 8 horas.

Durante a noite, acordara algumas vezes. Como se os dois estivessem em sintonia, Nathaniel também acordara. Não houvera palavras, só a sensação atordoada de seus lábios se juntando e seus corpos se fundindo até estarem saciados.

Ela olhou para cima, sorriu e tocou o rosto de Nathaniel.

Ele estava sentado na beira da cama, segurando um copo de água, com o cabelo arrepiado. Catalina passou a mão na sua barba, que crescia, e sentiu o coração acelerar ao sentir seu calor. Ainda podia sentir nele o cheiro do amor que tinham feito.

A primeira noite deles tinha sido especial. Não só porque fora a sua primeira vez, mas também por ter sido a primeira vez que ela fazia algo que não condizia com o que se esperava dela. O medo de ser apanhada estivera o tempo todo presente.

A noite anterior fora diferente. Não havia medo. Só felicidade. Não fora apenas a intimidade do que ele fizera com a língua e que ela não queria ter com mais ninguém. Fora tudo.

Nathaniel olhava para ela com uma pergunta nos olhos. Ela olhava para ele, registrando cada linha do seu belo rosto.

Sabia o que queria dizer a pergunta que via em seus olhos.

Teria percebido que seus sentimentos haviam mudado...?

– Este é o momento em que você me lembra de que precisamos embarcar em um avião? – Catalina tentou manter um tom alegre.

Ele beijou a palma da mão dela e seus brilharam com o alívio que ela não percebera que estivera temendo.

– Você consegue se aprontar para sairmos daqui a uma hora?

CAPÍTULO 11

NATHANIEL E Catalina desembarcaram do avião e se depararam com uma explosão de flashes. Os recém-casados que tinham se mantido longe dos holofotes de repente tinham aparecido. O boato de que o casamento já estava em crise tinha sido divulgado extraoficialmente pelo palácio.

Enquanto a multidão frenética era contida por um cordão de isolamento, lançava perguntas e manifestações de amor à princesa, Nathaniel percebia por que o rei estava tão ansioso para mantê-la na corte.

Catalina era o membro mais amado da família real. Enquanto o irmão se divertia pelo mundo com a desculpa de visitas oficiais, algumas a estabelecimentos sórdidos, e a irmã passara de garota voluntariosa a mulher casada viajando com o marido, Catalina fora a única que sempre ouvira seu povo. Visitava hospitais, participava de eventos em escolas primárias, apoiava publicamente várias obras beneficentes, enquanto continuava a desempenhar graciosamente sua função de receber e visitar dignitários. O povo de Monte Cleure amava sua bela princesa. Sem ela, a Casa dos Fernandez teria perdido sua joia mais valiosa.

Nathaniel apostava que o pai dela tinha percebido isso depois que eles tinham se casado. Afastar Catalina como punição prejudicaria a Casa dos Fernandez. Sem ela para absorver a atenção do povo, o resto da família se tornara foco de interesse. E seu desaparecimento aumentara os murmúrios de descontentamento.

– Você vai sentir falta de tudo isso? – Nathaniel perguntou, quando já estavam dentro do carro.

– Falta de quê? Da imprensa?

– De ser princesa. De ser amada pelo povo.

Por um instante, ela pareceu se entristecer, mas logo o encarou.

– Nada disso é verdadeiro. Eles não me amam. Amam a imagem que veem. Tudo que importa é que o nosso filho fique longe da interferência do palácio.

– Vamos sair de Monte Cleure antes de ele nascer. – Durante o voo, o rei mandara uma mensagem pedindo para falar com ele.

A etapa mais difícil estava apenas começando.

SUA VOLTA a Monte Cleure não fora dramática como Catalina esperava. A multidão no aeroporto elevara seu ânimo e, em vez dos guardas armados que ela receara ver, ela recebera um convite para almoçar com o pai, dali a dois dias. Nathaniel não fora convidado.

Ele a deixara no apartamento e saíra, alegando ter uma reunião. Quando voltou, encontrou-a olhando o convite.

– Eu sabia que isso iria acontecer – disse ele.

– Por quê?

– Eu não disse nada porque não queria preocupá-la, mas a reunião que eu acabo de ter... foi no palácio.

– E? Ele lhe devolveu suas escrituras?

– Vai devolver depois da festa de aniversário. Combinamos de nos encontrar na segunda-feira seguinte. Ele vai me devolver os documentos e emitir um comunicado retirando as acusações de fraude.

– É um começo.

– Esse convite é para garantir que, a partir de agora, você não sairá da linha. Você precisa convencê-lo de que se arrepende.

– Posso fazer isso.

Nathaniel olhou para ela pensativamente.

– O que foi? – perguntou ela.

– Acho que, por segurança, você deveria me entregar seu passaporte.

– Por quê?

– Intuição. Fugir foi seu segundo ato de rebeldia em poucos meses. Ele está desconfiado. Dominic também está.

– Ele estava lá?

Nathaniel enrijeceu o queixo e concordou. Dominic participara da reunião com uma cara de buldogue.

O rei a comandara, mas não houvera dúvidas de que era Dominic quem dirigia a cena.

Nathaniel tinha certeza de que Catalina tivera razão ao afirmar que Dominic estivera por trás das alegações de fraude e da anulação das escrituras. Dominic não dava importância ao amor do povo por sua irmã. Pelo contrário: provavelmente esse amor o enfurecia.

– Prefiro que o passaporte fique comigo, obrigada. – O passaporte era dela. Era o único documento que lhe daria liberdade.

– Tudo bem, mas você precisa convencer seu pai – repetiu Nathaniel. – Mostre-lhe que pretende cumprir sua parte da barganha. Convença-o de que está disposta a ser casar novamente, com o aristocrata que ele escolher. Assim que eu tiver meus negócios de volta, posso iniciar o processo de venda.

Catalina assentiu. Seria fácil convencer o pai. Passara a vida usando uma máscara diante da família e do mundo. Ela abafou qualquer sentimento de culpa que pudesse ter por mentir para o pai. Ele se importava mais com a Casa dos Fernandez que com ela e o filho. Isso era algo que não podia esquecer.

– Farei o que for necessário, mas...

– Qual é o problema?

– Na próxima vez em que você for se encontrar com o meu pai ou conversar com ele a meu respeito, não minta para mim, por favor.

– Eu não menti.

– Mas também não me disse a verdade. Eu não quero mais ser protegida.

– Eu não costumo dar satisfações a respeito dos meus atos.

– Eu não estou lhe pedindo isso. Estou lhe pedindo para me contar sobre coisas que me afetam. Somos um time, lembra?

– Bonnie e Clyde – falou ele com ironia. – Está certo. Vou me lembrar.

A ÚNICA PESSOA que ficou verdadeiramente feliz com a volta de Catalina foi Clotilde, que estivera de folga quando eles tinham chegado a Monte Cleure. Dois dias depois, ela entrou no quarto de Catalina, com um sorriso que poderia contaminar todo o país. Ao descobrir que não se esperava que ela fizesse tantas coisas como fizera antes como dama de companhia, seu sorriso se apagou.

– Mas eu gosto de fazer as coisas para você – disse Clotilde, desconsolada.

– Eu sei que gosta – falou Catalina gentilmente. – E aprecio tudo que você fez e vai fazer. Enquanto eu estiver aqui, ainda preciso de uma dama de companhia, só que... um pouco menos zelosa, certo?

– Certo. – Clotilde voltou a sorrir e se aproximou, com uma expressão cúmplice. – Julie me disse que Nathaniel passou a noite aqui, com você.

– Disse? – Catalina se fez de inocente, sabendo que seria traída pelo sangue que lhe subia ao rosto.

Depois da noite que tinham passado juntos no hotel, ela não ousara pensar que aconteceria novamente. O dia e a noite tinham sido emocionalmente tensos para os dois, que tinham revelado coisas sobre si mesmos e seus passados que nunca haviam dito a ninguém. Fazer amor tinha sido uma descarga emocional para ambos. Uma noite gloriosa e feliz.

Na noite em que tinham voltado, eles tinham ido jantar em um hotel de Monte Cleure. Nathaniel lhe contara histórias sobre a escola, sobre pessoas e clientes que conhecera por meio do trabalho em várias partes do mundo. Nenhum dos dois havia mencionado sua família ou a situação em que estavam. Depois de toda a angústia por que passara, fora um alívio simplesmente aproveitar o momento, sem se preocupar com o futuro.

Quando tinham voltado ao apartamento, ele se servira de um último drinque e, sem que soubessem quem dera o primeiro passo, ela se encontrara em seus braços. Ele a levava para o quarto e a deitara na cama...

Dormira com ela também na noite anterior.

– Disse sim – garantiu Clotilde. – Isso quer dizer...?

– Não quer dizer nada – falou Catalina depressa. – Poderia escovar meu cabelo?

Ela sabia que Clotilde queria escová-los desde que chegara ao apartamento. Seria o ideal para distraí-la.

Logo, seu cabelo brilhava e era preso em um coque de tranças.

– Eu estive praticando – falou Clotilde com orgulho.

Catalina escolheu cuidadosamente a roupa que iria usar, em seu limitado guarda-roupa, desejando ter aceitado a sugestão que Nathaniel lhe fizera de sair para fazer compras. Quando pensava nas roupas que deixara no palácio, intocadas e desprezadas, sentia vontade de chorar pelo desperdício.

Naquele dia, iria tentar tê-las de volta. Iria se arriscar, depois de sondar o humor do pai.

Ela não o via desde o casamento, quando ele não se dignara a lhe dizer adeus.

Acabou escolhendo um discreto vestido preto que ia até a altura do joelho, com mangas longas. Ela enfiou os pés em um par de sapatos pretos baixos e saiu. Parecia apropriado ir almoçar com o pai vestida como se fosse a um funeral.

Os seguranças e o motorista de Nathaniel esperavam por ela. A última vez que vira o marido fora quando ele se despedira com um beijo, depois do café da manhã. Sabia que ele iria se encontrar com seus advogados e se preparar para a batalha que iria enfrentar.

A recepção que teve ao chegar ao palácio deixou-a aliviada. Todos os cortesãos e membros da família vieram recebê-la. Deveriam saber que ela havia fugido. Deveriam saber das ameaças feitas a Nathaniel, para que ela voltasse. Nenhum deles se importava. Só se importavam com a Casa dos Fernandez e com as posições que nela ocupavam. Mas seus sorrisos e boas-vindas eram genuínos, e Catalina se comoveu mais do que pensara ser possível.

Ele seu alívio aumentou ao ver a mesa posta para dois na sala de jantar particular do pai.

– Dominic não vai nos acompanhar? – Catalina perguntou, depois de uma tentativa constrangedora de se abraçarem.

O sorriso do pai era forçado demais para ser confiável.

– O seu irmão está fazendo uma visita oficial à Inglaterra – disse o rei, como se ela devesse saber disso.

– Claro. – Catalina sorriu e esperou que o pai sentasse, antes de se sentar.

Nos primeiros cinco anos após a morte de sua mãe, ela o acompanhara em todas as visitas oficiais. Sabia que ele teria preferido levar sua filha favorita, Isabella, mas ela era muito jovem. Catalina se dava relativamente bem com o pai, mas perdera qualquer esperança de estabelecerem um relacionamento mais próximo. O coração de seu pai era tão fechado que tinha um espaço muito limitado para o amor. E esse amor fora reservado para Isabella. Catalina encontrara conforto em saber que ao menos tivera o amor de sua mãe. Disso, nunca tivera dúvidas.

Dominic ficara furioso ao ver a irmã que tanto odiava adquirir tal status na família e ser adorada por todo mundo. Suas indiretas e agulhadas dirigidas ao rei tinham dado resultado e, agora, ele fazia a maioria das visitas oficiais, colocando-se em posição de assumir o trono.

Catalina duvidava que o pai fosse abdicar, mas sabia que ele tinha orgulho por seu filho e herdeiro estar representando o trono e assumindo suas responsabilidades tão seriamente.

Ela duvidava que Dominic tivesse gostado de perder aquele almoço. Ele teria se deleitado ao vê-la se contorcer, esperando pelo sermão que certamente iria ouvir.

– Ele voltará na sexta-feira. Sei que ele está ansioso para vê-la na minha festa, na semana que vem.

Catalina sorriu. Isso era tudo que se esperava dela. Um sorriso de aceitação, de aprovação ou de qualquer emoção que fosse apropriada para a ocasião.

O primeiro prato foi servido. Um laçao provou a sopa de cogumelos do prato do rei que, ao ver que ele não ameaçava cair morto, considerou-a segura para comer.

– Esse Giroud – disse o rei, entre uma colherada e outra. – Ele a está maltratando? Foi por isso que você fugiu?

– O casamento não é fácil – falou Catalina calmamente, abaixando a cabeça para que ele não visse a verdade em seus olhos.

A resposta pareceu agradar ao rei, que riu.

– O homem é um animal.

Catalina agarrou a saia do vestido com força.

– Sim, ele é. Sinto muito ter fugido, pai, mas não vi outra saída. Odeio morar com ele.

– Olhe para mim, Catalina.

Ela obedeceu e fitou seus olhos castanhos, tão parecidos com os dela, mas cheios de malícia.

– Você sempre foi uma boa moça. Foi por isso que resolvi que você deveria se casar com Giroud, e não ser banida como o seu irmão queria. Você entende que o seu irmão só estava pensando no que seria melhor para a Casa dos Fernandez?

– Entendo – falou ela humildemente, imaginando como ele iria reagir, se ela jogasse o prato de sopa em sua cara.

– Ótimo. – O rei sorriu. – Você é um valioso membro da nossa família, mas eu não vou mais tolerar rebeldias. Lauren vai acompanhá-la até o apartamento. Você lhe entregará o seu passaporte. Vou guardá-lo até que o seu bastardo nasça e você se case com Johann. Ele concordou com o casamento. Sua honra será recuperada.

O coração batia tão forte dentro do peito de Catalina que ela precisou se esforçar para falar.

– Eu não estou com o meu passaporte. Nathaniel... Giroud... ele o confiscou. Ele não confia em mim.

O instinto de Nathaniel estivera certo. Seu pai não acreditava nela.

O rei respirou profundamente e, depois, mostrou os dentes.

– Traga-o para mim na festa. Se você não trouxer, vou mandar prendê-lo imediatamente.

Ele deveria ter visto algo em seus olhos, porque o sorriso que dava era desconfiado.

– Não me subestime, Catalina. Posso estar transferindo grande parte do meu poder para Dominic, mas ainda governa este país e todos que vivem nele.

NATHANIEL SOUBE que havia algo errado assim que Catalina entrou no carro. Terminara a reunião com os advogados mais cedo para ir buscá-la. Não tinha gostado de deixá-la ir sozinha ao palácio, mas, para que o plano dos dois desse certo, tinham que se comportar normalmente. E isso significava que Catalina deveria obedecer ao pai.

– O que houve? – perguntou ele.

Ela deu de ombros e olhou pela janela.

– Ele já acertou o meu próximo casamento.

– O duque sueco?

– Sim.

– Não se preocupe. Não vai acontecer. – Ele olhou para ela com firmeza. – A não ser que você tenha mudado de ideia.

– Não mudei. – Ela olhou para ele e sorriu. – Você sabe que esse não é o futuro que eu desejo para o nosso filho.

Ele respirou, segurou a mão dela e beijou os dedos que ela cortara, que tinham cicatrizado e ficado com marcas rosadas.

– O que mais a está preocupando?

– As joias da minha mãe. Acho que não conseguirei reavê-las.

Ele apertou a mão dela, desejando poder resolver o problema, mas, a não ser que assaltasse o palácio seguramente protegido, não via como pudesse fazê-lo.

– O que acha de conhecer o Clube Giroud na semana que vem? – Ele queria distraí-la de algo que lhe causava angústia. – Eu poderia levá-la antes, mas acho melhor ficarmos em Monte Cleure por algum tempo, para tentar afastar as suspeitas do seu pai.

– Dominic me disse que o lugar é imoral.

Nathaniel riu.

– Dominic não pode falar nada... Ele foi expulso de lá.

– É mesmo?

– Eu não permito a entrada de pessoas indesejáveis.

Catalina começou a rir. Foi um som baixo, docemente sonoro, que ele nunca ouvira e que parecia preenchê-lo tanto quanto o seu perfume.

SOZINHA DENTRO da banheira, Catalina fechou os olhos. Tinha vontade de chorar. De berrar. Podia fazer os dois.

O seu pai a colocara exatamente onde queria. E ambos sabiam disso.

Ele absorvera todo o veneno que Dominic vertera.

O homem que a educara já tivera alguma compaixão. Não muita, mas o suficiente para ela fingir que ele a amava como filha, e não apenas como uma princesa para ser mostrada ao mundo e causar orgulho à Casa dos Fernandez. O rompimento do seu noivado com Helios parecia ter acabado com o orgulho e dado uma abertura para que o ódio de Dominic por ela se espalhasse.

Enquanto lavava a cabeça, tentando saborear a liberdade de fazer aquilo sozinha, sabendo que, dentro de um ano, Marion ou outra dama de companhia estaria ao seu lado porque a princesa *não* podia lavar sua própria cabeça, Catalina percebeu o que precisava fazer.

A liberdade que chegara perto de conquistar para sempre escapara por entre seus dedos, mas isso não queria dizer que a liberdade de seu filho também iria escapar.

ELES EMBARCARAM no jato de Nathaniel, com destino a Marselha. Depois de um curto trajeto de carro, chegaram a um dos hotéis mais famosos da cidade. Hotel Giroud. Primeiro projeto realizado por Nathaniel e catalizador da fortuna que ele amealhara durante as décadas subsequentes.

– Pensei que você o tinha vendido depois de pronto – comentou Catalina, enquanto entravam no saguão.

– Eu o comprei de volta há 5 anos. Ele tinha caído em decadência e eu o renovei.

– É lindo. – Também era excessivamente luxuoso. O lugar gritava dinheiro.

A equipe da recepção ficou alerta ao ver o patrão. Dispensando-os com um sorriso e elogios pelo bom trabalho, Nathaniel levou-a até um escritório nos fundos, onde havia um elevador.

Catalina ergueu as sobrancelhas, ele respondeu sorrindo e digitando um código, e a porta do elevador abriu.

Eles entraram e, logo depois, o elevador parou. Quando saíram, os olhos de Catalina levaram algum tempo para se acostumar com a obscuridade. E, então, ela piscou. E piscou novamente.

– O que é isso?

Eles estavam em um enorme espaço com piso de carvalho. No centro havia um imenso bar arredondado com o balcão brilhando e o acabamento de cobre em volta, brilhando mais ainda. Dezenas e dezenas de homens e mulheres elegantemente vestidos estavam em volta do bar, bebendo. Outras dezenas rodeavam as mesas de carteados e roletas, ou estavam sentados em volta de mesas normais, conversando.

Ao fundo, a música tocava com um ritmo marcado que ela sentia vibrar na sola dos pés.

- Isso, *mon papillon*, é o Clube Giroud.
- Eu não sabia que fazia parte do hotel.
- Só aqueles que são sócios sabem a localização do clube, e só os sócios e os funcionários sabem como chegar até aqui. Ele tem seu próprio elevador, que vai até a garagem, no subsolo.

Catalina já ouvira falar sobre os clubes exclusivos que Nathaniel possuía, mas nunca tinha estado em um. Um clube cujo dono era um notório mulherengo não era um lugar considerado adequado para uma princesa virgem frequentar.

Nathaniel deu uma gargalhada.

- O que você estava esperando? Strippers e garçonetes de topless?
- Algo assim – murmurou ela.
- Proporcionamos entretenimento adulto durante os fins de semana, mas nada que não seja adequado para os olhos de uma princesa. – Ele se inclinou para falar ao seu ouvido: – Há uma sala nos fundos que eu alugo para sócios. Algumas dessas festas particulares se tornam realmente pesadas.

Havia algo no ambiente, na música, na sensação de ele estar tão perto, que deixou Catalina sem fôlego.

- Vamos – disse ele, segurando-a pela mão. – Deixe-me lhe mostrar o lugar e apresentá-la a todos.

Na meia hora seguinte, os dois circularam. Catalina conheceu alguns sócios, que ficaram chocados ao vê-la ali. Depois de um tempo, ela se divertiu com isso.

- É como se eles não acreditassem estar me vendo fora do meu habitat natural – sussurrou ela para Nathaniel.

- Você sempre teve uma aura de mistério à sua volta – murmurou ele, segurando-a pelos quadris. – Gostaria de ver o meu escritório?

- Gostaria de ver mais do que isso. – Ela não sabia de onde as palavras tinham vindo. Quanto mais os dias passavam, mais seu desejo por ele crescia. *Ansiava* por ele.

Dentro de alguns dias, ela deveria entregar seu passaporte, sua passagem para a liberdade, para o pai.

Catalina abria a boca várias vezes para contar a Nathaniel o que o pai exigira, mas voltara a fechá-la. Não sabia como ele iria reagir. Podiam estar fazendo sexo apaixonado a cada oportunidade, mas isso não significava que ele gostasse dela de outro modo.

Ela achava que não iria suportar encará-lo quando ele soubesse que ela não poderia deixar Monte Cleure, e ela descobrisse que ele não se importava. Não com ela.

Mas Nathaniel se importava com o filho.

Assim que ela entregasse o passaporte ao pai, iria confessar e contar seu plano a Nathaniel. Ele e o bebê ficariam bem. Ela não podia se salvar, mas poderia salvá-los.

Naquele instante, Nathaniel a fez passar por uma porta com um sinal de “Particular”, entrou e trancou a porta, com os olhos brilhando.

Era um escritório comum, semelhante ao que havia no apartamento, com uma grande mesa e poucas coisas a mais.

Ele não precisava de muito porque não passava muito tempo em um só lugar.

E, naquele momento, eles não precisavam de nada, a não ser um do outro.

Ele lhe beijou o pescoço e apertou sua nádega.

– Não temos muito tempo. Não até as pessoas começarem a se perguntar o que estamos fazendo.

Catalina sentiu o sangue latejar em sua pélvis, uma reação bem conhecida. Era como se o seu corpo estivesse se preparando para obter prazer apenas com uma carícia.

Ele beijou o lóbulo da sua orelha.

Catalina gemeu baixinho e virou a cabeça, procurando seus lábios.

– Se temos pouco tempo, sugiro que aproveitemos ao máximo.

– Sugere? – murmurou ele, apertando levemente seu seio sensível, antes de abaixar a mão, agarrar a barra do seu vestido e começar a levantá-lo.

– Ah, sim. Na verdade, como princesa de Monte Cleure, eu exijo.

Com a outra mão, Nathaniel abriu a calça e libertou sua ereção. Roçou-a contra a coxa de Catalina, causando-lhe um arrepio. – O que você quer, Alteza?

Ela empinou os quadris para deixar que ele lhe tirasse a calcinha de renda.

– Quero você.

– Então, você me terá. – Ele mergulhou no corpo dela sem cerimônias, gemendo alto e preenchendo-a com um só movimento.

Segurando-a pelos quadris, Nathaniel se movimentou dentro dela com movimentos curtos e enérgicos intensamente eróticos. Ele não a beijou; olhou-a nos olhos com uma intensidade tão penetrante quanto seus movimentos.

Até aquele momento, eles demoravam fazendo amor. Exploravam cada centímetro do corpo, um do outro, e as inibições que ela pudesse ter tido tinham se diluído durante o tempo que haviam passado juntos. A cada vez que haviam feito amor, ela se soltara um pouco mais e, agora, se entregava às mãos dele.

Nathaniel era tudo que ela queria e precisava. Agora, Catalina sabia que o amava há anos e não imaginava a sua vida sem ele.

Mas precisava imaginar porque esse dia iria chegar. Até lá...

Agarrando-o pelas nádegas, ela o puxou para mais fundo, sentindo as pulsações dentro dela se tornarem mais rápidas. Ele sabia exatamente a quantidade exata de pressão e de fricção necessárias para levá-la ao auge. Conhecia seu corpo tão bem quanto ela.

Catalina enfiou o rosto na curva do pescoço de Nathaniel enquanto tinha um orgasmo, abafando os gritos de prazer em sua pele quente. Ainda sentindo seus tremores convulsivos, Nathaniel jogou a cabeça para trás e estremeceu, enfiando os dedos em sua carne, até que os tremores acalmassem. Passou os braços em torno dela e a manteve firmemente apertada contra o corpo.

Catalina sentia as batidas do seu coração e o contato de seus dedos por sobre o vestido enquanto ele lhe acariciava as costas.

Ela apoiou as mãos em seu rosto, beijou-o e se afastou um pouco para olhar para ele.

Apesar de seus melhores intentos, realmente se apaixonara por ele.

Sua mãe lhe ensinara que amar alguém não era uma escolha, mas ela fora arrogante o suficiente para achar que era diferente, e que, com força de vontade, poderia se manter imune à emoção e evitar que acontecesse.

Fora isso que sua mãe sentira pelo amante? Ela combatera a atração? Deveria ter combatido. Mais que todos, conhecia os perigos. Sabia que nunca poderia dar certo.

Mas o amor não liga para perigos ou força de vontade; se insinua para dentro da pessoa muito sutilmente e se instala dentro dela, antes que ela perceba.

Quando ele se alojava em seu coração, era impossível removê-lo.

E, agora que ele estava ali, ela iria defendê-lo com tudo que tinha. Se para proteger Nathaniel e o filho dos dois ela tivesse que se submeter à vontade do pai e do irmão para sempre, era isso que iria fazer.

CAPÍTULO 12

A CELEBRAÇÃO do aniversário do rei era esperada por todo o país, e aquele ano não era exceção. Catalina duvidava que alguém estivesse mais animado que Clotilde, que não fora convidada.

A animação de Clotilde se resumia a arrumar Catalina como uma princesa, e ela ficara desapontada ao saber que, por ordem do rei, Aliana viria ajudá-la.

– Normalmente eu tenho três damas, e preciso de todas para me aprontar para essas ocasiões. Você terá o mesmo trabalho para me deixar linda – disse Catalina.

– Você é sempre linda. – Um brilho esperançoso passou pelo rosto de Clotilde. – Posso escovar seu cabelo?

Catalina riu, entregou-lhe a escova e sentou-se à penteadeira.

Quando Aliana chegou, as duas damas se encararam, tentando estabelecer sua dominância. Preparada para isso, Catalina já fizera uma lista das atribuições de cada uma.

– Por que ela fará suas unhas das mãos, e eu, dos seus pés? – Clotilde perguntou, emburrada.

– No próximo evento, vocês podem trocar.

As duas passaram a tarde se bicando. Era uma boa distração. Catalina estava nervosa. A náusea da qual pensara ter se livrado voltara.

Aliana colocava o último grampo e ajeitava o último cacho no cabelo de Catalina quando bateram na porta.

– Deve ser Nathaniel – exclamou Clotilde, correndo para abrir. – Mal posso esperar para ver a cara dele!

A cara que ele fez realmente era digna de se ver. Ele deu uma olhada para Catalina e arregalou os olhos.

– Você está linda.

Ela usava um longo vestido azul-petróleo de gola alta e mangas formadas por fios de minúsculas contas cintilantes. Calçava sapatos prateados. Ainda era cedo para perceber sua gravidez, mas seu corpo mudara consideravelmente. Seus seios estavam maiores, sua cintura, mais grossa. Os sinais estavam ali para quem prestasse atenção. E Catalina sabia que, naquela noite, a atenção estaria concentrada nela.

A única atenção que ela queria era a de Nathaniel, que estava mais bonito do que nunca, vestindo um smoking preto que a fazia pensar em espiões perigosos e bebidas destiladas.

Desde que tinham voltado de Benasque, não haviam passado uma noite separados.

Ele entrou no quarto e lhe entregou uma caixa.

Catalina a pegou com mãos trêmulas, abriu-a e viu uma gargantilha de ouro com uma safira no centro.

– Isso é para mim? – sussurrou ela.

– Gostou?

– Adorei.

Clotilde praticamente pulava de excitação.

– Ele me fez descrever o seu vestido para escolher algo que combinasse.

Três dias antes, Catalina saíra, pela primeira vez, para comprar o vestido. Nathaniel lhe entregara o cartão de crédito e, quando ela tentara devolver, ele lhe dissera para ficar com ele.

– Posso colocá-lo em você? – perguntou ele.

– Por favor.

Ela se virou de costas para ele e piscou, tentando conter as lágrimas pelo presente inesperado e delicado.

Quando ele acabou de fechar o colar, beijou sua nuca e a fez virar de frente para ele.

– Está pronta?

Ela assentiu e fixou a máscara de serenidade no rosto. Estava tão pronta quanto poderia estar.

O PALÁCIO CINTILAVA contra o céu escuro de Monte Cleure. Filas de carros deixavam os convidados na entrada. Nathaniel olhou pela janela e se perguntou de onde vinha a sensação desagradável em seu estômago.

Não esperava que a noite fosse fácil. Todos os estariam observando, especulando.

Sentada ao lado dele, calada, Catalina se agarrava à carteira prateada como se temesse soltá-la.

Ela estava estonteante. Sua princesa.

Mas havia algo nela que o fazia pensar que sua máscara escondia mais do que o usual. Ele sentia isso desde o dia em que ela almoçara com o pai e, não pela primeira vez, desejava que ela não tivesse sido tão bem treinada para esconder o que pensava.

Esperava que ela confiasse nele, e tentou se convencer de que ela estava aborrecida por não ter recuperado as joias da mãe.

Não se preocupava mais que ela tentasse fugir com seu filho. Não sabia por que tinha certeza, mas tinha. Começava a confiar nela.

Quando chegaram ao palácio, os cortesãos que recebiam os convidados viram a princesa e se apressaram a fazê-los entrar.

O rei e seu herdeiro recebiam os convidados com uma taça de champanhe, na entrada do salão de recepção, e, ao verem Catalina e Nathaniel, aproximaram-se sorrindo, mas com olhares frios.

Todos os observavam.

– Feliz aniversário, pai. – Catalina fez uma reverência e indicou imperceptivelmente a bolsa que continha o passaporte.

O rei abraçou a filha, beijou-a e estendeu a mão para cumprimentar Nathaniel.

Dominic apertou a mão de Nathaniel demoradamente, sorrindo como um leão antes de devorar a presa. Nathaniel se contentou em apertar a mão dele como se quisesse quebrá-la e ainda teve que vê-lo beijando Catalina.

Ela retribuiu o cumprimento, segurou a mão de Dominic e sussurrou algo em seu ouvido, fazendo com que ele sorrisse.

Só Nathaniel percebeu que ela franzia o nariz. Os dois irmãos eram especialistas em manifestações públicas de afeto, que não passavam de encenação.

Ninguém que presenciasse o encontro duvidaria estar diante de uma família feliz.

Catalina ficava mais desanimada à medida que o tempo passava, mas tentava sorrir.

Vendo as taças de champanhe serem servidas, ela desejaria poder beber uma ou, talvez, cinco. Iria ajudá-la a suportar a noite, sua primeira aparição em público depois do casamento.

Quanto mais convidados se juntavam à fila de cumprimentos, mais difícil ela achava manter a máscara. Estava acostumada a ser observada, mas, naquela noite, era como se estivesse sendo olhada através de lentes e dissecada.

– Preciso roubar seu marido por um minuto – disse o pai dela, quando todos os convidados já estavam no salão.

Catalina olhou para Nathaniel.

O olhar dele estava firme. *Estarei bem*, ele parecia lhe dizer.

E estaria. Ela iria garantir isso. *Estava* garantindo.

Com o coração batendo forte, ela viu Dominic ir atrás deles.

Quando já achava que a noite não poderia ser pior, Catalina entrou no salão e Marion surgiu ao seu lado.

O que ela não daria para apagar aquele sorriso debochado do rosto de Marion!

– Tenho muito a lhe contar. – Marion se pôs a contar todas as fofocas que Catalina perdera enquanto estivera longe do palácio.

Percebendo o veneno e a satisfação por trás de cada história triste, Catalina se sentiu como se estivesse sendo enrolada em arame farpado. As pessoas ainda se aproximavam e interrompiam o monólogo de Marion para cumprimentá-la e ver se havia alguma verdade nas centenas de rumores que circulavam.

– Preciso de um pouco de ar – disse Catalina a Marion, não suportando mais.

Ela não deu tempo para Marion responder. Virou-se, saiu do salão e atravessou um largo corredor. Sorriu ao passar por alguns cortesãos e foi para um terraço que dava para a praia particular do palácio. Respirou o ar salgado e ergueu o rosto para sentir a brisa fresca.

O sossego que esperava ter lhe foi roubado quando ela ouviu passos atrás dela.

– Ora, se não é a bela Catalina!

– Vá embora, Dominic. – Ela não estava disposta a ouvir a versão de sutileza do irmão.

– Essa não é uma maneira gentil de falar com seu irmão. – Ele encostou na balaustrada, ao lado dela.

Catalina sacudiu a cabeça, desejando poder enxotá-lo como se fosse um inseto.

– Não me ignore – falou Dominic ameaçadoramente. – Você trouxe o seu passaporte?

– Sim.

– Entregue-o a mim.

– Vou entregá-lo ao papai.

– Eu estou lhe dizendo para me entregar.

Catalina respirou fundo e o encarou.

– Eu vou entregá-lo ao papai, mais tarde. Você não é meu dono, Dominic. Não mais. Eu pertenço a Nathaniel e não recebo ordens de você. – Independentemente do que acontecesse no futuro, ela não o deixaria mais maltratá-la.

Ele a segurou pelo pulso.

– Você sempre está calma e composta – debochou ele. – A princesa perfeita, a preferida do povo. Mas eu sempre soube a verdade sobre você.

– Solte-me – exclamou ela.

Ele apertou ainda mais o seu pulso.

– Você não está em posição de me mandar fazer nada.

– Se você não me soltar, eu vou gritar.

Dominic franziu os olhos. Não estava acostumado a que ela respondesse. Se ela gritasse, as pessoas iriam correr. E ver.

– Tire as mãos de cima da minha mulher.

Dominic congelou.

A dois passos de distância, Nathaniel os observava ameaçadoramente.

Dominic soltou-a e se empertigou. Nathaniel se aproximou.

– Se você voltar a encostar um dedo na minha esposa, eu vou...

– O quê? – Dominic perguntou com desdém. – Vai me bater por causa dessa vadia inútil?

Uma sombra perigosa passou pelo rosto de Nathaniel. E o cotovelo dele recuou, antes que seu braço se esticasse para frente com a velocidade de uma bala e o seu punho acertasse a barriga de Dominic com uma força que fez com que o príncipe se dobrasse e caísse pesadamente no chão.

Nathaniel se abaixou ao lado dele.

– Na próxima vez, será na sua cara. – Nathaniel se levantou, segurou Catalina pela mão e levou-a para longe dos gemidos do irmão. – Precisamos ir embora.

– Não podemos.

– Lina, precisamos ir agora. Não temos muito tempo.

Ela soltou a mão, parou, olhou por cima do ombro e viu que seu irmão se levantava.

– Você não deveria ter feito isso – balbuciou Catalina, apavorada. – Haverá consequências.

– É por isso que precisamos sair agora. – Nathaniel voltou a segurar a mão dela e puxou-a. – *Vamos*.

– Antes, há uma coisa que eu preciso fazer – falou ela, sentindo-se em pânico.

– Se é entregar seu passaporte ao seu pai, esqueça.

– Você sabia?

Ele concordou, zangado. Tinham chegado à porta do palácio, ainda aberta para permitir a entrada de convidados retardatários.

– Dominic mencionou, enquanto o seu pai me enrolava. Ele não resistiu a me dizer que você estava sob controle. Você está com o passaporte. – Não era uma pergunta.

– Ele vai mandar prendê-lo. – Catalina parou no alto da escada. – Você não compreende? Ele não confia em mim. Se eu não lhe entregar o passaporte, ele vai mandar prendê-lo pelo resto da vida.

– Primeiro, ele vai ter que me encontrar.

Nathaniel fez com que ela descesse a escada. Assim que chegaram ao jardim, Catalina precisou correr para acompanhá-lo.

Um carro piscou os faróis para eles.

Só quando já estavam sentados dentro do carro e o motorista enfiou o pé no acelerador, Nathaniel voltou a respirar.

– O que você pensou estar fazendo quando o socou? – Catalina perguntou. – Dominic pode mandar matá-lo.

– Não importa o que ele faça comigo. Há quanto tempo ele abusa de você? – A maneira como ela se enrijeceu provou que ele estivera certo. – Catalina? – Ele insistiu ao ver que ela se encolhia. – Eu lhe fiz uma pergunta. Já que eu acrescentei a acusação de traição aos meus outros supostos crimes neste país, o mínimo que você pode fazer é me contar a verdade.

– Para mim é difícil falar sobre isso. – A voz dela era pouco mais que um sussurro. – Parece deslealdade.

– Esqueça a lealdade. A sua família desconhece o significado dela.

Ela ficou em silêncio por longo tempo, mas, por fim, concordou.

– Dominic.... Sim. De vez em quando, ele me bate. Mas raramente de forma a deixar marcas – falou ela, como se isso o desculpasse.

– O seu pai sabe?

– Eu não sei. Dominic me odeia desde que eu nasci, e quando éramos crianças, o meu pai raramente fazia algo para conter a sua crueldade. – Catalina deu um sorriso triste. – Dominic ficou ressentido por eu ter nascido e roubado a atenção que a minha mãe lhe dava. Não me entenda errado. Ele nunca me deu uma surra. Acho que eu aceitava porque achava que ele tinha o direito. As mulheres da Casa dos Fernandez devem se submeter à vontade dos homens. Mas ele não tem esse direito. Quando eu voltar ao palácio, vou dar um fim a isso.

– Como? – A pergunta saiu como uma bala.

– Eu vou gritar. Vou lutar com unhas e dentes. Ele não está acostumado a que eu responda ou revide.

– Você não vai fazer nada disso porque não vai voltar ao palácio. – Ele já suspeitava que isso aconteceria, mas ter suas suspeitas confirmadas era como ter levado um soco no peito.

A Casa dos Fernandez era muito mais perigosa do que ele sonhara.

Era de admirar que ela tivesse aproveitado a primeira chance de ter liberdade e fugido? Catalina sempre fora uma prisioneira que sentia medo de sair da linha, que se apresentava ao público que a adorava como se fosse uma boneca, que fora forçada a se casar com um homem, com ele, que a tratara com indiferença. Seu futuro seria voltar ao palácio e aceitar mais um casamento indiferente... Ela deveria ter fugido mais cedo. Deveria ter fugido para os confins da terra para escapar do seu destino.

E ali estava ela, disposta a aceitar seu destino para salvá-lo.

– Preciso voltar, ou você perderá tudo – disse ela.

– Pensei que você não queria que o nosso filho fosse criado no palácio. Como pode...?

Ela sacudiu a cabeça tão violentamente que alguns cachos de cabelo se soltaram.

– Você vai criar o nosso filho.

– *O quê?*

– Já pensei em tudo. – Ela falava depressa, angustiada. – O meu pai espera que fiquemos juntos até o bebê nascer. Ele queria o meu passaporte porque não confiava que eu não fosse fugir novamente. Isso não impediria que *you* saísse do país. Eu iria ter o nosso filho ou filha e o entregaria a você, para que o levasse para o mais longe possível de Monte Cleure.

Nathaniel estava tão perplexo que não conseguia pensar nem falar.

– E, agora, você estragou tudo. – Ela explodiu em lágrimas. – *Por que* você bateu nele? Ele não ia me machucar, não com tantos convidados por perto.

– Você ia me entregar nosso filho? – Nathaniel só conseguia pensar nisso. Ela pensara em lhe entregar o filho.

Com o rosto molhado, ela concordou.

– Era a única maneira de ter certeza de que vocês dois estariam a salvo.

Ao longe, ouviu-se o sinal de sirenes. Nathaniel não sabia se estavam sendo perseguidos, mas entrou em ação. Abriu o vidro que os separava do motorista.

– Leve-nos para o heliporto. Depressa. – Ele ligou para empresa onde costumava alugar helicópteros e ofereceu um quarto de milhão de euros para que eles encontrassem um piloto que os levasse para a França dentro de dez minutos.

A sorte estava do seu lado. Um piloto aterrissara há 15 minutos e ainda não fora para casa.

Depois, ele ligou para Alma e pediu que ela mandasse os empregados levarem os pertences pessoais dos dois para o jato e que fossem encontrá-los em Marselha.

Quando Dominic mencionara o passaporte de Catalina em tom triunfante, ele compreendera por que ela estivera estranha. Naquele instante, ele percebera que precisava tirá-la do país.

Quando o encontro com o rei acabara, ele chamara o motorista e lhe dissera para se preparar para levá-los para a França.

Mas, depois que ele socara o herdeiro do trono em seu próprio palácio, não havia chance de chegarem à fronteira.

Durante meses, ele pensara no relacionamento de Catalina com o irmão, mas ver a evidência com seus próprios olhos...

Ele perdera o controle.

O piloto os esperava e, logo, eles decolavam. Quando atingiram algumas centenas de pés de altura, Nathaniel olhou pela janela e viu meia dúzia de carros com luzes piscando a caminho do heliporto. Ele não conseguiu respirar direito até estarem em espaço aéreo francês.

Durante todo o tempo, Catalina não dissera uma palavra. Ficara sentada rigidamente, com as lágrimas escorrendo pelo rosto.

– Estamos a salvo – falou Nathaniel. Ela piscou e esfregou os olhos.

– Nunca estaremos a salvo.

– O seu pai só tem poder em Monte Cleure.

Ela desviou os olhos e amassou o tecido da saia. Nathaniel fechou os olhos e massageou as têmporas. Não era surpresa sentir que teria uma dor de cabeça.

– Para onde você quer ir? – perguntou ele, depois de dez minutos.

Ela olhou para ele, sem entender.

– Escolha um país. Qualquer país. Um dos lugares para onde você já quis ir ou onde já esteve e realmente gostou. Diga um.

– Estados Unidos – sussurrou ela, depois de pensar. – Nova York. Eu sempre quis ir para lá.

– Nova York e um loft?

Ela concordou, e mais uma lágrima rolou por seu rosto.

– Então, será Nova York.

Alma mandou um carro para pegá-los em Marselha. Os dois se dirigiram ao aeroporto em silêncio.

Catalina olhava as ruas e estradas que percorrera há poucos dias, imaginando como estava ali novamente.

Tudo aquilo de fato acontecera?

Nathaniel batera em Dominic?

O terror consumia pedaços do seu estômago, e o ácido lhe queimava a garganta.

O que ele fizera? Nathaniel nunca mais poderia voltar a Monte Cleure. Tinham lutado tanto para que ele preservasse o que lhe pertencia... E ele perdera tudo.

A culpa era dela.

CAPÍTULO 13

A EQUIPE de empregados esperava por eles em uma sala privativa do aeroporto de Marselha. Todos estavam assustados.

Assim que eles entraram, Nathaniel se dirigiu a Clotilde.

– Você vai para Nova York com Catalina.

Clotilde concordou, e ele se dirigiu aos outros.

– Passaremos a noite no meu hotel, e assim que o jato voltar, vamos para...

Nathaniel sentiu um puxão na manga do paletó. Muito pálida e com os olhos vermelhos, Catalina perguntou:

– Você não vai comigo?

Ele olhou para ela, suas narinas se dilataram, e ele sacudiu cabeça.

– Eu vou para Agon.

– Eu posso ir com você.

– Não. É aqui que nos separamos. Se você não ficar feliz em Nova York, encontraremos outro lugar para você morar.

– Separamos? O que quer dizer?

– É aqui que colocamos o nosso plano em ação. Tudo sobre o que conversamos. É aqui, *mon papillon*, que você começa a desfrutar sua liberdade. Sei que é mais dramático do que o que planejamos, mas as coisas aconteceram de uma forma que nenhum de nós poderia prever.

– Mas e quanto a você? O meu pai não vai lhe devolver as escrituras. Ele não retirou a acusação de fraude contra você.

Nathaniel deu de ombros. Nada disso importava mais.

– Eu não tenho a menor esperança de conseguir algo de volta e não me importo. A sua segurança e a do bebê são mais importantes. Você está com o cartão de crédito que eu lhe dei?

Catalina assentiu, atordoada.

– Ele não tem limite de crédito. Compre o que precisar... Falo sério, Lina, qualquer coisa que você quiser.

– Você poderia ir comigo – sussurrou ela. – Podemos ser uma família.

O coração de Nathaniel bateu ferozmente dentro do peito, quando ele se imaginou vivendo com Catalina e o filho.

Era uma imagem que ele até agora se recusara a contemplar.

E, então, ele olhou para ela, viu seu rosto doce umedecido pelas lágrimas e sentiu uma dor tão forte no peito que seu coração parecia estar sendo dilacerado.

Ele amara sua família com todo o seu coração puro e inocente, e os perdera.

Amara seu tio, que o tratara como filho, mas traíra o seu amor da maneira mais odiosa e o perdera.

Ele perdera *todos* a quem amara.

Nathaniel respirou fundo e sacudiu a cabeça, combatendo as palavras que lhe vinham à boca, negando o clamor do seu coração. Ele não a merecia. Preferiria morrer a magoá-la.

– Entrarei em contato com você dentro de alguns dias. Se for necessário, Clotilde sabe como me encontrar.

Demorou uma eternidade para a cabeça de Catalina registrar que aquilo era um adeus. Que era ali que se separavam. Que, no futuro, ela só falaria com ele para discutirem algo sobre o bebê, que só o veria durante as visitas ao filho ou quando ele fosse buscá-lo. Que os sonhos que ela nunca se permitira sonhar tinham sido manifestados e rejeitados.

Quando ela se recuperou do choque e compreendeu a extensão dos fatos, Nathaniel e o resto dos empregados já tinham ido embora e só lhe restara Clotilde.

– Para onde ele foi? – perguntou ela a Clotilde.

– Eu não sei – balbuciou Clotilde.

Catalina abriu a porta da sala e olhou em volta. O aeroporto estava movimentado, mas não estava lotado. Ela podia ver as pessoas claramente. Mas não o via.

Antes de perceber o que estava fazendo, Catalina inflou o peito e gritou o nome dele.

– *Nathaniel!*

Algumas pessoas pararam e olharam para ela, mas nenhuma era ele.

Catalina começou a correr, gritando o nome dele, empurrando as pessoas, chutando bagagens, até que dois braços a envolveram pela cintura e a fizeram parar. Ela gritou mais ainda ao ver que não era ele, mas Clotilde, que também chorava, tentando contê-la.

Os guarda-costas de Catalina, até então invisíveis, apareceram e levaram as duas de volta à sala para esperarem a hora de embarcar.

NOVA YORK era agradável. Agora, que começava a se adaptar, Catalina gostava da cidade.

Ao aterrissarem, um grupo de seguranças esperava por elas e as tinha levado diretamente para um loft no Baixo Manhattan, informando que, se Catalina não gostasse do apartamento, havia mais uma dezena entre os quais ela poderia escolher.

Ela estivera tão cansada que resolvera dormir ali, naquela noite. No dia seguinte, fora acordada pelo sol de inverno e, apesar de ainda cansada e triste, sentira uma sensação de paz. Resolvera ficar ali.

Isso tinha acontecido há um mês.

Aonde quer que ela fosse, os seguranças a seguiam, sem serem invasivos. Quando ela passeava pelo Times Square ou pelo Central Park, esquecia que eles estavam lá.

Seu “sequestro” chegara às manchetes. Os boatos alimentados pelo palácio tinham sido tão loucos que ela telefonara e deixara uma mensagem para o pai dizendo que, se ele não silenciasse os falatórios e retirasse as acusações contra Nathaniel, ela venderia a sua história à imprensa e iria lavar toda a roupa suja da Casa dos Fernandez em público. Por medida de segurança, ela procurara um dos maiores jornais de Nova York e fizera uma declaração que fora filmada. Nela, Catalina insistia que deixara Monte Cleure por sua livre e espontânea vontade e negava veementemente que o marido fosse capaz de cometer qualquer tipo de fraude. Insistia que ele era um bom homem. Quanto aos rumores de que estavam separados, ela só podia dizer que desejava tudo de bom para ele.

O que não dissera é que havia um buraco em seu coração que ela não sabia como reparar.

Ao voltar de uma visita ao Museu Nacional, onde os mais belos artefatos não tinham despertado o seu interesse por muito tempo, ela abriu a porta e chamou por Clotilde, mas não obteve resposta.

Era estranho. Clotilde recuperara o bom humor depois do primeiro dia em Nova York. A moça era um presente dos deuses, e ela sempre seria grata por Nathaniel ter insistido que Clotilde a acompanhasse.

Mas ela não queria pensar nele. Pensar nele aumentava o vazio que sentia no coração. Às vezes, ela olhava pela janela, como sua mãe costumava fazer quando ficara doente

demaís para sair do quarto. Sua mãe ficava ali, procurando por Juan, ansiando por vê-lo. E Juan costumava sentar debaixo de uma cerejeira que podia ser vista da janela, fingindo almoçar e não olhar para ela. Desejando desesperadamente vê-la, mas sabendo que qualquer tentativa selaria o destino dos dois.

Seus destinos já haviam sido selados. O câncer fora o primeiro a se encarregar disso, e a depressão em que Juan caíra se encarregara do resto.

Catalina estava resolvida a não cair na mesma depressão. Precisava pensar no bebê. Naquela manhã, tinha sentido o bebê se mexer e sentira uma onda de excitação que a afastara temporariamente da escuridão.

Sentira seu filho se mexer. Logo, esperava sentir um chute. Ela faria qualquer coisa para manter aquele serzinho miraculoso em segurança. Mesmo desistir dele.

Porque teria desistido. E seria eternamente grata a Nathaniel por não ter precisado abrir mão do filho.

Ele perdera muito para que ela pudesse manter o filho e para que os dois pudessem ter liberdade. Nathaniel nunca iria recuperar seu empreendimento e o edifício Ravensberg, mas, pelo menos, as acusações contra ele tinham sido retiradas. Ela ainda ficava furiosa por sua família ter jogado o nome dele na lama, depois que tinham fugido. Ele não merecia isso.

– Clotilde? – Catalina voltou a chamar, quase tendo um infarto ao ver o homem levantando do sofá.

Levou uma eternidade para o seu cérebro compreender o que seus olhos viam.

– Nathaniel – sussurrou ela.

Ela não o via desde o aeroporto. Não falara com ele. Mas tinham se comunicado de outras formas. Ele providenciara a compra do loft para ela e abrira uma conta em seu nome, sem falar com ela.

Nathaniel tentou sorrir e enfiou as mãos nos bolsos, olhando para ela como se carregasse o peso do mundo em seus ombros.

– Clotilde saiu. Espero que você não se importe por eu tê-la esperado aqui.

– Não, claro que não. Eu não esperava vê-lo. Foi uma surpresa. Como vai? – Ela não sabia como controlar a língua, que falava sozinha.

– Estou bem – respondeu ele, com um sorriso triste.

– Posso lhe servir uma bebida?

– Não, obrigado. Tomei um café com Clotilde. Ela disse que você está indo bem.

– Nós fazemos o que podemos. – De repente, ela não aguentou nem mais um minuto daquela conversa fiada. – O que está fazendo aqui?

– Eu trouxe algo para você. – Ele apontou para a escrivaninha em um canto. Havia uma caixa em cima do móvel.

Estonteada e mais que confusa, incapaz de raciocinar, Catalina foi pegar a caixa e abriu-a. Estava cheia de joias. As joias que sua mãe lhe deixara.

– Eu não quis mandá-las por um mensageiro – explicou Nathaniel, ainda parado no mesmo lugar.

Catalina pegou um pingente rosa que sempre gostara de ver a mãe usar e apertou-o contra o peito.

Ah, aquilo tinha um grande significado!

Nathaniel fizera isso por ela. Resgatara as joias de sua mãe. Agora, ela teria o que passar para os filhos, algo que pertencera à linda avó que nunca iriam conhecer.

– Como você conseguiu?

– Entrei num acordo com o seu pai.

– Você foi vê-lo? – perguntou ela, alarmada só de pensar.

– Eu não sou totalmente louco. Mandeí meus advogados o procurarem. Em troca das suas joias, assinei uma declaração de desistência, dizendo que não pretendo levar a Casa dos Fernandez à corte e processá-los por difamação.

– Você *pode* levá-los à corte? – Ela nunca tivera essa ideia.

– O seu país negocia com a Europa. Havia a possibilidade. Mas esta foi a última gota para o seu pai. Helios já havia convencido o seu senado a impedir a entrada de qualquer membro da Casa dos Fernandez em Agon e estava disposto a impor o embargo de todos os bens e investimentos de Monte Cleure. O mundo está abrindo os olhos para toda a podridão por detrás do trono e, agora, o seu pai está tentando limitar os danos.

– Obrigada. – Foi tudo que ela conseguiu dizer. As lágrimas haviam lhe subido aos olhos e ela piscou para escondê-las. Ela não chorava desde que voara para Nova York. Suas lágrimas haviam secado.

– Eu também tenho uma mensagem do seu pai para você, enviada por nossos intermediários. Ele diz que, se você voltar para casa, será livre para viver como quiser.

– Quanta bondade dele... – Ela não pôde evitar o sarcasmo. – Isso iria durar até a poeira assentar e ele e Dominic recuperarem o controle sobre mim?

– Se tanto.

Os dois se encararam. Sabiam do que seu pai era capaz. Sabiam que, se ela voltasse ao seu país, ela e o filho jamais seriam livres.

– Mais alguma coisa? – perguntou ela, tentando parecer casual.

Se ela tivesse sido avisada daquela visita, teria tido tempo para se acalmar e colocar a máscara de serenidade. Não estaria olhando para ele, tentando desesperadamente conter o impulso de se jogar a seus pés e lhe pedir para ficar.

Não estaria chorando por dentro.

– Isso era tudo – falou Nathaniel calmamente, mas não fez menção de sair. – Obrigado pelo vídeo do ultrassom.

Ela pediu a Clotilde para mandar para ele. Apesar de o exame ter sido feito com a melhor tecnologia disponível, a imagem não estava clara. O filho parecia se divertir mexendo as perninhas e não parava para posar para eles.

– De nada.

Nathaniel começou a se dirigir para a porta.

Ela o viu ir embora sem se despedir. Sem um beijo de adeus. Nada, a não ser o lento dilacerar do seu coração.

Catalina esperou ouvir a porta da frente se fechar para verter as lágrimas que queriam se libertar.

Nathaniel parou, segurando a maçaneta e esperando que seus dedos a virassem.

Não deveria ter ido até ali. Jurara que iria entregar as joias e sair. Mas estar tão perto dela...

Ele poderia ter ido embora sem ver com seus próprios olhos que ela estava bem.

Quando a mandara para Nova York, não pretendia ficar longe dela por tanto tempo. Só quisera afastá-la de Monte Cleure e mantê-la em segurança. Só quisera ter algum tempo para processar o que acontecera na festa e o que soubera, sem a sua presença para distraí-lo.

E então ele ficara sabendo do que acontecera no aeroporto, minutos depois que ele fora embora. Catalina procurara por ele, *gritara* seu nome. Ficara inconsolável.

Ela *gritara* por ele.

As palavras que ela dissera antes, *Podemos ser uma família*, ainda ecoavam em seus ouvidos. Ele teria entendido mal? Teria se enganado?

Mas ele sabia que não. As palavras corajosas tinham sido claras.

Ele não tinha uma família por praticamente 30 anos.

E, então, lhe ocorreu que, se abrisse aquela porta e soubesse, ele nunca iria saber...

Nunca iria saber se Catalina *gritara* e se desesperara porque...

E, naquele instante, mais uma bomba explodiu em sua cabeça.

Ele se distanciara porque tivera medo. Tivera medo, pavor, desde a primeira noite que haviam passado juntos. Trazer as joias fora apenas a desculpa que ele inconscientemente

estivera procurando.

O medo de magoá-la...

Tudo estava misturado. Ele tinha medo de que ela o magoasse.

Se ele abrisse a porta...

Se ele abrisse aquela porta, jamais saberia se aquela família poderia...

De repente, ele se viu correndo, subindo a escada, entrando na sala de estar.

Ela não saía do lado da escrivadinha.

– Você realmente estava disposta a me entregar o nosso filho? – perguntou ele.

Ela assentiu, com os olhos arregalados.

– Por quê?

– Eu já lhe disse. Não vi outra maneira de mantê-lo em segurança.

– E você o teria confiado a *mim*?

– Não existe ninguém no mundo em quem eu confiasse mais para entregar o meu filho.

Nathaniel sentiu a garganta se fechar.

– No aeroporto, você disse que eu poderia vir com você e que poderíamos ser uma família. Você estava falando sério?

Catalina mordeu o lábio e assentiu.

– O que você sente sobre isso agora?

Ela engoliu em seco e olhou para o chão.

– Catalina?

– Eu sinto o mesmo.

De repente, ele estava diante dela, sem saber como se aproximara. Segurou-a pelo queixo e fez com que ela olhasse para ele.

Seus olhos cor de chocolate o fitaram com sinceridade, ansiosamente, diretamente.

Foi a vez de ele engolir em seco.

– Senti sua falta.

Ela arregalou os olhos.

Com o peito ameaçando sufocá-lo, Nathaniel disse as palavras que sabia que precisaria dizer se quisesse ter a felicidade que tanto desejara, mas da qual tivera medo.

– Eu sempre fui apaixonado por você. Foi por isso que resolvi lançar um empreendimento no seu país. Sem saber, eu queria estar perto de você. Eu estou fugindo desde a primeira noite que passamos juntos, mas não posso mais fugir, Lina. Você se apossou do meu coração e... eu não sei mais o que fazer. Nunca tinha sentido tanto medo como o que senti quando você fugiu de mim. E nunca me senti mais vazio do que

me senti durante o mês que passei sem você. Eu disse a mim mesmo que não queria magoá-la, mas a verdade é que você tem o poder de me magoar. Eu perdi todos a quem amava e pensei que, se admitisse o meu amor, também iria perdê-la.

Ele a segurou pelo rosto, querendo que ela *sentisse* a emoção em suas palavras.

– Mas, se eu não der esse salto de fé, como poderei saber? Como *nós* poderemos saber? Eu quero que sejamos uma família. Eu, você e nosso filho. Mas não tenho família há tanto tempo... Eu não sei como fazer isso.

Ele esperou que ela dissesse algo. Catalina abriu a boca, mas nada dizia.

– Se você também me ama, diga, por favor. Porque eu a amo e preciso de você. Eu sei que não mereço você e nem qualquer tipo de felicidade, mas...

– *Nunca* mais diga isso – falou ela de repente, com ênfase. – Seja lá o que tenha acontecido há 20 anos, acabou. É passado. – Ela segurou o rosto dele com as mãos. – Nós dois estivemos fugindo do amor. Só tínhamos conhecido a dor que o amor pode causar. Você, perdendo seus pais e sua irmã e, depois, seu tio. Eu, vendo a minha mãe ser destruída pelo amor e passando pela dor de perdê-la... Não admira que tenhamos cicatrizes e que tivéssemos sentido medo de amar. Você é o único homem que eu já desejei. O único que eu amei e de quem precisei. Juro que jamais teria dado o meu coração a outro, que iria protegê-lo para sempre, mas você se alojou dentro dele tão profundamente... – Catalina suspirou e se colocou na ponta dos pés e, de repente, a boca com que ele sonhava estava colada na sua, o hálito dos dois se misturava e, num piscar de olhos, os dois estavam abraçados e tão colados que nada poderia separá-los.

MUITO TEMPO depois, os dois estavam nus, deitados na cama, abraçados e com os rostos colados.

– Nenhum de nós dois sabe o que é uma família. Você não tem uma desde antes de eu nascer, e o exemplo que eu tive foi o pior possível – falou Catalina baixinho.

– Teremos a nossa própria versão de família. – Nathaniel acariciou o rosto dela. – Eu não achava que precisava ser salvo, mas você *me* salvou. Você é o meu mundo.

Ele a beijou.

E, de repente, lhe ocorreu que poderia beijá-la para sempre.

– Amo você – falou ele, junto aos lábios dela.

Catalina abraçou-o pelo pescoço.

– Eu também amo você. Para sempre.

– Para sempre.

Para sempre.

EPÍLOGO

CLAUDETTE GORGOLEJOU.

– Garota esperta – murmurou Nathaniel, esfregando o nariz no dela.

A menina gorgolejou novamente e deu um sorriso desdentado.

– Agora você precisa dormir de novo. Mamãe precisa descansar.

Mais um gorgulho.

Ele checou a fralda para ver se estava molhada e ficou contente ao ver que não estava. Nathaniel sabia que Aliana, que aparecera na casa deles inesperadamente, anunciando que “desertara” de Monte Cleure, e Clotilde, que tinham atribuído a si mesmas a função de babás, teriam ficado felizes em disputar a troca de fralda. Mas as noites eram reservadas à privacidade da família e eram apenas ele, Catalina e o bebê.

Ele colocou Claudette no berço, checou a babá eletrônica e saiu do quarto na ponta dos pés.

Quando voltou a deitar na cama quentinha, no quarto ao lado, ouviu os balbucios da filha, um som maravilhoso que nunca se cansaria de ouvir.

Catalina se virou, sonolenta, e lhe acariciou o rosto.

– Feliz Natal, meu amor!

– Feliz Natal, *mon papillon*!

E, pela primeira vez, em quase 30 anos, Nathaniel sabia que *aquele* Natal seria feliz. O seu salto de fé dera certo.

Lá fora, a tempestade de neve cobria Nova York com uma grossa camada de branco que iria deliciar todas as crianças, quando acordassem.

E que o deliciava.

A neve não lhe despertava mais lembranças dolorosas daqueles que perdera. Agora, o seu passado apenas reforçava tudo que ele ganhara. Sua esposa. Sua filha. Sua família.

Há duas semanas, o rei aparecera na casa deles, acompanhado por vários conselheiros, e perguntara se poderia conhecer a neta.

Sabendo que o rei não poderia fazer nada contra eles ali, mas mantendo um bom número de seguranças por perto, eles o deixaram entrar e viram Claudette derreter o coração do avô. Ou melhor, descongelá-lo um pouco. Quando o rei insistira para que eles a levassem a Monte Cleure, eles recusaram educadamente e lhe disseram que seria bem recebido sempre que quisesse visitar a neta em Nova York.

Nathaniel roçou a boca no lindo pescoço da esposa.

– Você quer o seu presente agora?

– Ele é grande?

Ele pressionou a ereção contra a sua coxa.

– Enorme.

Catalina riu baixinho e o abraçou.

Sim. Estava realmente sendo um Natal muito feliz.